

# Convergência

SETEMBRO • 2017 • ANO LII

504

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil – CRB  
ISSN 0010-8162



**CRB**

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad  
Editor: Irmão Lauro Daros, fms  
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vítório, sj  
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes  
Diagramação: Marília da Silva Ferreira  
Revisão: Agda Sã  
Impressão: Editora Gráfica Ipiranga  
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73



**EDIÇÕES CNBB**  
SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014  
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019  
Fax: (61) 2193-3001  
E-mail: [vendas@edicoescnbb.com.br](mailto:vendas@edicoescnbb.com.br)  
[www.edicoescnbb.com.br](http://www.edicoescnbb.com.br)

# Sumário

## Editorial

PE. TOMAZ HUGHES	5
------------------	---

## Mensagem do Papa

PAPA CONFIDENCIA AOS JOVENS A SUA MANEIRA DE LER A BÍBLIA Irmã Maria de Fátima Kapp, msp	8
---	---

## Mártires/Santos

BEATIFICAÇÃO DE PE. JOÃO SCHIAVO SACERDOTE DA CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ – JOSEFINOS DE MURIALDO Pe. Geraldo Boniatti	10
---	----

## Informes

POEMA AO AMIGO E IRMÃO PE. TOMAZ HUGHES	17
TOMAZ HUGHES, SVD, BUSCADOR DA “PÉROLA PRECIOSA” Pe. Ângelo Perin, ms	19
ÚLTIMO TEXTO ESCRITO POR PE. TOMAZ HUGHES	22
VIDA MONÁSTICA: LUZES E DESAFIOS DA <i>VULTUM DEI QUAERERE</i> Irmã Marta	25

## Artigos

UM OLHAR SOBRE O HORIZONTE DO TRIÊNIO Rafael Lopez Villasenor Stefano Raschietti	29
MÍSTICA E MEDITAÇÃO CRISTÃ Fr. Luiz Carlos Susin OFMCap	38
RELAÇÕES HUMANIZADORAS Susana María Rocca	48
“NOVOS ROSTOS DA MISSÃO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA” Salette Veronica Dal Mago	57

OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES	70
Ir. Salete Veronica Dal Mago	
INTERCONGREGACIONALIDADE COMO PARADIGMA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA EM "SAÍDA"	84
Joachim Andrade, SVD	
Rita Romio, STJ	
ANUNCIAR O EVANGELHO E DOAR A PRÓPRIA VIDA	93
Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs	

## Pe. Tomaz Hughes

*“Eis que eu estou fazendo uma coisa nova!”.*

(Is 43,19)

No mês da Sagrada Escritura, o Papa Francisco confia aos jovens a sua maneira de ler a Bíblia. “Quero confiar a vocês como leio a minha velha Bíblia. Frequentemente a pego, a leio um pouco, depois a deixo de lado e me deixo olhar pelo Senhor. Não sou eu que olho para Ele, mas Ele que olha para mim: Deus está realmente ali, presente. Assim me deixo observar por Ele e escuto – e não é um certo sentimentalismo – percebo no mais profundo de meu ser aquilo que o Senhor me diz”.

A seção Mártires/Santos traz a biografia do Pe. João Schiavo, que será beatificado em outubro, dia 28. O autor do texto, Pe. Geraldo Boniatti, dá a conhecer que Pe. João Schiavo era “um homem extraordinário vivendo o ordinário. Uma vida que podia simplesmente ser consumida dentro dos limites da Congregação, mas que, qual perfume agradável, se espalhou e perfumou a vida de milhares de pessoas de todas as classes sociais”.

A seção Informes inicia-se com a homenagem ao Pe. Tomaz Hughes, membro da Equipe Interdisciplinar da CRB, que faleceu em 15 de maio de 2017.

Irmã Fátima Kapp faz-lhe singela homenagem com o texto “Poema ao amigo e irmão Pe. Tomaz Hughes”, cuja última estrofe expressa: “Este Reino já presente, mas ainda não totalmente, / é o que confere sentido e significado / para levantarmos o nosso olhar e ver / as coisas novas que o Senhor está realizando: / ‘novos céus e nova terra, / que seus olhos já contemplam com a nitidez de olhos pascais, / enquanto nós ainda procuramos os sinais dessa Boa-Nova”.

Pe. Ângelo Perin escreve “Tomaz Hughes, SVD, Buscador da ‘perola preciosa””. Inicia o texto expressando: “Acabo de ser informado do passamento de Pe. Tomaz Hughes. A notícia calou fundo em meu coração. Não posso me furtar de dizer uma palavra sobre este grande religioso e sacerdote. A primeira palavra que veio à mente: “Tomaz foi um buscador da Pérola Preciosa”. Penso em quantas pessoas ele ajudou a encontrar sua “pérola preciosa” através dos retiros, cursos, assessorias... orientados com extrema sabedoria e competência.

Pe. Tomaz deixa-nos seu último texto dias antes do falecimento, apesar de debilitado: “Eu estarei com vocês todos os dias até o fim do mundo”, para o Domingo da Ascensão do Senhor (28/05/17). Ele finaliza a reflexão ensinando que “a festa da Ascensão não celebra o afastamento de Jesus da sua comunidade; mas, ao contrário: celebra a sua presença de uma forma nova – na comunidade missionária dos discípulos”.

Irmã Maria Inês, presidente da CRB, assim se expressa: “A Equipe Interdisciplinar da CRB perdeu um membro especial! Agradecemos profundamente ao Pe. Thomaz, que trouxe às nossas reflexões e decisões o impulso do Espírito Santo, ajudando a perceber que Ele ‘está fazendo coisas novas! Vocês não estão vendo?’”

Para o Frei Susin, “O Pe. Tomaz foi da espécie que desdiz a teoria do pecado original...tinha os dons do paraíso intactos... aliou conhecimento e realismo com inocência e alegria! Que privilégio tê-lo conhecido ao menos um pouco nos últimos anos. Deus seja louvado pela sua existência”.

Irmã Vera, monja passionista do Mosteiro de São Carlos – SP, escreve: “Vida Monástica – Luzes e Desafios da *Vultum Dei Quaerere*”. “O Papa, em sua Carta Apostólica *Vultum Dei Quaerere*, sobre a vida contemplativa feminina, tratando as Monjas como pessoas adultas, coloca-as no posto certo da sua missão como sentinelas da noite (Is 21,11), que do alto da sua experiência enxergam os clarões da aurora da luz divina que invadirá o mundo que, no seu afã entre as coisas que passam, não está apto a isso”.

A seção Artigos está com sete textos: seis sobre o Horizonte e as Prioridades da CRB para o triênio 2016-2019, de autoria da Equipe Interdisciplinar da CRB, e um referente ao mês da Bíblia, do Pe. Alfredo J. Gonçalves.

Pe. Rafael e Pe. Estêvão, com o texto “Um olhar sobre o horizonte do triênio”, explicam que “olhar para o horizonte ajuda a enxergar a realidade onde estamos e a avistar as grandes mudanças que vivemos, ocasionadas pelas grandes transformações, que criam crises no campo da política, da economia, da ética, da cultura, da religião, entre outros. Toda alteração da realidade tem consequências na vida cotidiana. Por esta razão, antes de entrar nas Prioridades, a Vida Religiosa Consagrada (VRC) é convidada a olhar para o Horizonte, estando consciente das crises que vivemos, sem perder a esperança, a mística e a profecia, crendo que Deus está fazendo coisas novas (cf. Is 43,19)”.

A respeito da primeira Prioridade, “Integrar Mística e Profecia”, Frei Susin apresenta a prática de meditação. “É nisto que vamos focar este artigo: na prática de exercícios de espiritualidade. Especificamente, escolhemos aqui a prática da meditação, um dos exercícios mais exigentes e gratificantes ao mesmo tempo em toda espiritualidade. Trataremos especificamente da meditação com características cristãs”.

A segunda Prioridade, Relações Humanizadoras e Solidárias, é contemplada pela Irmã Susana, com o texto “Relações Humanizadoras”. A autora destaca que “os novos tempos precisam de pessoas que saibam trabalhar em rede, em grupo, sem imposição nem autoritarismos, sem ‘gavetas ocultas’. A transparência e a abertura nos tiram da tentação de sermos religiosos(as) movidos(as) por conveniências pessoais ou meras simpatias (ou antipatias). A busca do diálogo nos ajuda a entender a visão dos irmãos e das irmãs e nos possibilita o exercício de circularidade”.

Irmã Salete, em dois textos, aprofunda a terceira Prioridade, “Missão com opção preferencial pelos pobres”. No artigo “Opção preferencial pelos pobres”, a autora afirma que “reassumir esta temática da ‘opção pelos pobres’ como prioridade significa que a VRC é chamada a voltar aos seus fundamentos, à Aliança com o Deus Bíblico, que é fiel a seu povo, ouve o clamor e desce para libertar. Consequentemente nos convida a uma fidelidade ao evangelho e à vocação a que fomos chamados no serviço ao Reino, Reino de justiça, solidariedade e paz”.

No artigo “Novos rostos da missão da VRC”, a autora esclarece: “A Prioridade assumida pela CRB que remete à opção preferencial pelos pobres nos convoca necessariamente a marcarmos presença e compromisso junto aos “novos rostos da missão hoje”, somando força nos movimentos sociais, no processo democrático, na luta pela justiça social, mais que necessária em nosso país no momento político e econômico em que vivemos. Nossa atuação é nas fronteiras existenciais, mas também geográficas, caminhando junto com o povo (...)”.

Na quarta Prioridade, Intercongregacionalidade, Pe. Joachim e Irmã Rita oferecem o texto “Intercongregacionalidade como paradigma da Vida Religiosa Consagrada em ‘saída””. Eles mostram que “a VRC contemporânea apresenta uma mudança radical em seus paradigmas, no sentido de desenvolver as atividades missionárias. Algumas congregações visam “periferia como paradigma”, outras “educação como paradigma”, outras ainda consideram “marginalidade como paradigma” da VRC. Dentro desse contexto, nesse pequeno artigo, pretendemos abordar a intercongregacionalidade como um paradigma da VRC contemporânea devido aos contextos e encruzilhadas que ela vem enfrentando nos últimos anos”.

Para o mês da Bíblia, Pe. Alfredo reflete sobre o tema “Para que n’Ele nossos povos tenham vida” e sobre o lema “Anunciar o Evangelho e doar a própria vida”. Pe. Alfredo inicia o texto assim: “A partir do cotidiano atual da Vida Religiosa Consagrada (VRC) – com seus desafios e esperanças, suas contradições e potencialidades – deixemo-nos interpelar e iluminar pelas palavras do Apóstolo Paulo: “Queríamos tanto bem a vocês, que estávamos prontos a dar-lhes não somente o Evangelho de Deus, mas a nossa própria vida” (1Ts 2,8).

# Papa confia aos jovens a sua maneira de ler a Bíblia<sup>1</sup>

MISSIONÁRIAS SERVAS DO ESPÍRITO SANTO

“Meus queridos jovens amigos,

Se vocês vissem a minha Bíblia, talvez vocês não ficariam por nada tocados. Diriam: ‘O que? Esta é a Bíblia do Papa? Um livro assim velho, assim usado!’. Poderiam também me presentear com uma nova, quem sabe uma de 1.000 euros. Não, não gostaria. Amo a minha velha Bíblia, aquela que me acompanhou metade da minha vida. Viu a minha alegria, foi banhada pelas minhas lágrimas: é o meu inestimável tesouro. Vivo dela e por nada no mundo eu faria menos dela.

A Bíblia para os jovens, que vocês apenas abriram, me agrada muito. Tão vivaz, tão rica de testemunhos de santos, de jovens, que dá vontade de lê-la de uma só vez, desde o início até a última página. E depois? Depois a escondem, desaparece numa prateleira de uma biblioteca, quem sabe atrás, na terceira fila, acabando por encher-se de poeira. Até o dia em que os vossos filhos a venderão em um mercadinho de usados. Não! Isto não pode ser!

Quero dizer uma coisa a vocês: hoje, mais do que no início da Igreja, os cristãos são perseguidos; por qual razão? São perseguidos porque usam uma cruz e dão testemunho de Cristo; são condenados porque possuem uma Bíblia. Evidentemente, a Bíblia é um livro extremamente perigoso, que causa tanto risco, que em certos países quem possui uma Bíblia é tratado como se escondesse no armário bombas de mão!

Mahatma Gandhi, que não era cristão, uma vez disse: ‘A vocês cristãos é confiado um texto que tem em si uma quantidade de dinamite suficiente para fazer explodir em mil pedaços a civilização inteira, para colocar de cabeça para baixo o mundo e levar a paz a um planeta devastado pela guerra. Mas a tratam, porém, como se fosse simplesmente uma obra literária, nada além disto’.

---

1 Disponível em: <http://br.radiovaticana.va>.

O que vocês têm, então, em mãos? Uma obra-prima literária? Uma seleção de antigas e belas histórias? Neste caso, seria necessário dizer aos muitos cristãos que se deixam aprisionar e torturar pela Bíblia: ‘vocês são realmente tolos e pouco sábios: é somente uma obra literária!’ Não, com a Palavra de Deus a luz veio ao mundo e nunca mais se apagou. Na minha Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* escrevi: ‘Nós não procuramos Deus tateando no escuro, nem precisamos esperar que Ele nos dirija a palavra, porque realmente ‘Deus falou, já não é o grande desconhecido, mas mostrou-Se a Si mesmo. Acolhamos o tesouro sublime da Palavra revelada!’.<sup>2</sup>

Vocês têm entre as mãos, portanto, algo de divino: um livro como fogo, um livro no qual Deus fala. Por isto, recordem-se: a Bíblia não é feita para ser colocada em uma prateleira, mas para ser levada na mão, para ser lida frequentemente, a cada dia, quer sozinho, como acompanhados. De resto, acompanhados vocês praticam esporte, vão ao shopping; por que então não ler juntos, em dois, em três ou em quatro, a Bíblia? Quem sabe ao ar livre, mergulhados na natureza, no bosque, na beira do mar, de noite à luz de velas...vocês fariam uma experiência forte e envolvente. Ou quem sabe vocês têm medo de parecerem ridículos diante dos outros?

Leiam com atenção. Não permaneçam na superfície, como se faz com histórias em quadrinhos! A Palavra de Deus não pode ser lida com um passar de olhos! Antes, perguntem-se: ‘O que diz este texto ao meu coração? Por meio desta palavra, Deus está me falando? Talvez esteja suscitando anseios, a minha sede profunda? O que devo fazer?’. Somente assim a Palavra de Deus poderá mostrar toda a sua força; somente assim a nossa vida poderá transformar-se, tornando-se plena e bela.

Quero confidenciar a vocês como leio a minha velha Bíblia. Frequentemente a pego, a leio um pouco, depois a deixo de lado e me deixo olhar pelo Senhor. Não sou eu que olho para Ele, mas Ele que olha para mim: Deus está realmente ali, presente. Assim me deixo observar por Ele e escuto – e não é um certo sentimentalismo – percebo no mais profundo de meu ser aquilo que o Senhor me diz.

Às vezes não fala, e então não ouço nada, somente vazio, vazio, vazio... mas, paciente, permaneço lá e o espero assim, lendo e rezando. Rezo sentado, porque me faz mal ficar de joelhos. Às vezes, rezando, até mesmo adormeço, mas não tem problema, sou como um filho próximo ao seu pai, e isto é o que conta.

Vocês querem me fazer feliz? Leiam a Bíblia”.

---

2 FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG). Documentos Pontifícios 17. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 175.

# Beatificação de Pe. João Schiavo Sacerdote da Congregação de São José - Josefinos de Murialdo

PE. GERALDO BONIATTI<sup>1</sup>

No dia 1º de dezembro de 2016, a Sé Apostólica publicou o decreto da Beatificação do Pe. João Schiavo, depois que o Cardeal Ângelo Amato, prefeito da Congregação da Causa dos Santos, apresentou ao Papa o relato da Reunião dos Cardeais e Bispos em que a cura de uma doença grave foi obtida pela intercessão do venerável Pe. João Schiavo. O Papa Francisco deu a sua aprovação e mandou publicar o Decreto do Milagre. Isto encheu de alegria a Congregação de São José, os Josefinos de Murialdo, pois Pe. João é membro desta Congregação, bem como as Irmãs Murialdinas de São José, de quem ele foi o iniciador no Brasil.

Pe. João Schiavo foi um sacerdote italiano que veio para o Brasil em 1931 para ajudar na formação e organização dos poucos membros da congregação que aqui chegaram em 1915. Pe. João, jovem sacerdote (ordenado em 1927), foi destinado à comunidade de Ana Rech, um pequeno distrito de Caxias do Sul, formado por imigrantes italianos. Ali os Josefinos de Murialdo tinham assumido a Paróquia de Nossa Senhora de Caravaggio, em 1928, que fora criada e acompanhada, por muitos anos, pelos Monges Camaldulenses.

---

1 Pe. Geraldo Boniatti, Josefino de Murialdo, atualmente mestre de noviços da congregação no Brasil. Licenciado em filosofia (Viamão/RS), Bacharel em Sociologia (PUCRS), Bacharel em Teologia (Pontifício Ateneu Anselmiano – Roma), Especialista em Gestão de Pessoas (Pitagoras- Kroton/MG).

Pe. João, de imediato, dedicou-se com empenho ao estudo do português para divulgar os princípios do Evangelho junto aos jovens, sobretudo apontando para a beleza da vocação cristã e da vocação sacerdotal e religiosa. Foi assim que já em 1932 iniciou o primeiro noviciado da Congregação no Brasil, sendo ele o mestre de noviços.

O entusiasmo pela vida cristã e vocacional tem origens bem profundas na vida de nosso bem-aventurado. Desde pequeno, o primeiro de 9 irmãos e irmãs, nascido de família profundamente cristã, mostrou paixão pelo Senhor. Quase diariamente participava da celebração Eucarística servindo ao altar como coroinha. Recebendo Jesus em seu coração, foi nascendo não apenas a vocação religiosa e sacerdotal, mas também uma vocação missionária.

Feitos os primeiros estudos no Seminário da Congregação em Montecchio Maggiore, Vicenza, Itália, em 1918, foi admitido ao Noviciado pelo venerável Pe. Eugênio Reffo, cofundador da Congregação dos Josefinos de Murialdo, e dedicou os anos seguintes ao estudo da filosofia e teologia, sendo ordenado sacerdote em 10 de outubro de 1927, com 24 anos de idade.

A Congregação sofreu muito com a perda de confrades durante a I Guerra Mundial. Mesmo assim, estava à disposição da Igreja para o campo missionário. Foi neste clima que o Pe. João escreveu ao superior geral da época para ser enviado às missões na América Latina, uma vez que os Josefinos de Murialdo assumiram, em 1922, o Vicariato Apostólico do Napo, no Equador. Pe. João sonhava ser missionário naquele país, entre os índios, tendo até o desejo de morrer mártir, se assim fosse a Vontade de Deus.

A ideia de missão que o Pe. João Schiavo tinha era justamente aquela de deixar a própria terra, qual novo Abraão, sem olhar para trás, e viver na nova terra como na própria pátria, junto com os que estavam ali encontrados como verdadeiros irmãos, filhos de Deus, herdeiros do mesmo céu. Ele vivia na fé, o que se costuma dizer, como um cidadão do mundo. Esta característica é própria dos que têm um coração totalmente apaixonado por Deus e totalmente doado aos irmãos.

A providência divina, através dos superiores religiosos, quis que viesse para o Brasil, pois aqui precisava de um bom coração para educar e formar outros corações no seguimento de Jesus Cristo, como sacerdotes e religiosos.

Assim escreveu em seu diário:

Fui escolhido para a missão do Brasil. Graças a Deus. Coração de Jesus, seja feita a tua vontade. Ó Jesus, amantíssimo, por teu amor, renovo o sacrifício da separação de meus pais, das minhas irmãs, do meu irmão, da minha pátria, do meu colégio, dos meus confrades...

Faze de mim o que quiseres.

Hoje podemos chamá-lo de bem-aventurado, reconhecido pela Igreja, por ter sido fiel e coerente com esse “juramento” feito nas primícias sacerdotais: ser tudo para todos. Fazer em tudo a vontade de Deus. Nada consta que Pe. João Schiavo tenha frequentado escolas especiais de espiritualidade, a não ser as tradicionais oferecidas pela cultura familiar, devoções populares, sacramentos, romarias, novenas, ações de caridade. Além destas, as devoções aprendidas na Congregação e nos retiros anuais, de modo especial seguindo os Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Não frequentou nenhuma faculdade. A vida de cada dia, guiado por Deus, foi a sua universidade.

As características da vida do Pe. João Schiavo são muito simples. Não há nada de extraordinário em sinais do além que o tenham distinguido de outras pessoas. Filho apaixonado pelo carisma que o Espírito Santo infundiu no Fundador da Congregação, São Leonardo Murialdo, Pe. João viveu em si e divulgou o amor misericordioso de Deus junto às crianças, adolescentes e jovens empobrecidos, pois, segundo Murialdo, Deus nos ama com amor infinito, terno, pessoal, atual, sobretudo misericordioso. Além de viver e de difundir o amor de Deus, Pe. João também repetia a cada dia: “Pai, eu sempre quis fazer a tua vontade”. Pe. João se torna agora, depois do Santo Fundador, São Leonardo Murialdo, o segundo bem-aventurado da Congregação dos Josefinos de Murialdo e da Congregação das Irmãs Murialdinas de São José.

Destaca-se na vida do Pe. João uma grande humanidade e um enorme espírito de humanização das pessoas. Qualidades específicas: humildade, simplicidade, espírito de trabalho, presença amiga entre as pessoas, um constante sorriso, ainda que as adversidades da vida exigissem o contrário. Muito empenho no trabalho de cada dia como educador, professor, sobretudo zeloso no atendimento às pessoas mais pobres da comunidade paroquial, orientador espiritual muitíssimo procurado.

Cultivava um belo espírito de oração, sobretudo através da adoração eucarística, herança do fundador São Leonardo Murialdo. Manifestava uma interiorização especial na celebração da Missa, sobretudo na homilia, partindo do conhecimento do povo para fortificá-lo no amor apaixonado de Deus para cada pessoa. Deus, amor e misericórdia, que compreende, que perdoa, que acolhe e caminha conosco. Não era um “pietista”, “intimista”, mas um sacerdote dinâmico, sempre “em saída” para atender o povo, antecipando de certa forma as provocações do atual Papa Francisco para toda a igreja.

Como organizador da congregação dos Josefinos no Brasil, foi o primeiro responsável. Com ele passaram os primeiros 44 noviços, dos quais 27 perseveraram na congregação e no sacerdócio. Foi o primeiro provincial da Província Brasileira por 9 anos. Tinha um carinho especial para todos os

confrades, sendo muito caridoso e compreensivo com as inevitáveis falhas humanas. Muito generoso no perdoar e no tolerar, sempre na esperança da recuperação. Ele mesmo, frequentemente, desculpava-se e pedia perdão aos confrades por suas infidelidades.

Pe. João foi um grande educador. Esteve presente nos primeiros anos da Fundação do Colégio Murialdo de Ana Rech e no mesmo colégio foi o fundador da Escola Normal Rural, famosa na formação de professores rurais, e lá permaneceu durante 30 anos. Ali se formaram 800 professores Normais Rurais que se dedicaram à formação de milhares de jovens, sobretudo nas fronteiras do Rio Grande do Sul e também de outros Estados.

Para dar segurança aos jovens, seguindo as orientações de São Leonardo Murialdo, iniciou em 1940 a construção do seminário da Fazenda Souza, por onde passaram mais de 1500 seminaristas, e duas centenas deles se tornaram religiosos e sacerdotes.

No compromisso com os pobres e abandonados, em 1947 deu início às atividades no Abrigo de Menores São José, em Caxias do Sul, hoje Centro Técnico Social, Colégio Paulo VI e Faculdade Murialdo.

Porém, não permaneceu apenas entre os conterrâneos italianos de cima da serra. Diante da solicitação do Bispo de Pelotas, assumiu um orfanato para os pobres naquela cidade. Aceitou ainda o desafio de abrir outro estabelecimento de atenção às crianças e adolescentes pobres em Rio Grande. Em 1954, enquanto provincial, deu início à Obra São José de Murialdo em Porto Alegre, hoje Colégio Murialdo, a Obra Social Murialdo e Santuário São José de Murialdo. Antes de concluir seu mandato de provincial, iniciado em 1946 e concluído em 1955, aceitou mais um desafio na educação. Assumiu o Colégio Mãe dos Homens em Araranguá, no estado de Santa Catarina. Acalentava profundamente o sonho de expansão em outros Estados do centro e norte do Brasil, especialmente nas periferias mais carentes das capitais.

Embora com pouca idade, depois de tantos anos de trabalho na organização da Província Religiosa e findando o período de Superior Provincial, pensava em um certo descanso, pois também nunca foi de saúde muito forte, sendo diagnosticado desde 1934 com problema cardíaco sério. Assim não aconteceu. Quando o espírito de Deus mora em um coração, as novidades acontecem inesperadamente e mesmo diariamente. Eis o Pe. João a dedicar-se a um grupo de jovens moças que queriam consagrar-se como religiosas. Havia, na serra gaúcha, muitas congregações femininas, às quais as moças podiam ser endereçadas, mas Pe. João lembrou-se de que na Itália estava iniciando a “Congregação das Irmãs Murialdianas de São José”, pelo Pe. Luigi Casaril, em 1954, a pedido do venerável Pe. Eugênio Reffo. Com

elas, iniciou a Congregação em 1954, sendo assim considerado o iniciador e formador das Irmãs Murialdinas no Brasil. Na organização desta Congregação, dedicou os últimos 11 anos de sua vida. Continuando sua ação de educador, fundou com as Irmãs duas escolas para pessoas mais pobres: uma em Fazenda Souza e uma outra em Caxias do Sul. Pe. João faleceu em 1967, com apenas 64 anos, com fama de santidade na boca de todo o povo.

Foi sepultado no terreno das Irmãs Murialdinas, na Fazenda Souza, por sugestão do Bispo diocesano Dom Benedito Zorzi. No túmulo está escrita a síntese de sua vida: “Pai, eu sempre quis fazer a tua vontade”. Desde o dia de seu falecimento, as visitas ao túmulo do Pe. João para pedir graças são ininterruptas.

As Irmãs Murialdinas de São José têm como carisma o mesmo que o Murialdo confiou aos Josefinos: “educação da juventude pobre e abandonada, com especial atendimento às famílias em suas necessidades”.

O Processo para a beatificação do Pe. João Schiavo foi iniciado pelo Bispo Diocesano Dom Paulo Moretto em 2001. Tudo procedeu rapidamente, pois a fama de santidade e as graças alcançadas foram e continuam sendo inúmeras. Uma cura milagrosa aconteceu para um senhor, morador de Caxias do Sul em 1997, o Sr. Juvelino Cara. Diagnosticado com Isquemia Intestinal Mesentérica Venosa, foi milagrosamente curado pela intercessão de Pe. João Schiavo. O médico, Dr. Ademir Cadore, declarou que diante do quadro em que encontrou o paciente não havia nada a fazer, a não ser esperar o óbito. Na cura instantânea só pode ter havido a mão de Deus (Atestado 03/10/1998).

Pe. João, de servo de Deus, passou a ser venerável em dezembro 2015 e, reconhecido o milagre em 2016, será declarado Beato pela Igreja Católica, em Caxias do Sul, em 28 de outubro de 2017, com a presença do representante do Papa, Cardeal Ângelo Amato.

Conclusão: convivi 10 anos com o bem-aventurado e, como escrevi acima, Pe. João parecia não ter nada de especial em sua vida, a não ser fazer a vontade do Pai, em forma extraordinária no ordinário da vida e missão. E a Vontade do Pai não é outra coisa senão viver a prática de Jesus, que é o rosto humano do Pai: “Quem vê a mim, vê o Pai”. Assim viveu o Pe. João, manifestando a misericórdia de Deus junto a todas as pessoas que o procuravam. Para todos estava disponível, de dia e de noite, na escuta, no conselho, no perdoar os pecados em nome de Deus, em reunir casais em dificuldades, em fazer encontrar um bom caminho para os jovens em dificuldades e, sobretudo, encantando jovens para a vocação religiosa e sacerdotal.

Fica para nós, cristãos, religiosos, religiosas e sacerdotes, o exemplo de que a santidade é possível a todos, vivendo com simplicidade as práticas de Jesus, que não nos deixa inquietos e nos convida a irmos para junto ao mais necessitado, como Ele fez nos caminhos da Palestina.

Podemos dizer que Pe. João simplesmente foi amigo de Deus e amigo dos homens. Um homem extraordinário vivendo o ordinário. Uma vida que podia simplesmente ser consumida dentro dos limites da Congregação, mas que, qual perfume agradável, espalhou-se e perfumou a vida de milhares de pessoas de todas as classes sociais. Era comum as pessoas por ele atendidas dizerem que tinham a impressão de terem falado com um santo, até com Deus.

Alguns pensamentos do bem-aventurado:

“Minha alma é uma águia, que, livre, voa para Deus. Muitas vezes, porém, está amarrada a uma corda e cai, vítima da tentação:

Um fio de ouro segura a gente: dinheiro, coisas...

Um fio de seda: amor-próprio, estima pessoal, soberba...

Um cabelo: paixões humanas, apego às criaturas...

Para me tornar santo, devo desapegar-me destes fios e usar os meios para levantar voo novamente”.

“Quem sabe amar está no caminho de curar qualquer neurose. Em mim, sacerdote e educador, todas as pessoas encontram o pai, o mestre, o guia, o amigo de como os filhos de Deus precisam de amor e amparo”.

## Oração para pedir a intercessão do Beato Padre João Schiavo

Deus de bondade e misericórdia, nós vos louvamos e vos bendizemos pela vida e santidade de vosso servo Beato Padre João Schiavo.

Dai-nos, por sua intercessão, a graça de vivermos como ele viveu, na total disposição à vossa vontade, em um profundo amor e adoração à Eucaristia, grande devoção à Virgem Maria e a São José e na escuta delicada e atenta a todas as pessoas, especialmente as mais pobres e necessitadas.

Fazei que possamos viver com o coração alegre e generoso. Concedei-nos, por sua intercessão, a graça de que tanto precisamos.

Nós vos pedimos também, ó Deus, pela intercessão de Pe. João Schiavo, o bem de toda Igreja, para vossa maior glória. Amém.

Pai-Nosso...

Ave-Maria...

Glória ao Pai...

Maiores informações sobre Pe. João Schiavo:

Site: [Pe. Joãoschiavo.com.br](http://Pe.Joãoschiavo.com.br)

Facebook: Pe. João Schiavo

Youtube: Pe. João Schiavo.

## Poema ao amigo e irmão Pe. Tomaz Hughes

IRMÃ MARIA DE FÁTIMA KAPP, MSPS

Pe. Tomaz, amigo e irmão, descanse em paz!  
É a prece que brota do mais profundo de nosso coração  
comovido pela sua partida,  
mas, sinceramente agradecido pelo seu testemunho  
de vida doada à missão, sua dedicação e sua constante alegria.

Missionário da Palavra,  
solidário aos pobres e sofredos,  
determinado em suas opções e posições,  
com veemência e simpatia,  
comunicava os ensinamentos do mestre Jesus,  
esclarecia e transmitia sua mensagem.  
E assim você avançava em sabedoria  
e alcançava ideais mais elevados.

Missionário do Verbo Divino,  
você percorreu o seu caminho  
com audácia e simplicidade, amante da verdade,  
incansável e atento em responder aos apelos  
do Deus da vida, disponível e a todos acessível.  
A sua pedagogia envolvia e atingia  
pessoas de idades distintas,

tocava corações, despertava atenções,  
motivava ao serviço e ao compromisso.

Gravados em nossa memória,  
para sempre permanecerão,  
como herança,  
sua lembrança e seus ensinamentos;  
e mais ainda, os valores encarnados  
em sua vivência, cuja essência nos  
transmitia com firmeza, vibração e leveza,  
na certeza de que, cedo ou tarde, sementes brotariam  
e o Espírito cuidaria de as florir e frutificar.

Humor e animação nunca faltavam nas rodas de conversas,  
como também em seus cursos e assessorias, nos quais,  
na interação com os participantes, a partir da realidade,  
você ministrava, com clareza e maestria, conteúdos diversificados  
e enraizados na Palavra de Deus,  
e, à Luz do Espírito, a profecia se fazia notar.

Pe. Tomaz, a certeza que nos consola  
é a mesma que você acreditou e na qual pautou sua vida:  
Cristo ressuscitado caminha conosco,  
sua Luz ilumina nosso caminhar de peregrinos.  
E o projeto missionário que orientou seus passos,  
objeto de nossa ação e atuação,  
situa-se num horizonte mais amplo e abrangente:  
o Reino.

Este Reino já presente, mas ainda não totalmente,  
é o que confere sentido e significado  
para levantarmos o nosso olhar e ver  
as coisas novas que o Senhor está realizando:  
“novos céus e nova terra”,  
que seus olhos já contemplam com a nitidez de olhos pascais,  
enquanto nós ainda procuramos os sinais dessa  
Boa-Nova.

Brasília, 15 de maio de 2017.

# Tomaz Hughes, SVD, buscador da “Pérola Preciosa”

PE. ÂNGELO PERIN, MS<sup>1</sup>

Acabo de ser informado do passamento de Pe. Tomaz Hughes. A notícia calou fundo em meu coração. Não posso me furtar de dizer uma palavra sobre este grande religioso e sacerdote.

A primeira palavra que veio à mente: “Tomaz foi um buscador da Pérola Preciosa”. Penso em quantas pessoas ele ajudou a encontrar sua pérola preciosa através dos retiros, cursos, assessorias... Orientados com extrema sabedoria e competência.

## Início com uma partilha pessoal

Conheci Tomaz na década de 1970, recém-chegado da Irlanda. Desde nosso primeiro encontro, dei-me conta de que se tratava de alguém especial. Pessoa alegre, disponível; repleta de humanidade, bondade, simplicidade. Pensei na riqueza que seria sua presença para a Vida Religiosa Consagrada e para a Igreja em terras brasileiras. Posteriormente, encontramos-nos em Maringá – PR, no Encontro da Regional Sul II da CNBB sobre a Pastoral Rural. Os Bispos do Paraná estavam preocupados com a situação dos pequenos agricultores e arrendatários. Desejavam, a partir das recomendações do Concílio Vaticano II, implementar uma pastoral orgânica de cunho transformador, contribuindo na conscientização da realidade e tornando os agricultores e sitiantes sujeitos de

---

<sup>1</sup> Pe. Ângelo Perin, ms. Rua Lange de Morretes, 533 – J. Social. 82 520-530 Curitiba – PR.  
E-mail: salettebh@bol.com.br.

seu próprio desenvolvimento, à luz do Evangelho. Começou, então, um processo pastoral organizando as comunidades rurais em grupos de famílias, por vizinhança. O método adotado foi na linha do Ver, Julgar e Agir.

Sáímos do encontro animados com essa possibilidade de construir a Pastoral Rural, em nível de Estado, organizada de forma comunitária e transformadora. Tratava-se de mudar as situações injustas, à luz da Palavra de Deus. Recordo-me que Pe. Tomaz, na despedida, não se cansava de agradecer pela riqueza do encontro. Vendo-o tão feliz e animado, veio-me à lembrança a passagem evangélica dos Reis Magos. Eles, guiados pela estrela, encontraram o Menino Deus na pequena Belém. O texto bíblico insiste que “voltaram por outro caminho”. Agora, eram “pessoas novas”. Pessoas convertidas, transformadas a partir do encontro com o mistério de Deus. Encontraram a pérola que deu novo sentido às suas vidas.

## A primeira pérola encontrada: as Comunidades Eclesiais de Base

Em seus primeiros anos no Brasil, Pe. Tomaz esteve servindo ao povo de Deus nas paróquias de cunho rural. Lembro-me dele em Pien, perto de Curitiba. Posteriormente, em Medianeira, diocese de Foz do Iguaçu, PR. Como pároco, abraçou decididamente o caminho dos grupos de reflexão, organizados por vizinhança. Na ação pastoral, buscava refletir e atuar sobre a realidade, muitas vezes injusta, à luz da Palavra de Deus. Pe. Tomaz fez da Paróquia uma “rede de comunidades”. O envolvimento do povo era crescente e as lideranças se multiplicavam. Havia um cuidadoso projeto de formação de lideranças populares. Foi um tempo de bastante criatividade e envolvimento. “Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada. Cada dia mais perto da terra esperada”. Era a voz do povo de Deus que se fazia ouvir nas comunidades assistidas por Pe. Tomaz. Lembro-me do pastor engajado com seu povo e feliz pela pérola encontrada: as CEBs, a Igreja em saída, a Igreja “povo de Deus”, Igreja servidora da vida.

## A segunda pérola: a Vida Religiosa Consagrada

A caminhada pastoral levou Pe. Tomaz a redescobrir o lugar da consagração religiosa: estar no meio do povo como “fermento” do Reino de Deus. Soavam forte, em seu coração, as palavras que direcionavam a missão de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Tomaz redescobre que, antes de ser sacerdote, é um religioso consagrado. Começa uma nova travessia. Assume a coordenação do Núcleo da Conferência dos Religiosos

(CRB) da Diocese de Foz do Iguaçu, PR. Começa a participar ativamente da vida da Conferência do(as) Religiosos(as). É eleito por duas vezes Presidente da CRB Regional Curitiba, PR. Foi um incansável incentivador de uma VRC inserida, profecia do Reino de Deus, boa notícia para os pobres. Percorreu praticamente, junto com seus pares de Diretoria Regional, todas as Comunidades Religiosas do Estado do Paraná. Simplesmente ser presença da “alegria do Evangelho”.

## Momento de “parada” estratégica

Pe. Tomaz sente que necessita de um tempo de reciclagem bíblico-teológica, em vista de ser uma presença mais autêntica e efetiva do Reino e do “Deus do Reino”. Passa, então, um ano na Europa, onde se aprofunda nos estudos bíblicos. Sente esta necessidade a partir de sua militância no Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI. Ele, junto com os Missionários de Nossa Senhora da Salette, os Frades Carmelitas e outras pessoas, participa da fundação do Centro de Estudos Bíblicos – Regional Paraná. Assume, por um período de três anos, como Coordenador Regional do CEBI. Foi um tempo forte de reflexão bíblica junto às lideranças pastorais, bem como na Vida Religiosa Consagrada.

## Terceira Pérola: a Palavra de Deus

Começa a etapa da plenitude. A pérola preciosa na vida do Pe. Tomaz será, daqui até o fim de sua vida, a Palavra de Deus. Redescobre a beleza e a profundidade do carisma fundacional de sua Congregação: “Verbo Divino”. Participa ativamente da vida da CRB Nacional, especialmente da Equipe Interdisciplinar, na área bíblica.

Lembro-me, com enorme saudade e gratidão, de nosso último encontro, em São Paulo. Foi por ocasião do Simpósio sobre a Vida Religiosa Consagrada à luz da Palavra de Deus, em 2006. Por mera coincidência, nós dois fomos palestrantes neste Simpósio. Ele na abertura, e eu no encerramento. Está bem viva em minha lembrança a exposição vibrante feita por Pe. Tomaz. Senti que estava na plenitude de sua vida religiosa e sacerdotal.

Já de cabelos brancos, fez-me lembrar de, quando jovem, chegou ao Brasil, cheio de entusiasmo, sonhos e vigor juvenil. Com profundo respeito e gratidão, em um “ piscar de olhos”, penso na envergadura missionária de Paulo apóstolo. A pérola preciosa de sua vida foi Jesus Cristo, o Verbo Encarnado. Sua síntese vital foi: “Já não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim”.

Tenho a convicção de que esta foi também a pérola preciosa que sintetizou a vida do Pe. Tomaz Hughes. Uma vida assim vale a pena ser lembrada.

## Último texto escrito por Pe. Tomaz Hughes<sup>1</sup>

Pe. Tomaz Hughes, svd, faleceu dia 15 de maio de 2017. Dias antes, mesmo debilitado, escreveu seu último texto: Domingo da Ascensão do Senhor.

### Domingo da ascensão do Senhor (28/05/2017)

*“Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos”.*

(Mt 28,20)

Chegamos ao último trecho do Evangelho de Mateus. Podemos dizer que o evangelho todo culmina na postura dos discípulos, descrita no versículo 17: “Ajoelharam-se diante d’Ele” uma postura de adoração, de reconhecimento de sua natureza divina. Porém, o trecho nos adverte que muitas vezes a nossa fé em Jesus também pode ser vacilante, quando fala “ainda assim, alguns duvidaram”.

As comunidades que podemos chamar de “mateanas” estavam em crise. Os líderes judaicos de então, diante da fraqueza da identidade judaica da época, insistiam em uma interpretação rígida da lei e não toleravam qualquer dissidência ou questionamento. Iniciaram um processo de expulsão dos judeus-cristãos da sinagoga, sob a acusação de estarem traindo a religião de Moisés para seguir os ensinamentos de Jesus. Com isso, os cristãos foram obrigados a buscar outros caminhos, fora do judaísmo oficial, em uma insegurança que exigia coragem para fazer a nova caminhada diante de tanta oposição até dentro da própria família. O Evangelho de Mateus nasceu, então, para fazer com que a sua

---

1 Pe. Tomaz Hughes, svd. Faleceu no dia 15 de maio de 2017, em Ponta Grossa-PR. Irlandês, religioso-missionário da Sociedade do Verbo Divino. Radicado no Brasil havia 45 anos, atuava especialmente na formação bíblica nas bases e como assessor bíblico da CRB e do CEBI. Dedicava-se a cursos e retiros bíblicos em todo o país. Publicou diversos artigos em *Convergência*, *Estudos Bíblicos* e publicações da VRC e é autor do livro “Paulo de Tarso: Discípulo-Missionário de Jesus”.

Disse e escreveu Pe. Tomaz: “A memória não é suficiente. Pode até ser desmobilizadora. Precisa ser completada com a esperança”. A CRB Nacional, sua diretoria, a equipe Interdisciplinar e todos os religiosos e religiosas se solidarizam com a Congregação do Verbo Divino e com os familiares de Pe. Tomaz, com um profundo agradecimento a Deus pelo grande dom que este sacerdote foi para a Igreja e para o mundo.

comunidade ficasse firme na fé em Jesus e entendesse que o seguimento de Jesus, longe de ser o abandono das tradições religiosas dos seus antepassados, era na verdade fidelidade a toda a caminhada do povo da Aliança. Para isso, toda a história de Jesus foi recontada de uma forma tal que os seus discípulos sentissem que ele era o Messias, o novo Moisés, o Emanuel, Deus no meio do seu povo. Logo no início, quando o anjo do senhor anuncia o futuro nascimento a José, o texto enfatiza que o filho “será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco” (Mt 1,23). No meio do Evangelho, falando aos discípulos, o próprio Jesus afirma: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles” (Mt 18,20). Agora, na última frase do Evangelho, o Ressuscitado garante que “eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Jesus era a presença de Deus conosco desde o início, ele está presente nas comunidades hoje e ele estará sempre conosco em todas as circunstâncias da nossa vida, para sempre.

Depois de um longo escrito de vinte e oito capítulos, o Evangelho termina de uma forma muito resumida, neste texto de hoje. É um texto tão denso em conteúdo que dificilmente a gente pode imaginar como dizer mais coisas em tão poucas palavras. Como gênero literário, reúne elementos das “entronizações” do Antigo Testamento com a comissão apostólica.

Em primeiro lugar, vale notar a localização do acontecimento em Mateus – na Galileia. Seguindo o mandamento dado pelo anjo do Senhor na manhã da Ressurreição (Mt 28,7), os discípulos voltam para a Galileia para encontrar-se com o Senhor Ressuscitado. Aqui “Galileia” significa mais do que um local geográfico! A Galileia era lugar da missão de Jesus, onde ele serviu os pobres e marginalizados pela sociedade e pela religião oficial. Voltar para a Galileia significava voltar para a prática de Jesus, um afastamento de Jerusalém, símbolo da sede de poder e dominação. Mateus nos ensina que quem quiser encontrar-se na sua vida com o Jesus Ressuscitado deve assumir o seguimento de Jesus na prática das suas opções, aplicadas às condições e desafios da sociedade de hoje. É o que o Papa Francisco não se cansa de ensinar. Depois vêm as normas, orientações e disciplinas. O que significa assumir as opções práticas de Jesus no nosso mundo de consumismo e exclusão, de materialismo e descrença? Cabe a cada Igreja local, a cada cristão indagar-se seriamente nesse sentido.

Embora haja uma referência à visão que os apóstolos tiveram de Jesus, a ênfase cai sobre as suas palavras. Não há nenhum relato da Ascensão, como existe em Atos (At 1,9-11), pois, para Mateus, já tinha acontecido junto com a Ressurreição. As últimas palavras de Jesus poderão ser divididas em três partes, referentes ao passado, ao presente e ao futuro. Jesus declara que toda a autoridade foi dada a Ele no céu e sobre a terra – o verbo está no passado e ensina que Deus deu a Jesus a autoridade como Filho do Homem. Essa autoridade é a

do Reino de Deus (Dn 7,14; 2Cr 36,23; Mt 6,10). O mandamento missionário se refere ao presente dos discípulos – a sua missão universal e permanente de alastrar o Reino de Deus, para que todas as culturas, raças, etnias e religiões cheguem a ter o conhecimento da verdadeira face de Deus. Assim, Mateus mostra que a Igreja é missionária por sua natureza, e uma Igreja que não é, está traindo a sua natureza e identidade. Missão não é proselitismo, não é angariar novos adeptos para a Igreja, mas é continuar a missão de Jesus, cuja mensagem foi centrada na chegada do Reino de Deus. Assim, somos chamados a sair dos limites visíveis das nossas comunidades para que, em diálogo profético com todas as pessoas da boa vontade, colaboremos para que o Reino de Deus – a vivência da vontade do Pai – torne-se realidade no nosso mundo.

Mateus não ignorava as dificuldades inerentes nessa missão. Cinquenta anos depois da Ascensão, a comunidade dele, perseguida e fraca, experimentava a tentação do desânimo. Por isso, Mateus insiste no elemento do futuro, que Jesus está e sempre estará com a comunidade dos discípulos. Por isso, não há por que desanimar diante das inevitáveis incompreensões e dificuldades. Pois, como dizia Paulo, a partir da sua experiência prática de missionário, quando Deus está conosco, nada estará contra nós (Rm 8,11).

A festa da Ascensão não celebra o afastamento de Jesus de sua comunidade; mas, ao contrário, celebra a sua presença de uma forma nova – na comunidade missionária dos discípulos. Domingo próximo, celebraremos um outro aspecto dessa nova presença, na Festa de Pentecostes.

## Palavras da Presidente da CRB, Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, mad.

Pe. Tomaz, desde que o conheci, possuía uma energia, uma vibração, um amor pela Igreja, pelos pobres e pela Palavra de Deus de causar “santa inveja”. Nunca vi o Pe. Tomaz desanimado e sem garra, fazendo toda sua parte para que o Reino acontecesse. Olha que o conheço desde 1981, quando trabalhei com ele na Diocese de Foz do Iguaçu, Paraná.

Vale lembrar o que diz o Frei Luis Susin, OFMCap: “O Pe. Tomaz foi da espécie que desdiz a teoria do pecado original...tinha os dons do paraíso intactos (...) aliou conhecimento e realismo com inocência e alegria! Que privilégio tê-lo conhecido ao menos um pouco nos últimos anos. Deus seja louvado pela sua existência”.

A Equipe Interdisciplinar da CRB perdeu um membro especial! Agradecemos profundamente ao Pe. Thomaz, que trouxe às nossas reflexões e decisões o impulso do Espírito Santo, ajudando a perceber que Ele “está fazendo coisas novas! Vocês não estão vendo?”

Obrigada, Pe. Tomaz, por tudo o que você foi à VRC e à Igreja.

# Vida monástica: luzes e desafios da *Vultum Dei Quaerere*

IRMÃ MARTA<sup>1</sup>

“Não é fácil que este mundo – pelo menos a grande parte dele que obedece à lógicas de poder, riqueza e consumo – compreenda a vossa vocação especial e a vossa missão escondida; e contudo tem uma necessidade imensa dela. Como o marinheiro no mar alto precisa do farol que indique a rota para chegar ao porto, assim o mundo tem necessidade de vós. Sede faróis para os que estão perto e sobretudo para os afastados. Sede tochas que acompanham o caminho dos homens e mulheres na noite escura do tempo. Sede sentinelas da manhã (cf. Is 21,11-12) que anunciam o nascer do sol (cf. Lc 1,78). Com a vossa vida transfigurada e com palavras simples ruminadas no silêncio, indicai-nos Aquele que é caminho, verdade e vida (cf. Jo 14,6), o único Senhor que oferece plenitude à nossa existência e dá vida em abundância (cf. Jo 10,10). Gritai-nos como André a Simão: ‘Encontramos o Messias’ (cf. Jo 1,40); anunciai, como Maria de Magdala na manhã da ressurreição: ‘Vi o Senhor!’ (Jo 20,18). Mantende viva a profecia da vossa existência doada. Não tenhais medo de viver a alegria da vida evangélica segundo o vosso carisma”.<sup>2</sup>

Nietzsche, filósofo associado ao pré-existencialismo, deu asas ao orgulho humano de construir uma sociedade, uma cultura sem Deus. Mas Deus, transcendente e humilde, é encontrado pelos que não O tentam, e se revela aos que não lhe recusam a fê (Sb 1,1). Deus não faz apologia sobre si

---

1 Ir. Marta, monja passionista do Mosteiro de São Carlos – SP. E-mail: mspaulodacruz@yahoo.com.br.

2 FRANCISCO. Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere* (VdQ). Documentos Pontifícios 26. Brasília: Edições CNBB, 2016, n. 6.

mesmo: as suas obras de amor – a criação e a redenção – narram a sua presença. Não O percebe quem não quer, quem não quer crer.

Mas a busca insistente do louco nos “Relatos de Zaratustra”<sup>3</sup> que percorrendo com sua lanterna à luz da manhã, na sua ansiedade, é a revelação da angústia humana que procura Deus, mesmo sem o saber. Nietzsche com o seu personagem revela a sua própria angústia existencial de alguém que rejeita a Deus, mas ao mesmo tempo o busca em um frenesi de uma atração natural: “tu nos fizestes para Vós e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Vós” (Santo Agostinho).

“Antes de prosseguir no meu caminho  
E lançar o meu olhar para frente  
Uma vez mais elevo, só, minhas mãos a ti,  
Na direção de quem eu fujo.  
A ti, das profundezas do meu coração,  
Tenho dedicado altares festivos,  
Para que em cada momento  
Tua voz me possa chamar.

Sobre esses altares está gravada em fogo  
Esta palavra: “ao Deus desconhecido”.  
Eu sou teu, embora até o presente  
Me tenha associado aos sacrílegos.  
Eu sou teu, não obstante os laços  
Me puxarem para o abismo.  
Mesmo querendo fugir  
Sinto-me forçado a servi-te.

Eu quero te conhecer, ó Desconhecido!  
Tu que me penetras a alma  
E qual turbilhão invades minha vida.  
Tu, o Incompreensível, meu Semelhante.  
Quero te conhecer e a ti servir.<sup>4</sup>

3 Não ouvistes do louco que acendeu uma lanterna em meio à luz da manhã, correu ao mercado, e gritava sem parar: “Eu busco Deus! Eu busco Deus!”? Como estivessem por ali, naquele momento, muitos daqueles que não crêem em Deus, houve muito riso. “Por que será que ele se perdeu?”, disse um. “Será que ele errou o caminho como uma criança?”, disse outro. “Ou estará ele se escondendo?” “Com medo de nós?” “Será que ele viajou, ou emigrou?” Assim gritavam eles e riam. O louco saltou no meio deles e partiu-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?” gritou ele. Vou dizervos: Nós o matamos. Todos nós somos seus assassinos. Mas como fizemos isto? Como fomos capazes de beber o mar? Quem nos deu esponja para apagar o horizonte inteiro? Que fizemos nós quando quebramos a corrente que ligava esta terra ao seu sol? Para onde vamos nós agora? (...) Não estamos vagando ao sabor de um nada infinito?

4 Oração ao Deus Desconhecido de Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Onde encontrar Deus, hoje, em mundo tão complexo, de tantos antônimos e paradoxos, de tantas contradições e incertezas, senão nos olhos daqueles que crêem e perscrutam o invisível?

O Papa, em sua Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere*, sobre a vida contemplativa feminina, tratando as Monjas como pessoas adultas, coloca-as no posto certo da sua missão como sentinelas da noite (Is 21,11), que do alto da sua experiência enxergam os clarões da aurora da luz divina que invadirá o mundo que, no seu afã entre as coisas que passam, não está apto a isso.

Mas o que o contemplativo vê nada mais são do que miragens da face divina, pois se afirmasse que o viu, não seria um genuíno contemplativo: Deus está para além dos nossos conceitos, das nossas medidas, dos nossos esquemas.

A vida do contemplativo é tecida a cada dia pela inusitada atração de ver o Senhor, porque, na noite da fé, foi tocado por algo da doçura da sua presença-ausência: “como a fragrância de teus refinados perfumes” (Ct 1,3), pois “esta doença de amor jamais se cura, A não ser com a presença e com a figura.”<sup>5</sup>

O contemplativo é peregrino na alma em uma tensão entre o já e o ainda não, entre presença e ausência do divino.

Endossando toda esta inquietação, chega às portas dos nossos Mosteiros a Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere*. Talvez só nós, contemplativas, podemos sentir na pele o quanto ela tem de desafiador, inquietador e até mesmo – dizendo jocosamente – de “perturbador”!

Acostumadas à tranquilidade dos nossos claustros em Mosteiros Autônomos, o documento nos coloca o desafio de construir estruturas de comunidade com o diferente (ainda que sejam os Mosteiros da própria Ordem) e tantas outras novidades distintas do nosso dia a dia, que, certamente, foram ali colocadas com a intenção de nos ajudar a crescer. Mas a partir deste documento e, em nosso caso com a intervenção da Santa Sé,<sup>6</sup> estamos partilhando a mesma desestabilização e inquietude que agitam a humanidade e a cultura hodiernas. A fé nos ajuda a viver este momento: quem sabe não estamos sob a ação da profecia de Jeremias?<sup>7</sup> Pois, como diz o Eclesiastes:

5 Poema de São João da Cruz, cap. XI. Disponível em <https://tarcisiosilva680.wordpress.com/2015/06/07/poema-de-sao-joao-da-cruz/>. Acesso em: 27/06/2017.

6 Em junho de 2015 a Sagrada Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de vida Apostólica teve a iniciativa de nomear uma Religiosa de outra Congregação como Delegada Geral para realizar com as Monjas Passionistas um caminho de revitalização.

7 “Vê: dou-te hoje poder sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares” (Jr 1,10).

Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus: Tempo para nascer, e tempo para morrer; tempo para plantar, e tempo para arrancar o que foi plantado;

Tempo para matar, e tempo para sarar; tempo para demolir, e tempo para construir”. (Ecl 3,1-3)

Mas, não é por menos, pois somos parcela deste nosso mundo que, entre acertos e erros, procura o melhor. São Damião de Molokai, aos leprosos aos quais tinha dado toda a sua vida e sua honra, também ele contaminado pela lepra, ao se perceber assim, logo em sua primeira homilia, se dirigiu aos seus irmãos dizendo: “Nós, os leprosos”.

Certamente a inquietação que este novo nos traz, faz-nos sentir parte integrante de uma humanidade inquieta que caminha entre buscas e incertezas. Em nossa oração, o mundo se encarna em nós, que, com cada homem e mulher, buscamos também em Deus um porto de paz e misericórdia.

A Igreja monástica é a que foge para um lugar especial que lhe foi preparado por Deus no deserto e esconde seu rosto no Mistério do silêncio divino, e ora enquanto se desenrola a luta do grande combate entre a terra e o céu. Sua fuga não é uma evasão. Se o monge fosse capaz de compreender o que se passa dentro dele, poderia dizer que muito bem sabe como o combate está sendo travado em seu próprio coração.<sup>8</sup>

---

8 MERTON, Thomas. A Vida Silenciosa.

# Um olhar sobre o horizonte do triênio

RAFAEL LOPEZ VILLASENOR<sup>1</sup>

STEFANO RASCHIETTI<sup>2</sup>

Horizonte é linha de formato circular que aparenta fazer com que o céu se una ao mar ou à terra. Para poder observar um novo horizonte, temos de estar de olhos abertos, analisar os detalhes no geral e no particular de cada realidade.

Olhar para o horizonte ajuda a enxergar a realidade onde estamos e a avistar as grandes mudanças que vivemos, ocasionadas pelas grandes transformações, que criam crises no campo da política, da economia, da ética, da cultura, da religião, entre outros. Toda alteração da realidade tem consequências na vida cotidiana. Por esta razão, antes de entrar nas Prioridades, a Vida Religiosa Consagrada (VRC) é convidada a olhar para o horizonte, estando consciente das crises que vivemos, sem perder a esperança, a mística e a profecia, crendo que Deus está fazendo coisas novas (Is 43,19).

Nós não daríamos conta de analisar cada aspecto de um horizonte tão amplo. Escolhemos apenas alguns pontos que nos parecem importantes: primeiro, olhar de maneira rápida a realidade sociocultural; em seguida, ver as relações de misericórdia, com ênfase na comunidade; em terceiro,

---

1 Missionário xaveriano. Faz parte do grupo interdisciplinar da CRB. Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. E.mail: rafamx65@gmail.com.

2 Missionário xaveriano, italiano, no Brasil desde 1990. Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, SP, foi Secretário Executivo do Centro Cultural Missionário de Brasília, Assessor do Conselho Missionário Nacional e da Conferência dos Religiosos do Brasil. Atualmente é Diretor do Centro Cultural Conforti, Curitiba, PR, doutorando em teologia pela PUCPR e membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB.

uma atenção especial para a mística, profecia e esperança; e, finalmente, o “paradigma da saída”, fundamental para uma profunda renovação da VRC.

## 1. O horizonte e realidade sociocultural

Vivemos em tempos de crise ética, acentuada no campo da política e da economia. É preciso repensar a função do Estado, a redescoberta de valores éticos, a superação de uma cultura da corrupção. Existe uma forte tendência, por parte de políticos, de se perpetuarem nos cargos a qualquer custo, criando uma série sem fim de escândalos e impedindo o surgimento de novas lideranças.

Somos afetados pela cultura líquida do consumo, individualista, subjetivista e utilitarista, gerando incertezas e riscos. Há uma busca pela satisfação imediata dos desejos com indiferença para o bem comum. Nessa esfera do individualismo, predomina a mentalidade em que cada um se julga dono das próprias decisões. A família também passa por dificuldades éticas e sociais, afetada pelo consumismo e pelo individualismo.

Vivemos em tempos de globalização econômica, que se sobrepõe às dimensões da vida humana e as condiciona. O mercado busca a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas, gerando injustiças, negando os direitos adquiridos há anos. Privilegiam-se o lucro e a redução de custos, ocasionando a exploração da mão de obra com desemprego e baixos salários.

Nas questões ecológicas e ambientais, o Planeta vem sofrendo com alterações climáticas significativas. É o chamado aquecimento global e suas consequências, como derretimento de geleiras, enchentes, furacões e seca, atribuídos à ação humana.

No campo religioso, assistimos ao crescente pluralismo com o aumento do número de denominações religiosas, um claro secularismo e um forte fundamentalismo, especialmente nos centros urbanos.

## 2. Relações de misericórdia

O Papa Francisco, em discurso aos religiosos e religiosas em Kkottongnae (Coreia do Sul),<sup>3</sup> pede aos(às) consagrados(as) que vivam a alegria enraizada no mistério da misericórdia, para que se tornem “especialistas na misericórdia divina, precisamente através da vida em comunidade”. Ainda o

---

3 Disponível em: <http://www.acidigital.com/noticias/texto-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-com-religiosos-e-religiosas-em-kkottongnae-29976/>. Acesso em: 7 de julho de 2016.

Papa afirma que “a vida comunitária nem sempre é fácil, mas é um terreno providencial para a formação do coração”. É normal que surjam conflitos e incompreensões, mas é necessário enfrentá-los. Contudo, “é na vida comunitária que somos chamados a crescer na misericórdia, na paciência e na caridade perfeita”.

Acreditamos firmemente que não há autênticas, despojadas e desarmadas “relações de misericórdia, com palavras, gestos e atitude humanizadoras, priorizando os empobrecidos e vulneráveis, as juventudes e a ecologia integral”, se essas não acontecem também na comunidade em que vivemos, com os irmãos e irmãs com quem convivemos. Muitas vezes, entre os consagrados e as consagradas, percebe-se um descompasso nas relações em casa e nas relações fora de casa. Aqui mora o desafio. Precisamos de um discernimento que nos ajude a compreender a *koinonia*, as relações com os nossos interlocutores na comunidade, como serviço à *diaconia*, as relações com os nossos interlocutores na missão, e vice-versa, a *diaconia* como serviço à *koinonia*. Contudo, a primeira tensão nos parece, à primeira vista, a mais problemática.

Não existe VRC perfeita, sem conflitos e desafios; é sempre uma construção com as virtudes e limites dos membros que a formam. Nela devem ser integradas as diferenças e dificuldades. Porém, criar um clima de confiança ajuda a formar um ambiente de liberdade e responsabilidade. Quando a VRC constrói uma atmosfera de respeito, tolerância, abertura, escuta e afeição incondicional, está possibilitando um clima de crescimento e de fraternidade sadia, superando o individualismo comunitário e a fuga para novas fronteiras tecnológicas.

Como o Papa Francisco afirmou, é necessário fazer a experiência focada na solidariedade e misericórdia. Portanto, a VRC deve ser lugar de coparticipação, de correção, de amizade, de gratuidade, de conversão, de perdão, de aceitação e de lealdade. É o lugar do crescimento, mas também é o lugar de constantes desafios. Porém, acontece que nem sempre os(as) consagrados(as) estão maduros(as) e preparados(as) para compartilhar e viver em harmonia e doação.

Pensando na vida comunitária, reparamos que, nos últimos tempos, o conceito de comunidade esvaziou-se, tudo é comunidade. Existem vínculos líquidos e passageiros, sem consequências. As relações comunitárias, sociais e laços afetivos são vulneráveis. O cunho mercadológico passa a interferir nas relações afetivas, focalizando a materialidade do ser humano.<sup>4</sup> Portanto, para formar comunidade, não basta morar na mesma casa religiosa, também é necessário ter objetivos comuns, metas bem definidas,

---

4 BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

prioridades básicas que favoreçam a superação do individualismo e possíveis fugas para o mundo cibernético. Viver em comunidade é um aprendizado, um desafio, um ato de misericórdia cotidiano. Significa superar limites e ir além dos interesses pessoais, olhar mais para o “nós” e menos para o “eu”, sabendo que a comunidade é o espaço privilegiado para criar relações misericordiosas de comunhão fraterna.

A VRC, fragilizada por mágoas, competição, ironia e rigidez, leva, em certas ocasiões, as consagradas e consagrados a se refugiarem no mundo virtual ou/e na televisão. Uma caminhada marcada pela insatisfação e pela amargura, que nos encerra na mágoa pelos sonhos não realizados, se torna uma caminhada solitária e pode levar ao individualismo e ao refúgio no mundo virtual, deixando de lado a vida comunitária. A fragilidade dos vínculos comunitários pode torná-los emblemáticos, conflitantes, inseguros e ambivalentes, que devem ser superados pela vivência da misericórdia.

As relações virtuais nunca podem substituir as relações presenciais comunitárias, como o “sentar-se à mesa” ou olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa face a face. “Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos”.<sup>5</sup> Essas atitudes são fruto do líquido mundo moderno, pois construímos e sustentamos as referências comuns de nossas identidades em movimento.<sup>6</sup>

O caminho de crescimento passa pela correção fraterna comunitária, mas é necessário o autoconhecimento que evite a projeção dos defeitos, purifique o olhar, elimine as distorções e enganos e, ainda, permita a compreensão e a criatividade com os outros. Supõe ser corajoso, sem ter medo do conflito ou possíveis reações. Na correção fraterna é necessário, acima de tudo, a misericórdia, com um bom nível da auto-estima que permita “se expor”, que aceite e pondere o que foi dito, sem fazer um drama das pequenas ou grandes críticas. Mas, ter o desejo de melhorar e de mudar, sabendo que os outros veem dimensões de minha vida que eu não posso ver, o que ajudará na superação do individualismo comunitário.

Sem misericórdia não existe VRC. Não há verdadeira comunidade onde não se verifica o progresso na vivência fraterna e misericordiosa. A misericórdia é atitude do amor infinito de Deus, que abraça e acarinha toda a humanidade. É a entrega divina que acolhe e perdoa a todos; é a identidade do mistério da Santíssima Trindade, que deve ser experimentado na

---

5 EG, n. 87.

6 BAUMAN. Z. *A sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

vivência da vida comunitária. A misericórdia é a manifestação da compaixão infinita de Deus, que vem ao nosso encontro como ato último e supremo. Também na VRC sempre deve existir uma nova chance como ato misericordioso.

A negação da compaixão é contrária à misericórdia. É rejeitar a experiência do amor que liberta e dá a paz. A misericórdia deve ser sempre o princípio fundamental que mora no coração de cada consagrado(a), que vê com olhos sinceros o(a) irmão(ã). A missão do(a) consagrado(a) não é condenar ou julgar, mas permitir o encontro pessoal com o amor misericordioso de Deus. Toda ação comunitária deve estar cheia de misericórdia e compaixão. Portanto, ela é a força que vence, enche o coração de amor e consola com o perdão e a reconciliação.

### 3. Mística, profecia e esperança

A mística é a energia vital que leva a agir a partir de uma motivação fundamental, a partir de um número de valores dos quais não se pode abrir mão, inclusive com o risco de perder a própria vida. A mística é uma dimensão humana da vida à qual todos(as) têm acesso quando descem em um nível mais profundo de si mesmos(as). A VRC possui essa mística como experiência de Deus e, a partir daí, nascem o entusiasmo e a energia para o engajamento em favor da vida.

A VRC é chamada a fazer a experiência mística do seguimento de Jesus, em comunhão com o Deus vivo, na opção pelos pobres, como fez Jesus. É a fé motivada em prol da vida. É a experiência do Deus da Vida, que nem sempre se desenvolve na instituição religiosa, mas é o impulso irresistível para conservar a vida e afirmá-la como valor absoluto.

A mística sustenta a esperança e o profetismo. Eles são parte da espiritualidade da VRC, e não podem existir separadamente, porque perdem sua efetividade histórica. Existe um perigo real em separar profetismo e utopias, desencarnando ambos, quer por reducionismo subjetivista, quer por reducionismo em chave atemporal de eternidade, mas a eternidade está ligada à temporalidade, uma vez que o verbo se fez história. Para alcançar a harmonia entre esperança e profetismo, é necessário situar-se no lugar social, político, econômico e religioso da história.

Um mundo carente de esperanças precisa, mais do que nunca, da mensagem cheia de esperança do Reino de Deus. A mensagem do Reino de Deus é a esperança que pode abrir novos horizontes. Abre o olhar para a dimensão transcendente, sem esquecer a realidade histórica concreta.

Dentro do Cristianismo, sempre existiram grandes místicos, como é o caso da vida monástica, que procurou a perfeição,<sup>7</sup> ou martírio, considerado como a maior virtude de todo cristão. Todas as utopias dentro do cristianismo tentavam viver e fazer acontecer a fraternidade e igualdade, pregadas durante toda a história. Portanto, a VRC é um dos muitos caminhos para o seguimento de Jesus Cristo.

A esperança surge no momento de sofrimento e de opressão, e aí nasce a luz da esperança de justiça e libertação. Foi assim que nasceu a luta pela terra, pela casa, por melhores condições de vida. A capacidade de desejar um mundo diferente gera sempre esperanças e utopias. A impossibilidade de realizá-las plenamente leva da esperança ao desespero. A esperança é o motor para a transformação a história.

A VRC necessita viver a esperança escatológica, mas enquanto se articula com as mediações históricas, assume utopias históricas para o momento atual. A mística e a espiritualidade são o alimento da esperança, dos anseios mais profundos do ser humano e impulsionam para além daquilo que é possível na atual correlação de forças sociais.

## Convocados(as) a viver em saída

Dizem que, ao ser questionado sobre as possíveis estruturas caducas que a Igreja teria de abandonar,<sup>8</sup> o Papa Francisco teria sido bastante perspicaz ao responder que, antes, é preciso “sair” para enxergar quais destas estruturas é preciso transformar.

Sair, portanto, está em primeiro lugar, e define a necessidade da missão para a VRC como caminho fundamental de renovação.

Na sua origem, a palavra “missão” significa “envio”, “partir”, “sair”. Todo o “envio” pressupõe um ponto de partida, um ponto de chegada e uma tarefa a ser cumprida. O ponto de partida é Deus-Pai, que envia o Filho e o Espírito Santo, que nos enviam à comunidade, destinatária e protagonista do anúncio do Evangelho. Já os membros da comunidade são convidados a saírem e irem ao encontro dos outros irmãos e irmãs, até os confins do mundo. O ponto de chegada é a alegria da vida plena no Reino de Deus. A tarefa é anunciar a proximidade desse Reino anunciado, convidando as pessoas a se

7 A vida monástica se identifica como um pequeno grupo que busca um ideal, mas muitas vezes não acredita que a sociedade possa ser transformada, nem que se possa ser feliz nela. Por isso se criam conventos, colônias sectárias, criando um micromundo, contra o macro, seja de caráter religioso, ou secular socialista.

8 CELAM. *Documento de Aparecida* (DAP). São Paulo - Brasília: Paulus - Paulinas - Edições CNBB, 2008, n. 265.

tornarem discípulas de Jesus, seguidoras do seu Evangelho e anunciadoras do seu amor.

Mas o termo latino *missio* quer dizer também “libertar”, “deixar andar”, “soltar”; o envio tem tudo a ver com liberdade e libertação. Esse sair para anunciar o Reino de Deus precisa “andar solto”. As estruturas da VRC muitas vezes prendem o Evangelho. As amarras institucionais não soltam a missão, nem as missionárias e os missionários pelo mundo afora: há sempre uma “necessidade” que prende a missão “aqui”, interrompendo o fluir da Graça da alegria do Evangelho. O Espírito, ao contrário, é como um rio: precisa ir à procura do mar, pelos caminhos que só Deus conhece, muitas vezes fora da lei e dos trilhos de nossa compreensão.

A VRC não é feita para ficar presa em suas instituições, em seus assentos e em suas estruturas: ela foi criada para estar em movimento, pegar fogo e se lançar ao mundo. Essa é sua natureza: sua razão de ser é estar em saída.

Mas essa sua saída não está somente em um deslocamento aventureiro de “pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos”;<sup>9</sup> nem em uma intensa ação de visita a famílias e comunidades pelos cantos mais remotos de nosso Brasil; nem simplesmente em trilhar veredas pelos caminhos do mundo pluricultural, encarando os desafios lançados por uma sociedade cada vez mais secularizada.

A saída da qual falamos e da qual o Documento de Aparecida e o Papa Francisco falam é uma saída profunda, que toca as dimensões mais íntimas da vida dos discípulos missionários e da VRC como um todo. Não é sair para querer tomar conta da vida dos outros, com os nossos projetos e as nossas visões de mundo. Isso não é missão: é dominação. Não é sair para estender nossa influência na sociedade e agregar assim mais adeptos à nossa instituição. Também isso não é missão: é proselitismo. Não é somente sair para querer fazer do mundo uma só família e ser solidários com os mais pobres, e buscar com isso apenas uma realização pessoal. Da mesma forma, isso não é missão: é autocomplacência.

A saída missionária exige purificação, atitude penitencial e uma profunda conversão das nossas melhores intenções: “impõe-se uma conversão radical da mentalidade para nos tornarmos missionários”.<sup>10</sup> Por isso, necessitamos de uma ação insistente, paciente e participativa de mudança de mentalidade da qual possa surgir uma nova maneira de pensar, de agir, de acreditar, de

9 PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), n. 19.

10 JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (RMi), n. 49.

caminhar e de sonhar para continuar a semear a esperança do Evangelho no meio de todos os povos.

Essa mudança consiste em passar da visão da missão como “expansão” da Igreja e “implantação” do Reino de Deus no mundo à visão da missão como “encontro” e “proximidade” com os povos. No lugar de insistir em querer “catequizar”, “redimir” ou “salvar” as pessoas, como se fossem “objetos” ou “alvos” da nossa ação, a missão transforma-se profundamente ao tentar compreender nossos interlocutores simplesmente como “gente”, com toda dignidade, respeito e valor que esse termo exige: Deus já se encontra no meio deles!

Missão, portanto, é ir ao encontro, tornar-se companheiro dos pobres e hóspedes na casa dos outros, fazer acontecer o Reino de Deus no reconhecimento, na escuta e no diálogo.

O encontro com Jesus Cristo é proporcionado pela maneira com a qual nos aproximamos e encontramos as pessoas. “Na América Latina e no Caribe – diz o Papa Francisco – existem pastorais ‘distantes’, pastorais disciplinares que privilegiam os princípios, as condutas, os procedimentos organizacionais, sem proximidade, sem ternura, nem carinho. Ignora-se a ‘revolução da ternura’, que provocou a encarnação do Verbo. Há pastorais posicionadas com tal dose de distância que são incapazes de conseguir o encontro: encontro com Jesus Cristo, encontro com os irmãos. Esse tipo de pastoral pode, no máximo, prometer uma dimensão de proselitismo, mas nunca chega a conseguir inserção, nem pertença eclesial. A proximidade cria comunhão e pertença, dá lugar ao encontro. A proximidade toma forma de diálogo e cria uma cultura do encontro”.

Sair, portanto, é um processo profundamente pascal, uma passagem que nos transforma e nos converte em discípulos e discípulas de Jesus através de um tempo crítico de peregrinação rumo ao mundo do outro. É uma viagem necessariamente para fora e para dentro de nós mesmos. A missão autêntica, quer a vivamos como processo psicológico, quer como sociológico, quer como geográfico, implica sempre vida, morte e ressurreição da nossa própria vocação.

## Conclusão

A VRC é chamada hoje a redescobrir a própria vocação a partir de duas palavras simples e corriqueiras: testemunho e profecia.

O testemunho é, certamente, a exemplaridade de vida e de santidade, mas é também, e antes de tudo, “o que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalparam” (1Jo 1,1). A profecia é, certamente, a proclamação, o anúncio e a denúncia, mas é também, e antes de tudo, “prenúncio do futuro”, algo que tem a ver com a realidade escatológica do Reino.

A relação entre testemunho e profecia é como a relação entre vida e palavra: a palavra sem a vida se torna vazia; a vida sem a palavra se torna insignificante. O testemunho é fidelidade, entrega, pé no chão; a profecia é audácia, utopia, apelo à conversão: a eloquência silenciosa do testemunho e a ousadia impertinente da profecia que discernem o presente a partir do horizonte referencial do Reino.

O nosso mundo espera hoje da VRC simplesmente um testemunho de vida e uma palavra relevante que possa aquecer os corações, alimentar a esperança e abrir caminhos para o encontro vivo com Cristo.

## QUESTÕES

1. Como podemos criar novas relações humanizadoras e de misericórdia em nossas comunidades de VRC?
2. O que podemos fazer para reavivar uma mística que sustente a profecia e a esperança em tempos de crises e de conflitos?
3. Qual é o significado de sair perante a necessidade da missão para a VRC, como caminho fundamental de renovação?

## Mística e meditação cristã

FR. LUIZ CARLOS SUSIN<sup>1</sup> OFMCAp

*“Que te agradem as palavras de minha boca e o meditar do meu coração em tua presença”.*  
(Sl 19,15)

A espiritualidade é como navegação em largo oceano: precisa de barcos. O espírito, como o corpo, precisa não só de alimento, mas de ginástica, de práticas, e até de “técnicas” para seu exercício. Por mais que compreendamos que “tudo é oração”, que “orar sem cessar” é simplesmente tomar consciência de que estamos sempre na presença amável de Deus, inclusive quando estamos nas refregas da ação, dos engajamentos, da política, a espiritualidade é algo que, para que seja vida incessante, precisa ser “praticada” em tempos, lugares e formas específicas. É nisto que vamos focar este artigo: na prática de exercícios de espiritualidade. Especificamente, escolhemos aqui a prática da meditação, um dos exercícios mais exigentes e gratificantes ao mesmo tempo em toda espiritualidade. Trataremos especificamente da meditação com características cristãs. Pois nem toda meditação é cristã. Filósofos, poetas, cientistas, mas também mães de família, crianças e religiosos de todas as tradições, quedam-se pensativos em meditações, às vezes criativas, às vezes sofridas, às vezes propositadamente e disciplinadamente vazias. Há uma forma especificamente “cristã” de meditar.

---

1 Luiz Carlos Susin, frei capuchino, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, é professor na PUC-RS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (Estef), em Porto Alegre. Participa da Direção Editorial da Revista Internacional de Teologia Concilium. Membro fundador e ex-presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), ministra frequentemente cursos intensivos na área de teologia sistemática, tanto no Brasil como em outros países. Autor de vários livros, entre eles: A criação de Deus e Jesus, filho de Deus e filho de Maria, da Editora Paulinas. Integra a Equipe Interdisciplinar da CRB.

É constrangedor constatarmos que ao nosso redor crescem as propostas de meditação oriental, de tradições budistas ou hindus, ou inclusive em estilo *sufi* e *baha'i*, de fundo muçulmano – todas admiráveis por seus aspectos variados de métodos e propósitos, e também por seus benefícios espirituais e terapêuticos – enquanto grande parte dos cristãos desconhece o tesouro da tradição cristã em termos de exercício de meditação. Não é nosso foco aqui apresentar uma história da meditação percorrendo os dois mil anos de cristianismo, mas convém enumerar brevemente alguns traços, começando pelos anacoretas dos desertos, pelos cenobitas habitando suas celas em torno de uma capela. Depois vieram os mosteiros, a vida contemplativa dos cristãos era incentivada a partir de uma leitura bíblica. Com espaços e tempos de retiros, de “deserto”, e a introdução regrada da prática de meditação na vida monacal como *Lectio Divina*, depois nas Ordens religiosas mendicantes e nas Congregações, até mesmo as mais apostólicas e missionárias, masculinas e femininas. Todos se inspiraram cristãmente e ainda têm como referência as narrativas de retiros de Jesus ao deserto e à montanha, passando ali longos tempos, dias e noites inteiras diante da Palavra. Fundamentar a meditação cristã em Jesus é óbvio e cristalino. A pergunta é sobre como se ocupava Jesus retirado uma noite inteira em oração. É lógico: a oração que Jesus ensinou – o Pai-Nosso – é a oração que ele mesmo rezou. Mas ele se entreteria toda a noite rezando o Pai-Nosso? Desceremos ao detalhe mais adiante.

Seria a meditação um privilégio da Vida Religiosa Consagrada (VRC)? Nos dias em que vivemos, em que quase todos, consagrados e consagradas, têm agendas tão ativas e aceleradas como de executivos de empresas, são justamente os executivos, os profissionais liberais, etc., que clamam por tempos de meditação, por cursos e mestres, por *Transcendental Meditation Training*, haja vista a repercussão do livro “O monge e o Executivo” de James Hunter, sucesso inclusive no Brasil. Mais perto de nós, a literatura de Anselm Grün, de Henri Nouwen e de Jean-Yves Leloup, apenas para ficar em alguns exemplos, tem nos ajudado a praticarmos leituras meditativas, um modo substancioso e importante – e simples – de meditação. Hoje há recursos audiovisuais pipocando por todo lado: mensagens com imagem e som em *youtube*, em *whatsapp*, sem falar dos já clássicos *slides* de *Data Show*. Mas isso ajuda? A saturação e a pirotecnia de belas mensagens pela tela não conseguem exatamente o contrário de uma verdadeira meditação? Enchem ao invés de esvaziar? Vamos aprofundar.

## 1. O que é uma meditação “cristã”?

Antes de tudo, o que não é uma meditação propriamente cristã, pois há muitas tradições religiosas que têm suas formas próprias de meditação, e hoje, até mesmo sem motivação religiosa, há quem busque meditar por outras razões. Há, de fato, um nível que poderíamos chamar de “antropológico” na busca e na prática da meditação: a concentração e o cultivo cuidadoso que ela exige é eficaz para a integração psíquica, para melhorar as funções do corpo em geral, para melhorar o rendimento no trabalho, nas relações, na atenção à ação, enfim para conseguir equilíbrio interior e nos relacionamentos com os outros e com o ambiente, já que cria sensibilidade. A meditação, nesse caso, está voltada para o cultivo da subjetividade, para o bom desempenho do “eu”. Embora não se deva suspeitar necessariamente de narcisismo, ela tem um caráter “narcísico”, algo como cultivar o próprio sorriso olhando-se ao espelho. Assim, ela pode ajudar a ser melhor, a ter uma personalidade mais sensível, mais bondosa, etc. É claro que não é preciso ser cristão para ter este cultivo. É coisa boa e justa, mas é algo que “os pagãos também fazem”.

A meditação cristã pode ser compreendida por seu histórico, sobretudo por seu nascedouro em termos de prática regrada e constante. Vamos situá-lo no deserto: afinal, cristãos foram ao deserto sobretudo para meditar e orar. Parece que o fato de um número considerável de analfabetos terem ido ao deserto tenha ajudado a estruturar a meditação cristã: eles se localizavam nas redondezas de um mestre que pudesse ler para eles o texto da Escritura. Então o mestre “entregava” aos demais o versículo bíblico a ser bem guardado na memória e então lembrado e repetido centenas e centenas de vezes ao longo da jornada. Como a leitura, também o versículo a ser lembrado repetitivamente era feito originalmente pronunciando-o em voz alta. Mas logo passou a ser uma repetição “em pensamento”.<sup>2</sup>

A meditação cristã tem assim duas características:

1. É meditação de uma “palavra”, e palavra “sagrada” porque é uma palavra das fontes da revelação e da salvação, palavra que transmite vida, palavra de “alguém”, de uma alteridade que, em si mesma, ainda que se dê generosamente na palavra, permanece além dela no mistério insondável. A meditação cristã não visa o despojamento de qualquer pensamento

---

2 Os cristãos fizeram também o caminho inverso: assim como meditavam, começaram a ler sem mais pronunciar o que liam, segundo o que nos conta Santo Agostinho, admirado pela forma como encontrou Santo Ambrósio mergulhado em sua leitura sem mais pronunciar o que lia. Essa mudança e essa economia na leitura provieram da meditação.

interior até chegar ao silencioso e libertador “vazio transcendental”. O cristão aprende a meditar depois de escutar e acolher em si a palavra, depois da proclamação da palavra que provém de “alguém”: a palavra é relação com uma alteridade. É bem verdade que a palavra, a linguagem, é sempre para-bola: lança para além dela como uma metá-fora: toda palavra tem caráter metafórico, cumpre sua missão quando se transcende a palavra em direção à fonte mesma da palavra, que é inefável mistério de alguém, silêncio pleno de presença. Mas a espiritualidade cristã mantém a diferença, não mergulha em uma com-fusão com o mistério de uma alteridade que, mesmo intensamente presente, tão presente a ponto de se fazer carne e humildade criatural, se mantém uma “alteridade” divina. A palavra é ao mesmo tempo a relação íntima e a distância transcendente na qual a criatura se mantém respeitosamente diante do mistério e o reconhece e adora como mistério. Daqui decorre o privilégio da palavra sobre o silêncio na meditação cristã. Não só porque no princípio de tudo “Deus disse” (Gn 1,3a), mas porque a palavra permanece relação até o último versículo bíblico e até a adoração celeste no canto de louvor eterno.

2. A meditação cristã se tornou repetição da palavra: palavra e relação de longa duração, algo comparável à ruminação bovina, retomando e mastigando repetidas vezes o mesmo bocado para chegar a integrá-lo inteiramente como alimento e vida. Repetição que, como toda meditação, chega ao silêncio exterior, concentrando o movimento para dentro de si, do próprio corpo, até o silêncio também interior mais completo, mas silêncio da intimidade com alguém, com a fonte da palavra, “união” e comunhão, que são mais do que contemplação. É a realização da metáfora joanina: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo” (Ap 3,20).

Com estas premissas que devem permanecer firmemente no exercício da meditação cristã, o ponto seguinte é não uma teoria, mas a prática meditativa.

## 2. A forma e o exercício da meditação cristã

Em termos de forma, inclusive de técnicas – operacionalização – pode-se ganhar muito com outras tradições. É sabido que o budismo, apenas para exemplificar, desenvolveu formas admiráveis de concentração da mente, que estão disponíveis cada vez mais perto de nós no Brasil. Lançando um olhar, ainda que superficial, para a exuberância das culturas religiosas, poderíamos dividir as formas de meditação que levam à quietação, aos estados modificados de consciência, ou ao êxtase, ao transe, entre dois

extremos: a quietude que chega a uma respiração lenta e profunda em um corpo inteiramente imóvel, por um lado, e, por outro lado, o movimento até espasmódico e frenético do corpo em danças e contorções. Entre os extremos há um espectro grande de movimentos e aquietamentos.<sup>3</sup>

A meditação, inclusive etimologicamente – da latim, o verbo reflexivo *meditari* – tem um significado medicinal de se dobrar sobre algo com atenção, para cuidar, tal como “pensar” arcaicamente, mesmo em português significa “pensar feridas”, ter o cuidado terapêutico, de socorro, à dor. Podemos até verificar que pessoas ficam “pensativas”, “reflexivas” e “meditativas” diante da dor, da morte, da finitude, da fragilidade, do perigo. Em algumas línguas evoca uma tomada de distância, uma saída do ruído do cotidiano que nos envolve para prestar atenção a algo essencial. No entanto, rituais os mais diversos segundo as culturas religiosas tão variadas neste nosso Planeta significam justamente tudo isso, reagem à dor, à morte, à fragilidade e ao perigo, mas juntam a afirmação da força e da confiança, da exuberância da vida, e justamente como remédio, como socorro, como cura e superação. Por isso se dança diante do nascimento e da morte, se levanta as mãos na dor tanto quanto na alegria. A meditação tem algo de cuidado medicinal.

Agora, a nossa meditação tem uma forma pacata, até bem simples e prosaica, comparada à imensa riqueza cultural de rituais religiosos. É simplesmente colocar-se diante da palavra, da presença a que ela nos apresenta, e permanecer simplesmente neste *face a face* espiritual mediado pela palavra e pelo silêncio. Isso precisa de alguma explicação:

1. A nossa fé na proximidade de Deus na carne de Jesus simplifica muito a nossa forma de religião e a aproxima muito do cotidiano. Não há mais necessidade de observação de luas e de rituais alimentícios, etc., o que Paulo viu muito bem. Isso vale também para a oração e para a meditação. Mas isso não significa que possamos esquecer as exigências antropológicas da religião, com toda a liberdade e a criatividade de filhos e filhas de Deus.

---

3 Por exemplo, a dança sufi dos dervixes em ritmo e movimento circular com rituais de braços, de cabeça e de pés, além dos rituais de saudação e concentração que precedem e seguem o tempo da dança mística. Se mergulharmos na exuberância dos povos indígenas do Brasil, a dança ganha uma coreografia mais compacta e o silêncio do corpo e do olhar se estende para o texto cósmico lido na retina profunda dos olhos escuros. Outro exemplo de forma de meditação, agora claramente diante da palavra e do texto, é o movimento da inclinação da cabeça ritmado da tradição judaica. E também do coro dos monges em suas estelas, um movimento suave e adorante que acompanha a doxologia trinitária. Na outra ponta extrema nos deparamos com o ritmo do tambor: dos indígenas das Américas à África profunda e ao pacífico, quando bate o tambor abrem-se os diques que separam o interior e a terra, e tudo entra em vibração, a massa toda transformada em energia e espírito numa grande comunhão. Dos xamãs da Sibéria, das diversas escolas budistas e das alegres tradições hindus até a energia vibrante da África, o corpo orante em êxtase ou meditação se sustenta com expressões culturais impressionantes.

Tudo o que faz bem não só é permitido, mas deve ser apreciado, inclusive certas “técnicas” vindas de diferentes tradições, como é o caso do rosário, que abordaremos logo em seguida.

2. Pela mesma razão, a tradição cristã sente como exotismo, portanto algo estranho, a preocupação exagerada com a forma. Ela ajuda, mas não decide. Se decidisse, teríamos em nossas mãos uma poderosa magia capaz de subjugar o mistério divino, e isso soa praticamente como uma blasfêmia. Assim também as nossas palavras e os nossos pensamentos: eles não são mágicos ou poderosos, não nos inclinam para uma onipotência do narcisismo. São simplesmente a nossa expressão, o nosso coração e a nossa cordialidade levada à boca – *sinceridade* – no reconhecimento da presença do mistério que se apresenta a nós de face pela mediação da palavra sagrada que nos é dada na leitura orante.

Dito isso, além da evocação dos inícios da meditação cristã nos desertos e na mente dos anacoretas que ruminavam se alimentando da palavra do dia, vamos evocar as lições de duas tradições meditativas, ainda que tenham uma estrutura comum de fundo, o hesicasmo e o rosário:

1. O hesicasmo, atualizado em pílulas urbanas no “terço bizantino” do Pe. Marcelo Rossi, em São Paulo, é uma grande tradição do oriente cristão, também celebrizada na oração do “peregrino russo”. De certa maneira, é herdeira dos monges do deserto, e foi um vasto movimento espiritual de simplicidade e despojamento para se centrar no essencial, para estar na presença divina. A “oração de Jesus” é o essencial: tomando um verso, uma palavra ou uma frase curta e simples dos evangelhos, ela se torna uma recitação contínua, uniforme, monótona e longa até perder a noção de tempo.

Na liturgia bizantina, e mesmo na liturgia latina, se conservou esta simplicidade recitativa no “tropos”. Em grego, *tropos*, do verbo *trepein*, que significa “virar” e “tomar um caminho”, uma nova direção, tinha a ver com os pensadores da corrente “cética”. *Skeptos* significa justamente refletir, meditar, pensar melhor, pensar diferente. Assim sinalizavam a necessidade de suspender o pensamento, os juízos, buscando outra verdade, não evidente. Esse ato de suspender, voltando à oração hesicastas e depois à sua herança na liturgia, está na repetição de antífonas, que retornam em meio às estrofes. As “grandes antífonas”, porém, podem ser recitadas muitas vezes sem mesmo intercalar estrofes. A palavra *antífona* já indica a existência de dois grupos ou dois coros em contracanto, mas o essencial em tudo isso é a repetição de algo simples, que conduz à suspensão e à docilidade do pensamento em se deixar conduzir pelas poucas palavras que se repete. Um

exemplo excelente que ficou na tradição hesicasta e do peregrino russo é a confissão do publicano: “Senhor, tem piedade de mim, pecador!” – repetida três ou cinco mil vezes no decorrer do dia... recolhido ou andando, coincidindo cada “jaculatória” dos lábios e da mente com o movimento rítmico da respiração.

De fato, sem pretender exagerar nas posturas corporais, mas, pelo contrário, colocando-se em posturas simples e despojadas, é importante que o corpo inteiro seja oração. Por isso, uma postura não só “confortável” – palavra repetida nos cursos seculares de *Meditation Training* –, mas também postura “elegante” é a recomendação. Elegância coincide com postura correta em todo o corpo. Quando é meditação sentada, é importante uma coluna reta, braços descansados, pés bem postados, cabeça bem centrada, etc. Quando é meditação em pé e caminhando, então que seja também de ombros e peito erguido, passos ritmados com suave firmeza. Tudo – sentado ou andando – sem rigidez. Portanto, músculos relaxados, olhos pousados sem inquietação. Ou seja, o aquietamento começa em um corpo com posturas calmas e elegantes. Uma “passada” consciente por todo o corpo para ir se colocando, parte por parte, em boa e elegante disposição, é uma exigência de preparação.

E, como ensina a “oração de Jesus”, coincidindo com todos os métodos de meditação, é importante uma respiração bem ritmada, mais profunda e calma do que no cotidiano. Uma boa respiração afasta a ansiedade, acalma os pensamentos. No nosso caso, em que a primazia da meditação é a palavra, o hesicismo e o peregrino russo levam o ritmo da respiração a coincidir com o ritmo das poucas palavras repetidas. Assim a própria respiração vai assumindo as palavras, e mesmo quando já não se pronuncia, quando se está distraído ou se dorme, o coração vela e ora – pela respiração!

2. O rosário, do ponto de vista formal, ou seja, como “técnica” de oração, é a tradição que os católicos latinos receberam do oriente mais distante e transformaram em meditação cristã. Basta constatar que hindus e budistas recitam mantras, e muçulmanos, *ayat's* (versículos do Alcorão, desfiando contas ou algo semelhante. A repetição de um som, de um nome, de um versículo, é das mais universais formas de se recolher para a meditação silenciosa. Assim, o rosário, como o *Angelus*, foi adaptação que se popularizou desde a Idade Média, como sabemos. Nele estão os “mistérios” narrados para a meditação, lembrados de forma absolutamente simples, e logo a recitação mantém o ritmo, que deve ser calmo, intencionalmente monótono, des preocupado, sem perder a boa forma. Não se trata de encher os ouvidos de Deus com a ansiedade de muitos pedidos “como fazem os pagãos”, mas de repetir com a docilidade de quem diz, sem parar, “eu te amo!”.

O rosário – ou o terço – é oração de recolhimento, justamente para meditar. A televisão é um complicador, pois é espetáculo, requer fluxo constante de imagens, de brilhos e cores. Dificilmente consegue induzir ao silêncio. Está mais para carnaval. Ajuda para uma mensagem, para pregação ou catequese. O terço recitado com o rádio recolhe mais, é só ouvido – o que, aliás, pode-se fazer também com a televisão fechando os olhos. Paul Claudel, o poeta francês, teve uma conversão súbita ao entrar sozinho, distraído, na catedral de *Notre Dame*, quando o organista ensaiava uma partitura. A profundidade e a altura sonora do órgão tornavam aquele silêncio mais eloquente, e ele se viu caído de joelhos em pranto, ficando ali um tempo longo, indefinido, imóvel. O som, a música, é frequentemente um grande sustento de momentos místicos e de meditação, mas é necessário discernimento e cuidado, porque ela tem a mesma ambiguidade da imagem.

Do oriente se aprendeu também que estar sempre no mesmo lugar e na mesma posição (*sutra*), assumir sempre a mesma fórmula e o mesmo som (*mantra*), e contemplar sempre o mesmo simples e despojado objeto de atenção (uma vela, um ícone, o sacrário), são elementos simples e importantes ao mesmo tempo, ao alcance de todos. Rezar um terço lá de vez em quando... não ajuda muito. É na repetição cotidiana que está sua eficácia meditativa. Muitas vovós analfabetas, por ele, foram pessoas de alta contemplação e mística.

Não é necessário ter almofadões e ambientes sofisticados, desenhados por *experts* em meditação. Basta sentar-se bem na cadeira ou no banco, ter uma roupa simples, um calçado simples ou pés descalços, pouca luz, um pouco de beleza. Nesse sentido, *Taizé* é um bom exemplo de vida simples, até rude em alguns aspectos, sem muito conforto, mas centrada na oração – uma capela voltada para o ícone iluminado de muitas velas, uns banquinhos teresianos, uma túnica branca, repetição de refrãos e silêncio depois de proferir o texto bíblico.

Aqui sublinhamos o respeito à forma, às “técnicas” mínimas que devem ser observadas se não quisermos defraudar a dimensão antropológica da meditação, lembrando mais uma vez, porém, que o que decide na meditação cristã é a interiorização da palavra e a consciência da presença amorosa e adorante de quem a enviou. Por isso, nossa repetição do rosário é escandida por mistérios de Cristo, segundo a tradição medieval da cristologia dos “mistérios da vida de Jesus”, os eventos de revelação e salvação condensados nesses mistérios.

## 2. As possibilidades de meditação no contexto urbano contemporâneo

Embora breve, este último item deve ser considerado com realismo e como desafio. Não é necessário dizer o que todo mundo sabe a respeito do tumulto das agendas, da locomoção, dos horários, dos arranjos da cidade grande. Do caos, porém, vem a energia e a inspiração criativa. Também para a meditação e a oração, justamente mais necessárias. É uma questão de oportunidade e de exercício, e até de sobrevivência. Pe. Marcelo Rossi, a seu modo, ajudado por seu bispo, especialista em patrística, encontrou uns minutos à meia-noite da grande São Paulo. A televisão torna a meditação um pouco afetada, mas, se fecharmos os olhos, melhora. É que se não se consegue meditar meia hora como mínimo ideal ao nascer e ao se pôr o dia, segundo os ritmos do sono e da vigília natural, então no meio da loucura que não deixa respirar bem, parar três minutos para respirar com calma e em cada respiração repetir um versículo do salmo, isso pode salvar nossa alma, ao menos naquele dia.

As recomendações do item anterior poderão soar luxuosas para quem vive o cotidiano das megalópoles. Mas se houver tempos “fortes” (em um retiro, ou em tempos de férias) para enraizar um pouco mais a meditação, ela pode ser transferida de alguma forma para o ônibus, mesmo em pé no meio do aperto, como Thomas Merton ao sair do mosteiro em uma tarde em plena praça movimentada de Louisville, no Kentucky. Ele meditou contemplando tudo o que estava ao seu redor, sem recusar nada e recolhido ao mesmo tempo, por que trazia consigo o exercício da meditação.

Embora a meditação seja um exercício eminentemente pessoal, individual, a meditação em comunidade de meditantes tem uma eficácia maior do que as palavras e as confidências para criar comunhão. É algo como o êxtase vivido por Agostinho e Mônica juntos: tornaram-se uma só alma. Quedar-se meia hora em silêncio lado a lado diante da Palavra e da Presença que está na raiz de todos os seres faz destes um só coração. Se isso vale para com a paisagem, os pássaros e as estrelas, vale na mesma ou maior intensidade para com quem medita ao nosso lado. Para dificuldades irracionais de relações, terapeutas recomendam simplesmente olhar-se em silêncio de face por algum minuto, diversas vezes, em silêncio, e a reconciliação acontece. A meditação comunitária, lado a lado, cura as feridas e os ressentimentos, cria boa disposição ao perdão e à leveza das relações, aumenta a união entre os participantes.

À medida que se progride na meditação, não há distração que não seja alimento para a própria contemplação e meditação. Uma distração é uma “concentração em outro lugar”, um lugar que está pedindo atenção do meditante.

Até o diabo se torna interessante, ao menos mais manso. No entanto, em meio à tecnologia e o “diabo a quatro” do agito urbano, um jejum de tecnologia, um despojamento de máquinas e aparelhos, uma desconexão geral, para ter o prazer de uma interiorização, é saudável em todos os sentidos. Entregar-se no meio do cansaço a uma meditação sonolenta, entre a vigília e o sono, revela-se também muito fecundo, pois nesse lusco-fusco da consciência entregue é que ficam as impressões que vão orientar a vigília do coração enquanto o corpo descansa no sono. Até que tudo se torne, até mesmo a cidade grande com seu fascínio e suas misérias, parte do ícone, do salmo, do face a face adorante e reconhecido por uma presença: “tu me envolves por trás e pela frente (...) se eu descer até os infernos, aí também te encontro” (Sl 139,5;8b). Mas, para tanto – ai de mim! – meditar é preciso.

## QUESTÕES

1. Em comunidade e em particular, reveja as características da meditação oriental e da meditação cristã. O que há de comum nas duas propostas e o que é específico da meditação cristã?
2. Que benefícios possibilita a meditação para o corpo, a mente e o espírito?
3. O que a CRB deseja com a Prioridade “Integrar Mística e Profecia”? Em sua experiência e observação, quais resultados traz para a missão a integração Mística e Profecia”?

# Relações humanizadoras

SUSANA MARÍA ROCCA<sup>1</sup>

## Introdução

Uma das impactantes características da contemporaneidade é que vivemos um tempo de incerteza existencial. Na sociedade líquida, nada permanece por muito tempo. Os ideais, os princípios políticos, as grandes ideologias e, em geral, a compreensão do mundo e das coisas têm passado por tantas mudanças, que é difícil ter certezas. O descrédito das instituições, inseridas em um mundo tão cheio de novidades, provoca insegurança, desorientação e, por vezes, também medo, ansiedade e uma sensação de perplexidade difíceis de resolver. Várias regras, normas e tradições que nos seguravam hoje já não dão conta. Perderam seu valor. Ouvimos dizer que as instituições, as tradições e os representantes políticos “não nos representam”.

Afetados pela crise econômica, política, migratória e pela crise da democracia, estamos em um tempo de falta de imaginação. É difícil planejar o futuro, pois não temos claro o que vai acontecer, podendo suscitar um sentimento de impotência, como diz Bauman.<sup>2</sup> Precisamos de algo diferente, precisamos pensar e construir algo novo. Mas, o que seria esse novo?

---

1 Missionária de Cristo Ressuscitado, Graduada em Psicologia, Especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral, Doutora em Teologia Prática e autora do livro: Resiliência, Espiritualidade e Juventude. São Leopoldo: Sinodal, 2013. Integra a Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional.

2 IHU Notícias diárias. Vivemos em dois mundos paralelos e diferentes: o *on-line* e o *off-line*. Entrevista com o sociólogo Zygmunt Bauman. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/559679-vivemos-em-dois-mundos-paralelos-e-diferentes-o-on-line-e-o-off-line-entrevista-com-o-sociologo-zygmunt-bauman>.

Todos os aspectos da vida social são impactados por estas mudanças rápidas e profundas. Por isso mesmo, um dos temas que desafiam a contemporaneidade é o das relações interpessoais. Avançamos em tecnologias, encurtamos distâncias físicas, o acesso à informação e à comunicação é sempre mais fácil e barato. Contudo, as relações na família e nos diversos grupos humanos, sociais, e as relações entre nações continuam a enfrentar dificuldades.

Neste contexto de mudanças, urgências e desafios, o seguimento de Jesus na Vida Religiosa Consagrada (VRC) nos leva a refletir sobre as dinâmicas das relações humanas. A reorganização das casas, das obras e das províncias por conta do número, da idade e dos desafios do mundo atual, e da própria missão, nos desafia e nos impulsiona a rever a qualidade dos relacionamentos tanto *ad intra* como *ad extra* da comunidade. Inseridos em um mundo plural, precisamos favorecer uma cultura do encontro; uma cultura com menos muros e com mais pontes: pontes de escuta, de diálogo e de cooperação, de respeito e de enriquecimento mútuo nos vínculos comunitários, nas relações eclesiais, laborais e pastorais entre religiosos(as), leigos(as) e pessoas de diversas crenças e valores, de diferentes gêneros e culturas.

Neste artigo refletiremos sobre a interligação entre o autoconhecimento e as relações interpessoais, e o quanto as mudanças atuais influenciam nos sentimentos e no conhecimento de nós mesmos.

Começemos por uma constatação atual: como VRC, acreditamos na promessa de Isaías, que diz: “Vejam que estou fazendo uma coisa nova” (Is 43,19). Apesar de tudo, gostaríamos de ter maior clareza por onde devemos andar para sermos mais fiéis, mais fecundos(as) e mais felizes nestes novos tempos.

A sociedade está vivendo como em um “*interregno*”<sup>3</sup> porque as velhas regras desapareceram, e as novas ainda não foram inventadas. Socialmente, há uma sensação de “espaço vazio” que provoca ansiedade sobre o presente e sobre o futuro. Como VRC, a certeza da fé e da vocação e a vontade de construir o Reino nos impulsionam, mas perguntamos: como podemos nos relacionar melhor com as pessoas e conosco mesmos(as) para responder ao desejo de crescer em uma perspectiva “humanizadora”? Como despertar relações mais enriquecedoras, tendo em conta que há formas e tradições da nossa VRC que mudaram (e continuarão mudando), que o número de religiosos(as) é menor, que a idade é mais avançada, porém os desafios são os mesmos ou maiores que os atuais?

---

3 Substantivo masculino. Intervalo entre dois reinados, durante o qual não há rei hereditário ou eletivo; p.ext. nos Estados que não têm reis, ausência de governo (Houaiss).

Há poucas décadas, bastava ter boa vontade, perseverança, fé e entrega à missão, e ser observantes, piedosos(as) e obedientes. Sendo assim, a santidade e a fecundidade pessoal e da Congregação estavam garantidas. A pergunta pela realização pessoal e pelo bem-estar nos relacionamentos não era o foco de preocupação, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque os problemas de relações se resolviam (ou se tentavam sublimar) na relação com Deus, na oração e na ascese. Aceitar os desafios da vida fraterna como parte da cruz e assumir com espírito de submissão e obediência o que tocava viver faziam parte da mística e da dinâmica que nos alimentou e segurou por muitos anos. Entendíamos as relações interpessoais como um caminho para a nossa “santificação”.

Se, na compreensão anterior, o acento da VRC foi colocado em um sentido vertical, hoje o acento se foca na dimensão horizontal. Queremos atender às nossas necessidades pessoais e sentir que somos respeitados(as), cuidados(as) e valorizados(as) na nossa originalidade, na vida fraterna e na missão. Talvez haja, atualmente, uma maior expectativa dos(as) religiosos(as) de encontrar a felicidade e a autorrealização na vocação e na missão. A VRC procura os instrumentos de autoconhecimento e espera que as relações interpessoais a ajudem no caminho de uma maior integração e realização humana. Nesse sentido, redescobrimos a importância de trabalharmos na qualidade dos nossos relacionamentos e aspiramos ter relações mais humanizadoras.

Se olharmos para trás, podemos constatar que, como VRC, nos familiarizamos e crescemos em estudo e em conhecimento da psicologia humana. Fomos tendo maior acesso ao autoconhecimento, a maneiras de trabalhar a nossa história, frequentando cursos de psicologia. Até poderíamos afirmar que a consulta a psicólogos e psiquiatras, em várias congregações, converteu-se em algo normal.

Quanto mais nos conhecemos e trabalhamos as nossas limitações e feridas, melhor relacionamento teremos com as pessoas, e vice-versa. As relações humanas sinceras e comprometidas nos ajudam a conhecer quem nós somos; a desenvolver melhor as nossas qualidades; e a lidar com maior resiliência<sup>4</sup> perante as fraquezas e adversidades.

Psicologia e espiritualidade deixaram de ser concorrentes para se tornarem aliadas. Isso não quer dizer que nós, religiosos(as) aceitamos sempre

---

4 ROCCA, Susana. *Resiliência e vida consagrada*. Subsídio CRB 2015: Para permanecer no caminho. Roteiros de Reflexão.

o desafio de trabalhar os nossos pontos fracos. Especialmente, quando há dificuldades interpessoais, resulta mais fácil “ver a palha no olho alheio do que a viga no nosso” (Mt 7,5), aguardando que a outra pessoa mude primeiro. Hoje os conhecimentos e os instrumentos psicológicos passaram a estar integrados ao processo espiritual, como algo enriquecedor e humanizador. Ganhamos muito com essa mudança, pois nos faz mais humanos(s).

Contudo, há o outro lado da moeda. O monge italiano, Enzo Bianchi, nos lembra que o discernimento de espíritos “é aquela operação preventiva de provar, examinar a si mesmo(a) e o próprio comportamento (cf. 2Co 13,5; Gl 6,4) ou ‘os espíritos’ (1Jo 4), para não entregar a fé a qualquer pretensa inspiração”.<sup>5</sup> Precisamos discernir para que, atrás de uma aparente “humanização”, não se escondam traços de egoísmo e de individualismo, de busca narcisista de consumo, de prazer e de poder. Como é bom cuidar para que tenhamos paz interior e sejamos felizes. Mas precisamos lembrar que não nos pertencemos e que a nossa plenitude está na fidelidade criativa a uma vocação e a uma missão de entrega a um mundo necessitado e sofrido.

Processo de humanização é distanciar-se dos extremos, sabendo que as tendências exageradas podem ser tentações nem sempre fáceis de superar. O que seria uma postura equilibrada? Nas relações humanas não podemos ter um padrão de medida matemático. Assim como “o melhor é inimigo do bom”, podemos sofrer desnecessariamente por termos aspirações de relacionamentos ideais que escapam à realidade das pessoas que formam a comunidade.

As capacidades e os talentos de cada pessoa vão se desenvolvendo, ou não, em função de oportunidades, de contextos e de opções. As feridas e frustrações, as adversidades e as limitações, as opções erradas ou mesquinhas que fazemos ao longo da vida vão moldando a nossa personalidade e fazendo de nós o que somos agora. Assim como cada pessoa tem seus talentos e capacidades, também apresenta fraquezas, tendências egoístas e, inclusive, limitações da saúde física e psíquica. Como manter a tensão desafiadora de crescer nesse trabalho pessoal sem nos considerar acabados? Como continuar procurando caminhos de aproximação e partilha quando constatamos que, no relacionamento com algumas pessoas, temos mais simpatia e facilidade; com outras, mais dificuldade de entender e de conviver de forma leve?

---

5 IHU Notícias diárias. O discernimento espiritual. Artigo de Enzo Bianchi. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/561732-o-discernimento-espiritual-artigo-de-enzo-bianchi>.

## 2. Certeza e pertença em tempo de incertezas e instabilidade

Neste tempo de transformações e incertezas, modificou-se a noção de tempo e de pertença. O compromisso “para sempre”, na prática, passou a ser um “por enquanto” ou “enquanto dure”. De um tempo de certezas e convicções firmes, e mantidas ao longo do tempo “para sempre”, passamos à relativização dos compromissos, com a escassa durabilidade nas escolhas. A constatação vale para os compromissos matrimoniais, laborais, pastorais e na VRC.

O sentido de pertença a uma instituição (família, congregação, empresa, projeto social ou pastoral, etc.) vai sendo cada vez mais lábil, líquido, sujeito a mudanças, arranjos ou cortes quase sem processo. O bom dessa nova perspectiva é a flexibilidade e a possibilidade de ampliar e enriquecer-se com novas pertenças. Em tempos de “complexidade”, no dizer de Edgar Morin, a perspectiva do “ou” se enriquece com a perspectiva do “e”. A VRC, assim como tantos outros vínculos sociais, enriquece-se nas múltiplas pertenças. Crescemos em relações humanizadoras quando exercemos a capacidade de ampliar nosso trabalho e quando levamos o discernimento comunitário para integrar-nos com outras pessoas, outras comunidades, visões, regiões, etc.

Na VRC, somos chamados(as) a um compromisso de pertença “para sempre”. Dois fatos, contudo, são observáveis. Primeiramente, a fragilidade e a pouca durabilidade dos relacionamentos dos casais; em segundo lugar, a mobilidade laboral dos trabalhadores. Em anos passados, era considerado virtuoso permanecer, ao longo de muitos anos, na mesma empresa; atualmente, isso é interpretado como incapacidade de arriscar, pouca criatividade, falta de espírito de inovação, etc.

Será que não corremos o risco de relativizar os compromissos e as responsabilidades que fazem parte do estado de vida e da opção que discernimos, ao longo de certo tempo, como chamado de Deus? A correria e o individualismo, a intolerância e as expectativas egoístas, a falta de profundidade e de um renovado sentido e de mística podem arrastar-nos ao engano.

## 3. Opção pelo outro em tempos de individualismo

Consolidamos as nossas relações quando renovamos a certeza do chamado: somos uma comunidade de pessoas diferentes, com talentos e fragilidades, mas escolhidas para uma missão que não passa. Os projetos e estratégias e o modo de organização podem e devem mudar, mas temos

um ideal e um projeto comum a serem levados adiante conjuntamente, na originalidade de cada tempo, pessoa e lugar.

O individualismo e a expectativa de que a outra pessoa se adapte aos meus desejos e necessidades são como a traça: mesmo pequena e aparentemente imperceptível, vai corroendo as pessoas e as relações. Custamos reconhecer esta realidade, pois se esconde sob o manto de um “anjo humanizador”. Promete-nos tranquilidade e autorrealização, fazendo-nos esquecer que aprendemos com as diferenças; que crescemos quando somos capazes de protelar os nossos desejos para satisfazer a outra pessoa; quando somos capazes de renunciar às nossas expectativas para alegrar alguém. O segredo das relações humanizadoras é respeitar e amar a quem atua de forma diferente, pensar bem de quem não me é favorável, amar e sempre fazer o bem.

Se quisermos crescer na profundidade e na fecundidade das relações interpessoais, os ensinamentos de Jesus nos dão a medida da felicidade: o perdão das ofensas até setenta vezes sete (Mt 18,21-22). Não há orientação psicológica maior.

#### 4. Entre a vida *on-line* e vida *off-line*

Outra mudança que está influenciando significativamente a vida pessoal e as relações interpessoais tem a ver com o acesso às novas tecnologias. Zygmunt Bauman não hesita em afirmar que hoje “vivemos em dois mundos paralelos e diferentes: o *on-line* e o *off-line*”.<sup>6</sup> Pesquisas atuais calculam que passamos aproximadamente sete horas e meia, por dia, frente às telas. Talvez nos pareça demasiado tempo, mas tentemos contar: quanto tempo investimos, nós, VRC, frente à tela do computador, do *tablet*, do celular e da TV?

Custa pensar uma pastoral, um curso ou até uma semana sem telas. O acesso às tecnologias (mesmo que ainda não seja acessível para um grande número de pessoas) nos possibilita assistir “ao vivo”, “em tempo real”, uma conferência, um evento, um discurso. Já temos, até, a possibilidade de interagir. Basta um “clique” para ver uma foto, ouvir um áudio, ou assistir a um vídeo de alguém que está distante. Podemos ter conversas pessoais e reuniões, até internacionais, sem necessidade de investir tempo e dinheiro em deslocamentos. A possibilidade de encurtar distâncias faz bem aos nossos relacionamentos, pois ajuda a nos sentirmos próximos e conectados.

---

6 IHU Notícias diárias. Vivemos em dois mundos paralelos e diferentes: o *on-line* e o *off-line*. Entrevista com o sociólogo Zygmunt Bauman. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/559679-vivemos-em-dois-mundos-paralelos-e-diferentes-o-on-line-e-o-off-line-entrevista-com-o-sociologo-zygmunt-bauman>.

Por outro lado, paradoxalmente, a intensidade de alguns encontros presenciais tem um concorrente: as informações, fotos e mensagens on-line “roubam”, pelo menos, um pouco da nossa atenção e preocupação em qualquer lugar e momento. Claro que o desconforto é bem mais percebido (e até sofrido) quando não sou eu quem está olhando “só um instante” o whatsapp, o facebook, a mensagem do e-mail. Quem não passou já pela situação constrangedora de estar em uma atividade profissional ou pastoral, em uma reunião comunitária, em uma refeição conjunta, ou até em uma celebração litúrgica, e ver pessoas atendendo a uma ligação ou focadas em telas que capturam a sua atenção?

O outro lado da moeda nos mostra que há uma fragilização dos laços e dos encontros entre as pessoas. É verdade que o cérebro vai se habituando a estar em várias coisas e temas ao mesmo tempo, mas precisamos perceber se a profundidade da comunicação diminui ou se o uso constante das telas enriquece e faz as nossas relações mais humanizadoras.

Para Bauman, “estamos esquecendo lentamente, ou nunca aprendemos, a arte do diálogo. Entre os danos mais analisados e teoricamente mais nocivos da vida on-line está a dispersão da atenção, a deterioração da capacidade de escutar e da faculdade de compreender, que levam ao empobrecimento da capacidade de dialogar, uma forma de comunicação de vital importância no mundo off-line”.<sup>7</sup>

Para conquistar relações interpessoais mais humanizadoras, não precisamos dedicar mais tempo a nos olhar “olhos nos olhos”, em vez de pôr os “olhos nas telas”?

## Conclusão

Bauman nos desafia a pensar se realmente a vida *on-line* nos ajuda a crescer no relacionamento com quem é diferente de nós ou não. Para ele, os avanços tecnológicos deveriam nos ajudar nas relações, mas acabam nos tornando “herméticos”, e nos levam a viver como em um “*hall* de espelhos”, onde só vemos a nossa própria imagem e os “ecos de nossas vozes”.

No mundo *off-line*, as diferenças interpessoais estão no dia a dia. Por isso, a fraternidade, o diálogo, a compreensão e a ajuda mútua devem ser construídos e trabalhados diariamente, por vezes, não sem conflitos. O mundo

---

7 IHU Notícias diárias. Vivemos em dois mundos paralelos e diferentes: o *on-line* e o *off-line*. Entrevista com o sociólogo Zygmunt Bauman. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/559679-vivemos-em-dois-mundos-paralelos-e-diferentes-o-on-line-e-o-off-line-entrevista-com-o-sociologo-zygmunt-bauman>.

*on-line* corre o risco de nos eximir dos conflitos. No mundo *on-line*, tendemos a olhar as informações e as postagens das pessoas e temas de que gostamos, curtimos ou compartilhamos e desconectamos quando algo já não nos interessa. Ficamos em contato com “amigos” e dificilmente com quem pensa diferente de nós. Porém, o mundo cotidiano é mais exigente porque nos obriga à experiência de lidar com a pluralidade; somos desafiados constantemente a exercitar a relação com quem pensa, sente ou age diferente.

Na vida *off-line*, na vida cotidiana estamos rodeados de presenças, conversas e reações de outras pessoas que nem sempre “curtimos” e que não podemos, simplesmente, “deletar”. Estando no mundo *on-line*, podemos procurar uma solução mágica para os nossos problemas. Utiliza-se o botão “apagar” e as sensações desagradáveis desaparecem.

As relações interpessoais se humanizam cada vez que optamos pelo diálogo, quando procuramos a compreensão mútua, graças às nossas diferenças e não apesar delas. Aproximar-se do diferente e saber enriquecer-se no intercâmbio supõem pessoas dispostas a olharem para além da diversidade, pessoas resilientes, que sabem encontrar oportunidades de crescimento nas dificuldades da adversidade.

Em um mundo que incita à concorrência, humanizamo-nos quando trabalhamos pela cooperação, pela aproximação; quando arriscamos a expor as nossas ideias com humildade, e quando aceitamos outras opiniões, capazes de ceder o lugar, de dar a razão ao(à) outro(a), de reconhecer quando estamos equivocados(as).

As nossas comunidades e grupos crescem em humanidade quando ensaiamos viver e trabalhar como “comunidade de iguais”, onde os desejos de poder e de reconhecimento que levamos dentro de nós são deixados de lado para dar lugar às relações de escuta e acolhida, relações de confiança que possibilitam a partilha de sentimentos profundos.

Os novos tempos precisam de pessoas que saibam trabalhar em rede, em grupo, sem imposição nem autoritarismos, sem “gavetas ocultas”. A transparência e a abertura nos tiram da tentação de sermos religiosos(as) movidos(as) por conveniências pessoais ou meras simpatias (ou antipatias). A busca do diálogo nos ajuda a entender a visão dos irmãos e das irmãs e nos possibilita o exercício de circularidade.<sup>8</sup>

Tempos de incerteza e de insegurança são propícios para a criação de coisas novas. Para isso, como diz o Papa Francisco, precisamos desenvolver a

---

8 ROCCA, Susana. A circularidade e os diversos modos de exercer o poder. IN: Susin, Luiz Carlos. Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação. São Paulo: CRB/Paulinas, 2015.

imaginação criativa porque: “Quem tem imaginação não se enrijece, tem senso de humor, goza sempre da doçura, da misericórdia e da liberdade interior”.<sup>9</sup>

## QUESTÕES

1. Como estou trabalhando meu processo de autoconhecimento? Há aspectos da minha história, da minha personalidade, da minha saúde física ou emocional, ou outros aspectos pessoais que estou com dificuldade para trabalhar?
2. Como é a minha/nossa vida *on-line*? Em que momentos meus/nossos olhos nas diversas telas concorrem com a qualidade dos relacionamentos na comunidade, nas relações de trabalho e missão?
3. Em que aspectos eu poderia crescer para que, nas nossas relações interpessoais, haja mais diálogo, abertura, cooperação e acolhida? Em que poderíamos crescer como comunidade humanizadora?

---

9 IHU Notícias diárias. Incompletude, inquietação e imaginação. Audiência do Papa Francisco à comunidade da revista La Civiltà Cattolica <http://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/564789-incompletude-inquietacao-e-imaginacao-audiencia-do-papa-francisco-a-comunidade-da-revista-la-civiltà-cattolica>.

# “Novos rostos da missão da vida religiosa consagrada”

SALETE VERONICA DAL MAGO<sup>1</sup>

## 1. Assumir a causa do pobre diante dos “novos rostos da missão”

A prioridade assumida pela CRB que remete à opção preferencial pelos pobres nos convoca necessariamente a marcarmos presença e compromisso junto aos “novos rostos da missão hoje”, somando força nos movimentos sociais, no processo democrático, na luta pela justiça social, mais que necessária em nosso país no momento político e econômico em que vivemos. Nossa atuação é nas fronteiras existenciais, mas também geográficas, caminhando junto com o povo, sentindo, como nos diz o Papa Francisco, “o cheiro das ovelhas”, conhecendo suas angústias e necessidades e sabendo dialogar com as culturas de nosso tempo, em um diálogo inter-religioso e no compromisso e defesa de uma ecologia integral, cuidando de fato da Casa Comum. Assumir esta opção não é apenas desejo ou boa vontade de quem quer estar junto com o povo, e sim fidelidade com aquele com quem selamos aliança, nosso Deus.

Desde o Antigo Testamento, visibilizamos um Deus que “ouve o clamor, se comove e desce para libertar” (Ex 3). Este Deus dos pobres, Deus libertador,

---

1 Irmã Franciscana de Nossa Senhora Aparecida (CIFA), mestra em teologia sistemática (PUC – RS), professora na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, integra a equipe de coordenação das pós-graduações na ESTEF, ex-Ministra Geral da Congregação. Membro da equipe interdisciplinar de assessoria da CRB Nacional. E-mail: saledalmago@gmail.com.

é o fio condutor de toda a Bíblia, culminando em Jesus, que também traz um projeto libertador: “eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância” (Jo 10,10). Buscar fidelidade a este Deus, que se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza (2Cor 8,9), requer da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada (VRC) constante conversão ao Evangelho, assumindo em cada tempo os “novos rostos da missão”. A pergunta é: de que forma manter viva e ativa a Boa-Nova de Jesus Cristo para os dias de hoje? Portanto, é dever da Igreja investigar a todo momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático”.<sup>2</sup>

Assumir a opção pelos pobres, como uma das prioridades da CRB Nacional, com certeza, é um clamor que nos convoca, como VRC do Brasil, à audácia e à coragem de abrir mão de nossas seguranças, de nossa vida regrada e sujar os pés na poeira da estrada, revelando o rosto de uma Igreja pobre, simples, acolhedora, misericordiosa e missionária. “Pois Deus não se manifesta apenas no templo (Jr. 7,4-11), mas na prática do direito e da justiça que julga a causa do pobre e do indigente (Jr 22,15-15). Para o profeta, Deus Javé é universal, não somente de um único povo. A esperança repousa sobre o resto, os pobres da terra com que Deus vai reconstruir o seu povo”.<sup>3</sup>

Os Bispos em Puebla analisam a pobreza como situações e estruturas sociais, econômicas e políticas, produzida por distorções históricas. No nível ético, é denunciada como “situação de injustiça”, e no nível da fé, porque se discerne aí uma situação de “pecado social”.<sup>4</sup> Ou seja, falar dos novos rostos da pobreza e exclusão é nos dar conta das consequências sobre as pessoas, de uma sociedade onde a economia e a política privilegiam o direito de alguns e onde o momento histórico nos leva a perceber que cada vez mais o direito dos pobres, das mulheres, dos idosos, enfim, das camadas mais pobres, está sendo colocado à margem.

Diante desta realidade, nossa postura não deve ser de indiferença, mas de uma expressão de solidariedade coletiva, de um amor que se dirige a toda esta classe social oprimida, assumindo as periferias existenciais e geográficas (Papa Francisco) como o “nosso lugar” como consagrados e consagradas. Nossos(as) fundadores(as) foram sensíveis ao clamor do povo. Nossos Carismas ao longo da história foram sendo uma resposta aos clamores do povo. Portanto, nossa

2 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), n. 4. In, GONÇALVES Alfredo J. Espiritualidade a partir dos rostos desfigurados.

3 Texto-Base do 4º Congresso Missionário Nacional, p. 44.

4 BOFF, Leonardo. *Vida segundo o espírito*, p. 155.

identificação com os mais pobres, os sem vez e sem voz, os sem direitos, é uma questão de fidelidade ao Evangelho e aos Carismas Fundacionais.

Isso exige conversão, mudança de nosso lugar social. Com a Igreja, colocar-nos no anúncio do Evangelho, a partir do lugar, das angústias e esperanças dos pobres. “A partir de seus reclamos de justiça e dignidade, proclama a boa-nova a todas as demais classes sociais; em sua prática pastoral se organiza de tal forma que atenda preferencialmente os pobres e valorize seu potencial evangelizador e libertador”.<sup>5</sup> Nosso Papa também nos convida a valorizar e dar nossa resposta não só como Igreja, mas também como sociedade, diante da realidade que exclui, que coloca grupos à margem de direitos, que são, na verdade, os atingidos pelas sérias consequências desta realidade: “Não posso deixar de pensar em tantas pessoas, sobretudo nos mais pobres, que muitas vezes se veem completamente abandonados e costumam ser aqueles que pagam o preço mais amargo e dilacerante de algumas soluções fáceis e superficiais para crises que vão muito além da esfera meramente financeira”.<sup>6</sup>

Assumir a VRC é não se manter indiferente aos clamores e necessidades deste povo que tem rosto, tem nome, tem lugar. A pessoa Consagrada, pela sua entrega, pertence a Deus e é reenviada em missão junto a este povo, em nome d’Ele. Em sua oração sacerdotal de despedida, Cristo roga ao Pai que consagre seus discípulos. Pela Consagração eles deixam de ser do mundo, mas, como Jesus, são enviados ao mundo com uma missão salvadora (Jo 17). Esta consagração-reserva jamais dispensa e anula a liberdade da pessoa; ao contrário, coloca-a em um caminho de total libertação para a missão.

Vivemos um tempo “de especial crise” na VRC. Talvez ela sirva para purificar motivações, para a volta ao essencial de nossa vida, para nos deixar, de fato, alcançar pelo mistério, para sairmos da “mediocridade espiritual”. Mas somos também, como nos diz o Papa em sua carta aos religiosos: “a ESPERANÇA da PROMESSA”, chamados a prosseguir a caminhada sem deixar-nos condicionar por aquilo que deixamos para trás, como nos diz São Paulo: “eu não julgo já tê-lo alcançado, uma coisa porém faço: esquecendo o que fica para trás, lanço-me para o que está à frente” (Fl 3,13-14). Significa voltar ao essencial da VRC para nos munir de coragem e esperança e com um novo impulso nos lançar junto daqueles que mais necessitam, tendo consciência de que toda nossa missão não é centrada em nós, em nossas forças, mas na confiança da ação de Deus em nossa vida, nos fatos da vida, na realidade, especialmente junto ao pobre. O Papa Francisco deseja uma Igreja “pobre para os pobres”, entendida como uma forma especial de primado na

5 CELAM. Documento de Puebla (DPb), n. 1147.

6 FRANCISCO. ZENIT – Cidade do Vaticano, 18 de abril de 2017.

prática da caridade. “Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social”.<sup>7</sup>

É tempo de alargar horizontes, de despertar para as “coisas novas” que o espírito está fazendo brotar e que talvez não estamos querendo enxergar. Pois, a esperança não está edificada sobre nossas forças e sobre os nossos números, mas sobre os dons do espírito: a fé, a comunhão e a missão. É a missão a referência para nossas escolhas, para as nossas opções. Os(as) Consagrados(as) são um povo tornado livre pela profissão dos conselhos evangélicos, dispostos(as) a olhar na fé para além do presente, convidados(as) a “alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós (...)”.<sup>8</sup> O horizonte de chegada deste caminho é marcado pelo ritmo do ESPÍRITO, não é uma terra conhecida. Resignificar nossa vocação missionária, deixando-nos iluminar pelo espírito, sair de nossa acomodação, botar as mãos na massa são atitudes indispensáveis para redescobrir e assumir o núcleo identitário da VRC. Os homens e as mulheres de nosso tempo esperam palavras de consolo, de proximidade, de perdão e de alegria verdadeira. Com a mística da esperança e da solidariedade, centrados em Jesus de Nazaré, somos chamados(as) a sair, a caminhar, a olhar para fora de nós mesmos(as) e de nossas instituições. A nos deixar tocar pela realidade de miséria, violência, drogas, guerras, pelas quais vivem muitos de nossos irmãos: jovens refugiados, migrantes, mulheres, idosos e crianças.

Perguntemo-nos: será que não estamos nos deixando guiar por outras nuvens, que não a do “Senhor”, como aquela que guiava o povo de Israel, conforme nos relata o livro dos Números, capítulo 9? Será que não estamos perdendo a capacidade de “ler os sinais de Deus” na realidade e na história e por isso estamos nos encolhendo como VRC, chamada a ser sinal, ser profecia, ser presença de Deus, do Evangelho, no meio da realidade?

A VRC é um Carisma de significação e de representação dentro da Igreja e do mundo. É um Carisma de ícone. É nesta perspectiva que a Constituição *Lumen Gentium* numero 44 fala da identidade da VRC. Aparece como sinal diante de todos os membros da Igreja, um sinal da escatologia em sua dupla dimensão de presença e de futuro, um sinal do Reino. Assim, a VRC tem uma função representativa: é especial seguimento de Cristo e “memória viva da forma de existir e atuar de Jesus, como verbo encarnado ante o Pai e os Irmãos”.<sup>9</sup>

7 EG, n. 201.

8 CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Perscrutai – Carta Circular aos consagrados e às consagradas que caminham sob os sinais de Deus*. Documentos da Igreja 16. Brasília: Edições CNBB, 2014, n. 11.

9 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata* (VC), n. 22.

A dimensão profética da VRC é inerente à sua própria identidade e vocação, à medida em que somos testemunho. Diz-nos o Papa Francisco: “A radicalidade evangélica não é somente dos religiosos. É exigência de todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de maneira especial, de modo profético. Espero de vós este testemunho. Os religiosos devem ser homens e mulheres capazes de despertar o mundo”.<sup>10</sup>

Esta presença, este testemunho de esperança da VRC junto aos “mais pobres e abandonados da sociedade” tem rosto, tem nome. Quem é o pobre em nossos dias? O pobre é aquele que está sempre na parada de ônibus, na periferia, que não tem poder de consumo, que precisa necessariamente se “virar na vida”. Só tem condições de andar de ônibus, não tem outras opções de escolhas. Aquele que não tem acesso à estética, veste o que pode e o que tem, vive a estética do caos, mas ao mesmo tempo tem sede de estética. Viver com estes, como estes, próximos a estes, talvez seja novamente em nossos tempos a grande profecia da VRC. Voltar a viver esta experiência do nada, do simples, do pequeno, do depender dos outros, de viver muitas vezes na insegurança diante do amanhã.

É viver do lado daqueles que dia após dia estão perdendo direitos. Direito a um salário digno, direito a uma aposentadoria, não quando já não têm mais condições de usufruir dela, direito a um bom atendimento à saúde, à educação, à informação, à cultura. Nossa presença junto a estes é determinante. Não apenas optar por eles, mas ter solidariedade para com eles; só periferia existencial não define a opção pelos pobres, é também periferia geográfica. É preciso reconhecer estes diferentes rostos: trabalhadores, mulheres, crianças, índios, negros, mestiços, migrantes.

São os que estão perdendo direitos, direito de acesso à informação e às diversas opções de lazer, direito de acesso à cultura e à livre criação artística. “São direitos a serem garantidos para todos, pois favorecem a elaboração de identidades, promovem o aprendizado e a convivência social. Através da arte e da cultura, as pessoas manifestam sua visão de mundo. O esporte exercitado de forma saudável contribui para o desenvolvimento integral e a saúde”.<sup>11</sup> O difícil acesso destes direitos torna desigual o disfrute ao lazer e aos bens culturais. É importante descentralizar e investir em equipamentos necessários à sua realização, como cinemas, teatros, centros culturais, praças, quadras.

O direito à educação é para todos. Embora nos últimos anos tenham acontecido muitos avanços, especialmente nas camadas populares e médias, com expressiva expansão de abertura de matrículas, permanecem as desigualdades

---

10 FRANCISCO. Fala aos Superiores Maiores em Roma, p. 5, 2014.

11 Texto-Base do 14º Intereclesial de CEBs, p. 79.

de direitos e de crescimento nos estudos entre as diferentes classes sociais e os setores étnico-racial, de gênero e local de moradia. Ou seja, o sistema educacional no Brasil ainda privilegia alguns grupos, excluindo muitos dos direitos a uma educação de qualidade e o acesso ao conhecimento por parte de todos.

## 2. Rostos que desfiguram a imagem de Deus

Olhando para o que poderíamos chamar de “rostos que desfiguram” a imagem de Deus em nossos tempos, podemos citar o que já dizia um longo trecho do Documento Final da Conferência de Puebla, México (1979), onde os bispos assim se expressam: “Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela”. Passavam em seguida ao desfile de tais rostos: **Feições de crianças**, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se, pelas deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família; **feições de jovens**, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e ocupação; **feições de indígenas** e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres; **feições de camponeses**, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram; **feições de operários**, com frequência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos; **feições de subempregados e desempregados**, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos; **feições de marginalizados e amontoados** das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais; **feições de anciãos** cada dia mais numerosos, frequentemente postos à margem da sociedade do progresso, que prescinde das pessoas que não produzem”.<sup>12</sup>

Dito de outra forma, como em um verdadeiro espelho “as feições sofredoras de Cristo”, encarnado nos mais indefesos e abandonados da história, refletem, por um lado, os rostos doloridos, silenciosos e solitários de milhões de pobres

12 DPb, n. 31-39.

e marginalizados de todo o continente. Por outro lado, revela, em meio ao sofrimento de tantas cruces ignoradas ou abandonadas, a luz, o conforto e a esperança que nos transmitem o rosto caloroso do Pai. Se olharmos esta realidade de rostos, eles continuam, de certa forma, presentes hoje em nossa realidade e nos convidando a todos: bispos, padres, religiosos(a), leigos(as) a estarmos juntos(as) e nos animarmos mutuamente na esperança de dias melhores.

Santo Domingo, embora com menor vigor, continua falando da necessidade da opção pelos pobres (1992). No Documento Final, faz alusão às feições daqueles em que o peso do trabalho e dos anos deixa marcas indeléveis. Temos de aumentar a lista dos rostos sofridos que já havíamos assinalado em Puebla,<sup>13</sup> todos eles desfigurados pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições de vida infra-humanas, angustiados pela sobrevivência familiar. O Senhor nos pede que saibamos descobrir seu próprio rosto nos rostos sofridos dos irmãos”.<sup>14</sup> Afirmam ainda os Bispos neste mesmo documento: “Comove-nos até as entranhas ver continuamente a multidão de homens e mulheres, crianças e jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria, assim como diversas formas de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concretas e irrepetíveis que veem seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida”.<sup>15</sup>

Não será diferente no Documento Final da V Conferência Episcopal de Aparecida, onde, pela primeira vez, usa-se a expressão “opção preferencial pelos pobres e excluídos”, no título: “Reino de Deus e promoção da dignidade humana”.<sup>16</sup> Por isso, este recente e importante documento da Igreja nos convida a reafirmar esta opção como discípulos(as) e missionários(as) de Jesus, buscando estarmos junto a eles e sermos sinais de esperança, proximidade e solidariedade. Este documento, no capítulo 8, apresenta “alguns rostos sofredores que nos causam dor” e creio serem rostos que merecem nossa atenção e presença como VCR do Brasil, que neste triênio mais uma vez reafirma sua opção pelos pobres.

Em primeiro lugar, **estão as pessoas que, nas grandes cidades, vivem nas ruas**. Seu número cresce cada vez mais, produzindo “um flagelo que afeta milhões de pessoas em toda a América Latina e Caribe”. A situação em que vivem muitas famílias em nosso país obriga muitas crianças a buscarem recursos na rua para sua sobrevivência e a de suas famílias.

---

13 Idem.

14 CELAM. *Documento de Santo Domingo* (DSD), n. 179.

15 Idem.

16 DAp, n. 8.

Outro rosto desfigurado, situação lastimável, é a dos **doentes e enfermos**. A situação da saúde no Brasil, dos postos e hospitais, a precariedade nos atendimentos e os recursos destinados à saúde clamam pela nossa presença. Recursos estes muitas vezes desviados para outros interesses. Somar forças para reivindicar o direito à vida e ao atendimento a uma saúde digna é com certeza um dos clamores de nosso povo, de nossas famílias. Um clamor muitas vezes calado por aqueles que detêm o poder, que se fazem de surdos para não serem incomodados. E com a consciência tranquila desviam recursos e privam as famílias de um atendimento justo e digno. A presença e maternidade da Igreja e da VCR se manifestam nas visitas e escuta aos doentes e enfermos.

O terceiro rosto que Aparecida destaca é o dos **tóxico-dependentes**. Os bispos fazem uma denúncia veemente e corajosa do crime organizado, afirmando que “a comercialização da droga se tornou algo cotidiano em alguns de nossos países, devido aos enormes interesses econômicos em torno dela”. Situação não somente desafiadora no combate ao tráfico de drogas, mas também de armas e especialmente o tráfico de pessoas humanas.

Neste sentido, uma grande iniciativa é a Rede Um Grito Pela Vida, que comemora em 2017 os seus 10 anos de existência, da Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil, organismo que atua contra o tráfico de pessoas na prevenção, atenção às vítimas e incidência política através de diversas atividades.<sup>17</sup>

A Coordenadora Nacional, Irmã Eurides, fala da comemoração e destaca pontos importantes da atuação evangelizadora e profética da Rede diante da realidade desumanizante do tráfico de pessoas. Atualmente, o tráfico atinge 45,8 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo compreendido por meio de seis modalidades: exploração sexual, trabalho escravo, venda de órgãos, servidão doméstica, mendicância e tráfico para atividades ilícitas. Entre essas realidades, a Rede atua mais incisivamente no tráfico para fins de exploração sexual, com especial atenção às mulheres, crianças, adolescentes e juventudes, por ser a modalidade e público de maior incidência.

A Rede foi criada em 30 de março de 2007, com o apoio de 28 religiosas que, depois de um curso, viram-se impelidas a lutar contra esta chaga social que vitima principalmente jovens, mulheres e crianças. Atualmente, este trabalho conta com a colaboração de mais de 300 religiosos e religiosas de diversas congregações. Iniciativa formidável. Que possamos

---

17 Entrevista com Irmã Eurides Alves de Oliveira, coordenadora nacional da Rede Um Grito Pela Vida. Disponível em: <http://gritopelavida.blogspot.com.br/>.

continuar como VRC atuando junto a estas vítimas, buscando vida digna e direitos respeitados.

É um desafio que cresce a cada dia, como diz Aparecida. Este problema não reconhece fronteiras, nem geográficas, nem humanas. Ataca pobres e ricos, crianças, jovens e adultos. Por isso: “A Igreja não pode permanecer indiferente diante desse flagelo que está destruindo a humanidade, especialmente as novas gerações”.<sup>18</sup> Nossa missão é insistir no valor de promover ações preventivas e reeducativas, assim como apoiando e participando de governos e entidades que trabalham neste sentido.

Outra realidade é o rosto dos migrantes, daqueles que se encontram longe da família, da terra ou da pátria. Do vaivém, partindo da origem, da trajetória e do destino, para onde vão estas pessoas que hoje se deslocam em todas as direções? E mais ainda, destes rostos que, além de serem obrigados a migrar para buscar uma vida melhor, são-lhe negados, muitas vezes, acolhida, trabalho, direitos. “A Igreja, como mãe, deve sentir-se como Igreja sem fronteiras, Igreja familiar, atenta aos fenômenos crescentes da mobilidade humana em seus diversos setores. Considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade, estabelecendo estruturas nacionais e diocesanas apropriadas que facilitem o encontro do estrangeiro com a Igreja particular”.<sup>19</sup>

Vivemos em uma sociedade onde cada dia aumenta a insegurança e o medo de sairmos à rua. Portanto, a **violência é outro fator** que atinge a todos, especialmente entre a classe mais pobre, fruto das desigualdades sociais, das injustiças, de uma sociedade que privilegia alguns, deixando a sua maioria sem direitos e sem uma vida digna. Esta realidade induz a uma criminalidade maior e, como consequência, muitas pessoas cumprem penas em espaços penitenciários desumanos, “caracterizados pelo comércio de armas, drogas, aglomeração, torturas, ausência de programas de reabilitação, crime organizado, que impede um processo de reeducação e de inserção na sociedade”.<sup>20</sup> Portanto, para nós, religiosos(as) e equipes de direitos humanos, o desafio é duplo. Primeiro, buscar meios de prevenção, evitando que a pessoa chegue a esta realidade. Segundo, intensificar a presença na pastoral penitenciária onde se inclua a tarefa de evangelização e promoção humana por parte dos voluntários, sensibilizando a sociedade sobre a grave problemática carcerária, estimulando políticas públicas no

---

18 DAp, n. 422.

19 Ibidem, n. 412.

20 Ibidem, n. 427.

que se refere à segurança cidadã e à problemática carcerária.<sup>21</sup> Pois, diante da realidade social e econômica de nosso país, os “rostos sofredores que doem em nós”, e para os quais vários documentos da Igreja apontam, são categorias que “apresentam um custo para a sociedade”, custo a ser eliminado. O imigrante é custo, o pobre é custo, no entanto aos olhos de Deus têm um valor inestimável. Aqui vem, portanto, a nossa profecia, a nossa missão de estar perto destes, buscando meios e direitos para diminuir a desigualdade. O tráfico humano, neste caso, é lucro, por isso precisa se intensificar.

O momento atual clama a sermos voz profética diante das questões políticas e econômicas que estão sendo votadas em nosso país. É preciso nos deixar sensibilizar de novo pelo profeta Amós e termos a coragem de nos posicionar como VRC: “Ai dos que fazem do direito uma amargura e a justiça jogam ao chão”(Am 5,7). A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em nota, assim se pronuncia sobre o sistema previdenciário: “O sistema da Previdência Social possui uma intrínseca matriz ética. Ele é criado para a proteção social de pessoas que, por vários motivos, ficam expostas à vulnerabilidade social (idade, enfermidades, acidentes, maternidade, etc.), particularmente as mais pobres. Nenhuma solução para equilibrar um possível déficit pode prescindir de valores éticos-sociais e solidários. Na justificativa da PEC 287/2016, não existe nenhuma referência a esses valores, reduzindo a Previdência a uma questão econômica”.<sup>22</sup>

Ao se referir à defesa dos direitos dos mais pobres, os Bispos se manifestam ainda fazendo menção ao Papa Francisco: “A vossa difícil tarefa é contribuir a fim de que não faltem as subvenções indispensáveis para a subsistência dos trabalhadores desempregados e das suas famílias. Não falte entre as vossas prioridades uma atenção privilegiada para com o trabalho feminino, assim como a assistência à maternidade que sempre deve tutelar a vida que nasce e quem a serve quotidianamente. Tutelai as mulheres, o trabalho das mulheres! Nunca falte a garantia para a velhice, a enfermidade, os acidentes relacionados com o trabalho. Não falte o direito à aposentadoria, e sublinho: o direito – a aposentadoria é um direito! – porque disto é que se trata.” A Presidente Nacional de nossa Conferência (CRB), Irmã Maria Inês, também emitiu uma nota em nome da Conferência, sinalizando que o momento em que vivemos é muito sério e convoca a todos(as) os(as) religiosos(as) a se posicionarem em relação à tramitação no Congresso da votação sobre a Reforma da Previdência. Referindo-se a deputados e senadores como “Pessoas com passado não muito transparente se sentem no direito

21 Ibidem, n. 429.

22 Nota da CNBB sobre a PEC 287/16 – Reforma da Previdência. 23 de março de 2017.

de legislar e de impor suas ideias, valendo-se do cargo que ocupam como representantes do povo. Como cristãos(ãs) e como religiosos(as), devemos aguçar o nosso senso crítico para não legitimar posições assumidas que vão contra o Evangelho e os direitos dos mais pobres. Portanto, temos razões suficientes e evangélicas para nos posicionar do lado de quem mais precisa, do lado daqueles que lhes estão sendo roubados direitos conquistados. Sejam fiéis ao Evangelho, fazendo nossa parte”.<sup>23</sup>

Que possamos abraçar a causa daqueles que mais precisam. “Caminharmos juntos para as cidades e aldeias, para o mundo urbano e rural e, nesses mundos, para as periferias existenciais e geográficas, para os mundos que sofrem... caminhar junto para se tornar próximo do caído à beira do caminho”.<sup>24</sup> Portanto, nossa postura neste momento como Consagrados(as) não pode ser de omissão, mas, sim, de engajamento em espaços de articulação da causa dos direitos dos pobres. Causa esta que não é ideológico-partidária, mas de coerência com o Evangelho de Jesus de Nazaré, que foi capaz de ir contra tudo aquilo que não defendia a “vida em abundância para todos”.

Na certeza da esperança, que não termina para aquele que crê, resta-nos caminhar apostando como VRC que nossa primeira missão é ser sinal. Sinal e certeza do Cristo Ressuscitado que caminha à nossa frente, que não quer a morte, e, sim, a vida em abundância para todos. Portanto, quer nossa contribuição para transformar estes rostos que clamam por justiça, solidariedade, justiça e paz. Aí, sim, podemos visibilizar os frutos da ressurreição, onde rostos de esperança e alegria possam ser visibilizados naqueles que têm direitos conquistados e garantidos, na vida que vence a morte, na paz que vence os conflitos, na nova sociedade, que não é utopia, mas realidade acontecendo.

Resta-nos reafirmar nosso testemunho de Consagrados(os) na fidelidade do seguimento discipular do mestre Jesus, núcleo de nossa identidade cristã e religiosa e, assim, espelhados(as) n’Ele, prosseguirmos na missão de estar junto aos “sem vez e sem voz da sociedade”, deixando-nos interpelar pelo convite do Senhor, que o fez também ao Profeta Jeremias: Parai um pouco na estrada para observar e perguntai sobre os antigos caminhos qual é o melhor para seguides por ele assim encontrareis lugar tranquilo para viver” (Jr 6,16).

---

23 RIBEIRO, Maria Inês. Carta aberta. Brasília, DF, 8 de março de 2017.

24 Texto-Base do 4º Congresso Missionário Nacional, p. 29.

## QUESTÕES

1. Diante da realidade dos “novos rostos de pobreza e vulnerabilidade”, nossa postura não deve ser de indiferença, mas de uma expressão de solidariedade coletiva, de um amor que se dirige a toda esta classe social oprimida, assumindo as periferias existenciais e geográficas como o “nosso lugar”. Como você se sente pessoalmente diante desta opção?
2. Olhando para o que poderíamos chamar de “rostos que desfiguram a imagem de Deus” em nosso tempo, que apelos o texto apresenta diante da vida e missão de seu Instituto Religioso?
3. A dimensão profética da Vida Religiosa Consagrada é inerente à sua própria identidade e vocação, à medida que somos testemunho, nos diz o papa Francisco. Como está presente, em sua Comunidade e Congregação, a dimensão profética da Vida Religiosa Consagrada?

BOFF, Leonardo. *Vida Segundo o Espírito*. São Paulo: Vozes. 1983.

CNBB. Nota da CNBB sobre a PEC 287/16 – “Reforma da Previdência”. 23 de março de 2017.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Alegrai-vos. Carta circular aos Consagrados e às Consagradas*. Documento da Igreja 14. Brasília: Edições CNBB, 2014.

\_\_\_\_\_. *Perscrutai. Carta Circular aos Consagrados e às Consagradas que caminham sob os sinais de*. Documento da Igreja 16. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CELAM. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/ Paulinas. 2008.

\_\_\_\_\_. *Documento de Puebla. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. México. 1974.

\_\_\_\_\_. *Documento de Santo Domingo. IV Conferência do Episcopado Latino-Americano. Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8)*. 7ª edição. 1992.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium. A Alegria do Evangelho*. Documentos Pontifícios 17. Brasília: Edições CNBB, 2013.

GONÇALVES, Alfredo J. CS. *Espiritualidade a partir dos rostos desfigurados*. (50 anos da Gaudium Et Spes – Ano da Misericórdia).2015.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata. Sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo*. São Paulo: Loyola, 1996.

RIBEIRO, Maria Inês Vieira. *Carta aberta. Presidente da CRB Nacional*. Brasília, DF, 8 de março de 2017

**Texto-Base do 14ª Intereclesial de CEBs.** *CEBs e os desafios do mundo urbano*. Londrina, Paraná).

**Texto-Base do 4º Congresso Missionário Nacional.** *A alegria do Evangelho para uma Igreja em saída*. Pontifícias Obras Missionárias (POM). Brasília DF. 2017.

# Opção preferencial pelos pobres

*“O Reino de Deus está no meio de vós (...)”*

(Lc 17,21)

IR. SALETE VERONICA DAL MAGO<sup>1</sup>

## Introdução

Neste novo triênio 2016-2019, como Conferência dos Religiosos do Brasil, reafirmamos uma das prioridades que vai nortear as ações e opções da Vida Religiosa Consagrada (VRC): “Revigorar a opção preferencial pelos pobres, vulneráveis e excluídos, com um estilo de vida simples, assumindo a defesa da vida onde está mais ameaçada, comprometidos com os movimentos sociais, o processo democrático, a justiça social, as fronteiras existenciais, o diálogo intercultural e inter-religioso e a ecologia integral”.

Reassumir esta temática da “opção pelos pobres” como prioridade significa que a VRC é chamada a voltar aos seus fundamentos, à Aliança com o Deus bíblico, que é fiel a seu povo, ouve o clamor e desce para libertar. Consequentemente nos convida a uma fidelidade ao evangelho e à vocação a que fomos chamados no serviço ao Reino, Reino de justiça, solidariedade e paz. O Reino de Deus chegou, está no meio de nós; aos pobres é que pertence o Reino de seu amor. Somos desafiados a reconhecer o “novo que Deus já está criando”, a nos abrir a novas formas de aproximação com os

---

1 Irmã Franciscana de Nossa Senhora Aparecida (CIFA), mestra em teologia sistemática (PUC – RS), professora na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, integra a equipe de coordenação das pós-graduações na ESTEF, ex-Ministra Geral da Congregação, Membro da equipe interdisciplinar de assessoria da CRB.

mais pobres, a escutar e a nos sensibilizar com os vulneráveis de nosso tempo, e não nos fixar em estruturas, obras, atividades e modelos que brotaram em outros contextos e épocas, e achar que ainda hoje respondem, quando vemos a situação da VRC na Igreja, com membros cansados, opções enfrequecidas, desânimos.

É urgente a necessidade de opções corajosas e proféticas e a convicção de que a VRC continua sendo chamada a ser sinal junto a quem mais precisa, se quisermos ainda ser um espaço para a nossa juventude, onde encontre sentido para sua vida, e com alegria se coloque no seguimento de Jesus como religioso(a) encontrando neste espaço um jeito bom e feliz de servir o Reino.

Quem são os pobres hoje? Os vulneráveis? Que compreensão temos de “pobre”? Em Puebla com o tema: “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”, o termo “pobre” tem sentido bíblico de anawin: o oprimido. O termo tem, na Bíblia, uma conotação político-social. Designa o escravo, perseguido. Não se trata do necessitado, mas do oprimido. Não designa apenas indivíduo, mas a classe social explorada. Ao analisarmos mais a fundo tal situação, descobrimos que essa pobreza não é uma etapa transitória, e, sim, fruto de situações de opressão, econômicas, sociais e políticas que dão origem a esse estado de pobreza.

A opção preferencial pelos pobres é uma das características do rosto da Igreja na América Latina. O princípio da destinação universal dos bens requer que se cuide com particular solicitude dos pobres, daqueles que se acham em posição de marginalidade e, em todo caso, das pessoas cujas condições de vida lhes impedem um crescimento adequado. É uma forma concreta que o evangelho nos apresenta de estarmos do lado dos mais fragilizados da sociedade. Pois, no final da vida, seremos julgados pelo amor a eles: “Os pobres ficam confiados a nós e sobre esta responsabilidade seremos julgados no fim” (Mt 25,31-46).

## 1. Opção pelos pobres – fidelidade da Vida Religiosa Consagrada

Nosso Deus bíblico é um Deus atento ao clamor dos pobres, sensível às suas necessidades e prestativo em socorrê-los. “Eu vi a opressão do meu povo. Ouvi seu clamor contra seus opressores, e conheço seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-los (...)” E agora vai, eu te envio (Ex 3,7-8.10). Como seguidores de Jesus de Nazaré, ficarmos indiferentes a este clamor coloca-nos fora do projeto do Pai, assumido por Jesus. Nossa falta de solidariedade e compromisso com os “mais abandonados da sociedade, hoje”,

toca diretamente na nossa relação com Deus, na aliança que estabelecemos com Ele e na fidelidade aos pobres. Como Igreja que somos, precisamos nos comprometer sempre mais com o Evangelho da misericórdia e do amor pela pessoa humana, como quem escuta o clamor por justiça e quer responder com todas as forças.<sup>2</sup>

Somos chamados a “praticar o direito, amar a misericórdia e caminhar humildemente com teu Deus.” (Mq 6,8). Esta deve ser nossa meta como consagrados(as) se quisermos ser fiéis ao Evangelho, nos colocando sempre mais nos postos de vanguarda, nos colocando na defesa e companhia dos mais pobres:

Poucas coisas suscitam admiração, surpresa e atração como ver as pessoas consagradas ao lado de quem não tem nada, daqueles que são considerados os últimos, os rejeitados da sociedade e estão onde outros não querem estar. A opção preferencial pelos pobres, que configurou a vida e a missão de Jesus (Lc 4,18), é um dos critérios fundamentais que guiam o discernimento das Ordens, das Congregações e dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades da Vida Apostólica.<sup>3</sup>

Assim como o apóstolo Paulo foi ter com os apóstolos em Jerusalém para discernir se “estava correndo ou tinha corrido em vão” (Gl 2,2), o critério-chave da autenticidade que lhe indicaram foi que não se esquecesse “dos pobres” (Gl 2,10).<sup>4</sup> Assim, também, se queremos saber se, como consagrados(as), estamos sendo fiéis à nossa vocação e missão, basta nos darmos conta onde nos encontramos. Hoje a VRC é testada e transparece, de forma bem especial, em suas opções missionárias. A quem servimos? De quem nos fazemos próximos? Onde estão “nossos pés”? “A opção pelos fracos e necessitados” continua sendo uma opção pastoral indiscutível hoje. A Conferência de Aparecida reforça esta opção quando diz que se trata de “uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja Latinoamericana e Caribenha, (...) está implícita na fé cristológica e deve atravessar todas as nossas estruturas e opções pastorais!”<sup>5</sup>

A VRC do Brasil estará no caminho do Evangelho quanto mais próxima estiver dos mais pobres, dos últimos da sociedade. Se também nos perguntarmos como o apóstolo Paulo, se não estamos “correndo em vão”, basta olharmos para nossas opções missionárias. Estamos buscando servir

2 EG, n. 188.

3 CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Anunciai – aos consagrados e às consagradas, testemunhas do Evangelho entre os povos*. Documento da Igreja 36. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 77.

4 EG, n. 195.

5 BRUNELLI, Delir. *A Caminho da XXII AGE*, p. 83; In DAp, n. 391; 392; 396.

os pobres e amá-los como fez Jesus ou estamos preocupados com nossas instituições e nossa sobrevivência?

O compromisso com a justiça é um valor evangélico fundamental para a Igreja e a VRC. Isso implica fazer a opção preferencial pelos pobres, opção que não pode ser esquecida pela Igreja. “Se a Igreja e conseqüentemente a VRC esqueceu a opção pelos pobres é porque já esqueceu o Evangelho”, segundo o que nos diz Dom Pedro Casaldáliga. Portanto, é uma opção inerente a quem se coloca no seguimento do Mestre Jesus de Nazaré.

Como seguidoras e seguidores de Jesus de Nazaré, somos convocados(as) mais uma vez a reafirmar nosso caminho e fidelidade no seguimento, buscando acolher a mensagem do projeto de Jesus, animadas e animados pelo espírito do Senhor, que nos envia a estar ao lado, próximos, solidários dos que mais precisam. Falar em opção pelos pobres para a VRC nos remete à fidelidade de nossa vocação e de nossos Carismas. Jesus de Nazaré é a razão pela qual optamos pelos mais pobres e abandonados da sociedade. Ele mesmo, ao iniciar sua missão, nos diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa--Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos, e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4,18-19).

Jesus, em sua trajetória de vida, soube viver sua relação com o Pai, sem descuidar a relação e o cuidado com o outro. Desenvolveu uma espiritualidade na ação. Isso tem a ver com atitudes profundas diante da vida humana. Jesus foi profundamente humano e, por isso, profundamente divino. Este modo de ser tem a ver com entrega e compromisso. “Compromisso por meio da entrega e devido a ela; entrega a Deus em gratidão e amor que se origina da contemplação do que Deus faz no mundo e em nós, e pelo mundo...a entrega envolve oferenda de nossos dons e talentos a Deus para serem usados em prol do Reino”.<sup>6</sup>

A força apostólica para nós, consagrados e consagradas, vem de uma profunda experiência de Deus e uma sadia convivência fraterna. Estar contente consigo mesmo, com a experiência fraterna, faz brotar o desejo profundo de anunciar. É bom que os outros façam também esta experiência. É importante nos auto-formar para a liberdade e a alegria de estar a serviço dos outros, sair de si, doar-se na missão, independentemente do “trabalho apostólico que se realiza”. O importante é viver o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, diria São Francisco de Assis. “Depois que o Senhor me deu Irmãos, ninguém

6 JÚNIOR, João Luiz Correia; SEBASTIÃO, A. Gameleira Soares. *A Espiritualidade de Jesus*. 2016, p. 82.

me mostrou o que eu devia fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a Forma do Santo Evangelho” (Testamento, 14).

Consagração e missão estão intimamente ligadas. Pois, chamados(as) a abraçar o projeto virginal, obediente e pobre que Jesus escolheu para si, participamos intimamente na consagração e missão do Senhor. Consagração e missão constituem uma só e a mesma realidade e vive-se como único ideal da existência. Traduzem-se em vida, palavra e serviço. “SER” e “FAZER” não se contrapõem, mas complementam-se.<sup>7</sup>

Consagração-missão envolve a pessoa no seu todo, no seu ser e no seu agir. A VRC não é qualquer coisa sobreposta à vida Cristã, como esta não é em relação à vida humana. Tudo aquilo que Deus nos chama a ser está em nós desde o começo: “desde o ventre materno”. Assim como na criança está potencialmente o homem todo, assim no chamado a abraçar o projeto religioso está, desde o princípio, o(a) consagrado(a). Quem vive esta unidade vital pode tornar sua a oração apostólica de Rahner:

“A vossa missão que me confiaste, tornou-se a minha própria missão e vida. Ela empenha inconsideradamente todas as minhas formas; quer viver da minha vida. E só vivo a minha própria vida, a minha vida mais pessoal, na medida em que detenho a vossa mensagem. Sou mensageiro, e fora disso, nada. À vossa luz – perdoai-me – arde como azeite à minha vida. No vosso serviço não há aquilo que se chama ‘horas de serviço’, terminadas as quais se regressa à vida pessoal para dispor dela como senhor e dono. É uma honra e uma graça poder servir-vos com todas as forças. Para vós o meu reconhecimento, pois tomaste toda a minha vida para a colocar ao vosso serviço. Assim não tenho outro ofício que o de anunciar a vossa mensagem: na minha vida a ‘ocupação e o amar-vos, é uma mesma coisa’”.<sup>8</sup>

Jesus Cristo não nos chama para si, mas nos chama diante de uma missão. No primeiro cântico do servo de Javé, o Profeta Isaías nos diz: “Eu, o Senhor, chamei você para o serviço da justiça, tomei-o pela mão e lhe dei forma, e o coloquei como Aliança de um povo e luz para as nações” (Is 42,6). Ou seja, Deus nos chama, toma a iniciativa, vem ao nosso encontro, nos forma, nos prepara e nos envia a uma missão, a ser aliança, luz, entre seu povo. Toda vocação que vem de Deus é uma resposta a um clamor (grito). Todo Carisma surge diante da carência de alguém bem concreto, ou de uma realidade, ou necessidade.

Assumir a opção pelos pobres é buscarmos fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo, que em Mateus nos recorda: “Ai de vós, escribas e fariseus

7 TURRA, Luiz. Consagração e missão hoje, p. 3.

8 RAHNER, Karl. “Apelos ao Deus do silêncio”, p. 105.

hipócritas! Porque pagais o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, mas desprezais os mandamentos mais importantes da lei, como a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Isso é que é preciso praticar, sem deixar de lado aquilo” (Mt 23, 23-24).

O Papa Francisco nos adverte ao cuidado com “falsa compaixão”, que pode levar o ser humano a cometer aborto e eutanásia (...). Porém, a “compaixão evangélica”, por sua vez, propõe a imagem do Bom Samaritano, que vê, tem compaixão, aproxima-se e oferece sua ajuda concreta ao necessitado. Por isso, nossa missão nos coloca em contínuo contato com tantas formas de sofrimento.

Assumir a consagração é dispor-se a viver na radicalidade o seguimento a Jesus Cristo e o anúncio do Evangelho, colocando-se a serviço dos mais pobres. Missão esta não apenas de quem se consagra, mas compromisso do ser cristão. “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”.<sup>9</sup>

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* 76, refletindo sobre a VRC e a sua missão na Igreja e no mundo, nos diz que:

as pessoas consagradas, na sua consagração e total doação, tornam visível a presença amorosa e salvadora de Cristo, o consagrado do Pai, enviado em missão. Deixando-se conquistar por ele, dispõem-se a ser um prolongamento da sua humanidade. A VRC mostrará que, quanto mais se vive de Cristo, tanto melhor se pode servi-lo nos outros, aventurando-se aos postos de vanguarda da missão e abraçando os maiores riscos.

Uma comunidade, por mais integrada que seja, e na qual seus membros se queiram bem, sem a missionariedade itinerante, sem compromisso com o povo, com os pobres, não tem sentido e será uma comunidade estéril. É necessário “descer aos porões” da humanidade, encarnar-se como Jesus. Aí faremos uma real experiência de Deus, que se manifesta no provisório e cotidiano, compartilharemos das angústias, sofrimentos, privações e igualmente da luta pelos direitos, das descobertas, das alegrias, das celebrações de vida, dos empobrecidos. Toda a verdadeira comunidade é missionária. Sabe que não vai “levar Deus” e seu amor ao povo, mas vai encontrá-Lo entre os pequenos e pobres, vai provar seu amor e sua ternura como os simples a experimentam.<sup>10</sup>

---

9 EG, n. 187.

10 RECH, H. T. p. 6.

Conhecemos a caminhada de nossa Igreja na AL, especialmente a Teologia da Libertação, que é, em última análise, uma tentativa de fidelidade do lugar teológico a partir do qual fazemos teologia, “os pobres”. Mas esta experiência e a prática de nossa ação evangelizadora talvez precisem ser retomadas, e creio ser um dos grandes desafios da VRC retomar o lugar teológico dos pobres. Colocar a missão como foco central de nossa vocação de consagrados(as). Quando perdemos isso de vista, corremos o risco de nos perder em coisas secundárias e em atitudes egoístas.

A Conferência Episcopal Latino-Americana (Medellín, 1968) buscou concretizar no continente a reviravolta do Concílio Vaticano II, assumindo com decisão e coragem a aliança com os “mais pobres”, desapegando-se do poder político-econômico ao qual a Igreja sempre esteve muito ligada. A partir disso, a Igreja começou a não se limitar a fazer algumas coisas pelos pobres, mas tomou uma atitude radical, de colocar-se ao lado dos “últimos” da sociedade para construir o Reino. Viver a fé com os olhos de quem está à margem da sociedade.

Esta opção da Igreja a conduz a conhecer e experimentar um Deus que quer a vida de todos, que quer direitos a todos, sem excluir ninguém, como bem absoluto, fazendo dos mais pobres e excluídos os seus preferidos, porque são os filhos mais sofredores e mais submetidos ao massacre dos sistemas e dos poderes fortes.<sup>11</sup> Deus toma o partido dos pobres, porque são eles os agentes de mudança. E a Igreja, assumindo suas causas, não será mais serva do sistema dominante, mas uma comunidade cristã capaz de encarnar a mudança que vem do Evangelho.

Somos convocados(as) a reafirmar a opção preferencial pelos pobres através da solidariedade e reaproximação com um estilo de vida simples e austera, comprometida com as causas sociais, engajada nas lutas em defesa dos direitos, da dignidade e da vida para todos, promovendo a participação política e colocando-nos ao lado dos grupos humanos mais vulneráveis, como os migrantes, os refugiados, as vítimas do tráfico humano, os afro-descendentes, os povos indígenas, entre outros.

## 2. Compromisso com os pobres que brota do encontro com Deus

A experiência de Deus em uma VRC verdadeira, positiva, alegre, que escuta a Palavra e a vida comum, torna o(a) religioso(a) atento(a) às pessoas,

---

11 SELLA, Adriano. Por uma Igreja do Reino, p. 160-161.

aos seus desejos, solidário(a) com sua busca do verdadeiro, do bom e do bonito, capaz de perceber a presença de Deus na vida dos outros e nas culturas e despertar neles a responsabilidade pela transformação das estruturas do pecado que estão no mundo e pelo cuidado com a criação. A experiência de Deus é fonte e reserva de esperança em um mundo que abandona as pessoas na solidão e no desespero.

Acreditar que Deus crê em mim é a lógica do amor que sempre começa com a iniciativa divina. “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou primeiro!” (1Jo 4,10). Segundo Torres Queiruga: “somos iniciados pela livre iniciativa do amor de Deus que nos Cria e nos salva”. A iniciativa sempre é de Deus, as demais ações são secundárias, são respostas à convocação que ecoa no interior do ser humano. Deus é mistério que se revela e se comunica. O reconhecimento do mistério como tal não pode ser entendido de nenhuma outra forma que não existencial e experiencialmente. O fato decisivo que confirmou a conversão de Paulo aconteceu desde o momento em que ele se deu conta do quanto Deus nele acreditava e qual era o preço de tal credibilidade. Isto ele o declara quando proclama: “Ele me amou e se entregou por mim!” (Gl 2, 20).

Vivemos uma crise de fidelidade, como adesão consciente a um chamado que é um percurso, um caminho, desde o seu início misterioso até seu misterioso fim. Uma crise de humanização. Estamos a viver os limites de uma coerência total, feridos pela incapacidade de realizar, no tempo, a nossa vida como vocação unitária e caminho fiel.

Somos convidados, em qualquer idade, a revisitar o centro profundo da vida pessoal, onde encontram significado e verdade as motivações do nosso viver como discípulos e discípulas do Mestre. Se, em nosso coração, não há o calor de Deus, do seu amor, de sua ternura, como podemos nós, pobres pecadores, inflamar o coração dos outros, especialmente daquelas e daqueles que mais precisam de nossa presença e ajuda humana e espiritual? Há alguns anos, o grande teólogo alemão Karl Rahner atrevia-se a afirmar que o principal e mais urgente problema da Igreja dos nossos tempos é a sua “mediocridade espiritual”. Estas eram as suas palavras: o verdadeiro problema da Igreja é “continuar com uma resignação e um tédio cada vez maior pelos caminhos habituais de uma mediocridade espiritual”.

A sociedade moderna apostou pelo “exterior”. Tudo nos convida a viver a partir de fora. Vivemos quase sempre na superfície da vida. Estamos esquecendo o que é saborear a vida desde dentro. Para ser humana, à nossa vida falta uma dimensão essencial: a interioridade. É triste observar que tampouco nas comunidades cristãs e, neste caso, na VRC, sabemos cuidar

e promover a vida interior. Muitos não sabem o que é o silêncio do coração, não se ensina a viver a fé a partir de dentro. Privados da experiência interior, sobrevivemos esquecendo a nossa alma: escutando palavras com os ouvidos e pronunciando orações com os lábios, enquanto o nosso coração está ausente. O Papa Francisco nos convida a nos sentirmos contentes por nos aproximar do pobre e do humilde, vendo como Jesus procede conosco quando nos afastamos dele; contentes por nos debruçarmos sobre os irmãos caídos por terra, vendo como Jesus, Bom Samaritano, inclina-se sobre cada um de nós tratando das nossas feridas com a sua compaixão, com o seu perdão.

Neste momento que vivemos, como VRC, faz-se necessário que algumas luzes mais animadoras sejam acesas para que nossa fé brilhe e nosso entusiasmo pela vida seja mais corajoso e transformador. Jamais me sentiria autorizada a pôr defeitos na forma como nós fomos catequizadas ou evangelizadas no passado. Cada tempo tem seus modos e também seus discursos sobre a fé. Atualmente, há necessidade, como VRC, de pensar, de fato, a qualidade de nosso ser consagrado, a qualidade de nossa fé. A crer com ânimo e alegria e jamais pensar a relação com Deus como uma atitude pesada e marcada pelo medo.

Ouvir com o coração a PALAVRA que hoje me fala é uma porta de entrada para ingressar no mistério de Deus. O que meu coração sente faz meu olho enxergar diferente. “Estar com o pobre transforma meu olhar”. Começo a enxergar diferente, e isso se chama, em nossa espiritualidade, conversão. Mudar o olhar, o sentir, o agir, isso me leva a um verdadeiro compromisso.

A vida cristã não se limita à hora de rezar, mas requer um compromisso contínuo e corajoso que nasce da oração. Deus vem ao encontro da humanidade revelando seu rosto, seu coração e sua prática, e a humanidade procura o Senhor como que às apalpadelas, pois Deus não está longe de cada um de nós.

Ao longo da história da humanidade, cada povo foi descobrindo vários traços do rosto de Deus na vida e na natureza. O povo da Bíblia tem uma perspectiva de onde lê a realidade: a fé em Javé, Deus vivo e Senhor da história. Ela é a chave que lhes faz decifrar sua mensagem na complexa trama da vida. A Bíblia é este livro que recolhe esta experiência secular que culminou na experiência que Jesus teve de Deus e que foi comunicada através de sua vida, paixão, morte, ressurreição e através do testemunho das primeiras comunidades.

O povo bíblico fez uma experiência com esse Deus, da qual precisamos nos reportar e confrontar se estamos no rumo de uma autêntica espiritualidade.

“Procurai o Senhor, já que ele se deixa encontrar” (Is 55,6). A atitude de busca caracteriza os homens e as mulheres da Bíblia. O povo bíblico experimenta Deus no caminho da vida, tecido de luzes e sombras; de sucessos e fracassos; de ilusão e desilusão. Por isso, uma espiritualidade bíblica sempre começa por uma atitude: a escuta da Palavra.

Assumir e viver nossa consagração com fidelidade nos apela a vivermos experiências de encontro pessoal com o Mestre, razão do chamado e da entrega incondicional que faz com que o discípulo viva sua existência toda em conformidade com Jesus Cristo e seu Projeto e sinta necessidade de ir em missão anunciar e convidar outros a seguirem este mesmo caminho.

Vita Consecrata nos diz que: “À Vida Consagrada está confiada a missão de indicar o Filho de Deus feito homem como a meta escatológica para onde tudo tende, o esplendor perante o qual qualquer outra luz empalidece, a beleza infinita, a única que pode saciar totalmente o coração da pessoa humana. É que, na VRC, não se trata apenas de seguir Cristo de todo o coração, amando-o ‘mais do que o pai ou a mãe, mais do que o filho ou a filha’ (Mt 10,37), como é pedido a todo o discípulo, mas trata-se de viver e exprimir isso mesmo, com uma adesão ‘conformativa’ a Cristo da existência inteira, em uma tensão totalizante que antecipa, o quanto possível, no tempo e aos vários Carismas, a perfeição escatológica”.<sup>12</sup> A força apostólica vem de uma profunda experiência de Deus e uma sadia convivência fraterna.

Para encontrar Deus precisamos empreender o caminho de “descida”, dirigir o olhar e o coração para o mundo da exclusão. Descer ao mais profundo de meu eu, aí Deus se faz humano, simples, pobre e nos renova o olhar para que nos voltemos com este olhar a contemplar Deus no pobre, no simples; daquele que não tem vez, nem voz, ali ele se revela. Este é sem dúvida um dos desafios para a VRC hoje: retornar ao “MUNDO DOS POBRES”. Para isso, precisamos cultivar a mística do ser menor, do simples, do pequeno. Quando confessamos que o Verbo se fez carne, cremos que o desejo do ser humano de se tornar divino se concretizou, o utópico se tornou tópico. Cremos que o ser humano chegou a Deus porque Deus chegou primeiro ao ser humano. O ser humano se “divinizou” porque Deus se “humanizou”. Ao humanizar-se, Deus não mutilou o ser humano, mas o divinizou.

Do encontro com Deus, brota o desejo de evangelizar. “Ai de mim se não anunciar o evangelho”. O apóstolo Paulo tinha profunda consciência do seu ser apóstolo e missionário de Jesus. Duas coisas eram preciosas para ele, quando se trata da vocação e do anúncio: a gratuidade como ele vive o seu

---

12 VC, n. 16.

‘ser apóstolo’ e o amor; sensibilidade para com os mais fracos, os ‘últimos da sociedade’. Duas qualidades que talvez nos faltam muito hoje em nossa missão. Amor e gratuidade para com os mais pobres. Uma Igreja próxima, acolhedora, solidária. O Papa Francisco insiste muito nisso. Seremos próximos. Não precisamos falar muito, saber muito sobre Deus para evangelizar. Basta demonstrarmos gestos de gratuidade, de interesse, de acolhida e de escuta. Escutar, não tanto falar.<sup>13</sup> Evangelizar é missão fundamental da Igreja. Define-se como uma Igreja em saída, enviada em missão, é a dimensão da Igreja que no encontro com Deus se sente convocada ao encontro com o irmão. Especialmente aquele que mais precisa de solidariedade e amor.

### 3. Solidariedade e partilha de nosso carisma com os pobres

Vivemos um momento de grandes mudanças no cenário popular. Visibilizamos novas formas de pobreza e exclusão e, como VRC, nos distanciamos dos pobres. É momento de resgatar nossa opção preferencial pelos pobres e excluídos. É necessário fidelidade e presença atuante onde se decidem os rumos da vida digna para o povo. Por isso a importância de dar continuidade aos trabalhos em redes, parcerias e articulações horizontais, pois acreditar e assumir o compromisso com os mais pobres, os mais vulneráveis da sociedade como fidelidade à nossa vocação e ao carisma, nos faz desenvolver a mística da solidariedade e da partilha, nos faz sentir ‘pobres com os pobres’, realidade profunda que nos tira dos falsos pedestais a que nos acostumamos a subir, e nos situa no nível da terra, em nosso justo lugar de criaturas, onde podemos reconhecer o outro como irmão e irmã de caminhada, com os mesmos direitos. Faz-nos reconhecer como companheiros da mesma estrada, sejam mais velhos ou jovens, ricos ou pobres, com ideologias tradicionalistas ou avançadas, do norte ou do sul.

Jesus foi profundamente comprometido em sua ação com os mais necessitados. “Em meio à ação em favor deste povo excluído do direito de ser gente com dignidade, encontramos Jesus contemplando e louvando a Deus por encontrá-lo presente nesse meio, mostrando a sua face, conforme lemos em Mt 11, 25: ‘Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos (...)’”.<sup>14</sup> Jesus não apenas contemplou a multidão que estava sempre ao seu redor, mas viu e sentiu profundamente a dor, o sofrimento daquele povo, sentiu compaixão porque “estavam como ovelhas sem pastor”. Foi profundamente solidário com aqueles que estavam à margem: cegos, coxos, aleijados, mulheres, crianças.

13 CEBs e os desafios do mundo urbano, p. 39.

14 JÚNIOR, João Luiz Correia; SEBASTIÃO, A. Gameleira Soares. *A Espiritualidade de Jesus*, p. 84.

Por isso, Jesus se faz partilha, doa-se por amor pela causa destes menos favorecidos e assume esta opção até as últimas consequências. Ser companheiro ou companheira do outro, assim como foi Jesus, com a intensidade e profundidade que isto exige, situa-nos ao redor da “mesa partilhada”, símbolo e memória do amor de Jesus de Nazaré, que se entregou com liberdade até o extremo. Presenciamos este gesto na última ceia. Participar desta mesa é participar e lutar a fim de que todos possam estar ao redor desta mesa e partilhar dos mesmos direitos.

Esta consciência vai nos ensinando, aos poucos, a ordenar e situar adequadamente nossas próprias prioridades e a encontrar na nossa vocação de serviço gratuito, libertador, o pleno de sentido de nossa vida. Participar desta mesa nos faz solidários com as causas perdidas da humanidade e portadores de esperança e comunhão.

Viver esta dimensão da partilha com os mais pobres nos tira da acomodação e nos faz olhar para nosso irmão como dom. Nossa justa relação com o outro consiste em reconhecer com gratidão o seu valor e com ele buscarmos nos integrar na luta pela vida plena e em abundância para todos, como fez Jesus de Nazaré, o Messias. O pobre, o necessitado, não é um empecilho para realizar nossa vocação cristã, mas se torna espaço teologal de conversão de vida, que nos faz nos aproximar, sentir suas dores, ouvir seu clamor e sintonizar com as lutas por libertação, partilha e justiça para todos.

Nesta perspectiva, adquire relevância todo empenho que nossas instituições fazem, animadas pelo carisma fundacional de nos colocar ao lado destes “prediletos do Pai” e construirmos o Reino já aqui, como mulheres e homens livres, disponíveis e dispostos(as) a ser enviados (as) lá onde a necessidade seja maior e extremamente urgente.

Partilhar o carisma como instituições nos remete ao convite que Puebla, Aparecida e tantos outros documentos da Igreja nos convoca: viver a comunhão e a participação em nossos espaços de evangelização. Exorta-nos a vivermos a dimensão na sinodalidade de nossos carismas, “o caminhar juntos, que não é apenas um método, mas é conteúdo da evangelização, inspirados na trindade que se faz comunhão e participação. A Trindade como a primeira comunidade missionária, porque é amor que se doa, se derrama (...) é envio do amor a toda a humanidade”.<sup>15</sup>

Diante do momento que vivemos, faz-se necessário, mais do que nunca, partilhar nossos carismas enquanto VRC entre nós e com os leigos. Somar forças em parcerias, em projetos evangelizadores. Isso também nos lembra a

15 Texto-Base, 4º Congresso Missionário Nacional, p. 27-28.

sinodalidade da missão de Jesus, que chamou os “doze e começou a enviá-los, dois a dois (Mc 6,7; cf. Lc 10,1), nunca sozinhos. Sinodalidade produz solidariedade entre os que caminham juntos e é, portanto, um antídoto contra atitudes concorrenciais (...) o caminhar junto é a origem da sinodalidade. É uma graça que preserva a atividade missionária de personalismo e autoritarismos (...)”.<sup>16</sup>

Caminharmos juntos para os espaços que hoje esperam nossa presença de solidariedade e esperança. Espaços e realidades que clamam por vida digna, por justiça, por defesa de direitos conquistados. Ao mesmo tempo, partilhar e viver o Carisma com leigos que desejam, a partir de suas famílias, abraçar a causa dos mais pobres e necessitados, tocados também pelos carismas fundacionais. Que riqueza, quantos testemunhos de leigos comprometidos e engajados na evangelização, eles também motivados pelos carismas das congregações. Oxalá possamos crescer sempre mais nesta dimensão, confiantes de que este é um caminho sem volta. Cada vez mais a VRC precisa se abrir, contar e confiar com a presença de cristãos ousados e comprometidos que assumam a causa do evangelho e se disponham ao seguimento discipular de Jesus Cristo, motivados pelos carismas fundacionais.

É necessário desacomodar-se, sair da autorreferencialidade, partilhar o carisma investindo cada vez mais na formação de leigos e leigas, preparando lideranças que somam conosco na missão. A experiência nos mostra que a vibração pelo carisma e a vivência por parte destas lideranças superam, muitas vezes, nosso próprio testemunho como consagrados e consagradas. Assumir este caminho sinodal revela fidelidade ao evangelho e compromisso com quem mais necessita. Sejamos pessoas animadas na esperança e revigoradas na fé, fortalecendo os laços de convivência com os mais pobres, “os prediletos de Deus”.

## QUESTÕES

1. Assumir e viver a consagração com fidelidade nos apela a vivermos experiências de encontro pessoal com o Mestre. Como você e sua comunidade se percebem na busca cotidiana desta fidelidade?
2. Abraçar a causa dos mais pobres e necessitados, tocados pelos carismas fundacionais, é o que o mundo e a Igreja esperam da Vida Religiosa Consagrada. Que respostas sua Congregação tem dado a partir do Carisma no que diz respeito à opção pelos pobres?
3. Que espaços reais os leigos ocupam e compartilham do carisma na Ação Evangelizadora de sua Família Congregacional?

16 Ibidem, p. 29.

## Bibliografia

BRUNELLI, Delir. *Tecer relações de Irmandade em contexto plural. A Caminho da XXII AGE*. Publicações CRB, 2010.

*CEBs e os desafios do mundo urbano*. Texto-base. 2017.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Anunciai. Aos consagrados e às consagradas testemunhas do Evangelho entre os povos*. Documento da Igreja 36. Brasília: Edições CNBB, 2017.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium. A Alegria do Evangelho*. Documentos Pontifícios 17. Brasília: Edições CNBB, 2013.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*. Sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1996.

JÚNIOR, João Luiz Correia; SEBASTIÃO, A. Gameleira Soares. *A Espiritualidade de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2016.

RAHNER, Karl. *Apelos ao Deus do silêncio*. Tradução: Dias da Costa. São Paulo: Edições Paulistas, 1968.

SELLA, Adriano. *Por uma Igreja do Reino. Novas Práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial*. São Paulo: Paulus. 2011.

Texto-Base, 4º Congresso Missionário Nacional. *A alegria do Evangelho para uma Igreja em saída*. POM. Brasília. 2017.

TURRA, Luiz. *Consagração e Missão Hoje. Teologia dos Votos*. Porto Alegre, 2009.

# Intercongregacionalidade como paradigma da vida religiosa consagrada em "saída"

JOACHIM ANDRADE, SVD<sup>1</sup>

RITA ROMIO, STJ<sup>2</sup>

*A amorosa graça divina nos reuniu de vários povos e continentes em uma comunidade religiosa missionária. Como uma comunidade de irmãos (irmãs) de diferentes nações e línguas, tornamos um símbolo vivo da unidade e da diversidade da Igreja.*

## 1. Introdução

O pontificado de Francisco apresenta uma mudança radical do paradigma da Igreja, que, até então, o “centro”, a Cúria Romana, coordenava cautelosamente as mudanças que surgiam em diversas partes do mundo; o pontificado do Papa Francisco apresenta as mudanças transformadoras a partir do “centro”. Entende-se, de modo geral, que as mudanças, na maioria das vezes, ocorrem em contextos periféricos, desafiando o “centro”, a Cúria Romana, a agir com rapidez e, assim, estar mais próxima do povo. Mas, no contexto atual da Cúria Romana, com o novo estilo inovador e humano do pontífice, as mudanças são apresentadas já no centro, desafiando as periferias a renovarem suas atividades pastorais e apresentarem novos

---

1 Missionário do Verbo Divino, Doutor em Ciência da Religião. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Professor da PUC, Paraná. Assessor da dimensão missionária da CRB.

2 Religiosa da Companhia de Santa Teresa de Jesus, pedagoga e mestra em teologia, Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional.

rumos. A partir das encíclicas, documentos, homilias e visitas, o atual pontífice apresenta novos caminhos que, na maioria das vezes, as periferias não conseguem acompanhar. Observamos também que, a princípio, as mudanças giram ao redor da pessoa do Papa, ou melhor, do carisma, da visão de pastor, tornando-se, assim, fator determinante dessa mudança radical na Igreja. Referindo-se ao pastor, alguns afirmam que a “cabeça pensa, mas o corpo não acompanha”.

No interior dessa visão, encontra-se a Vida Religiosa Consagrada (VRC), acompanhando e colaborando com os apelos do pastor e, ao mesmo tempo, na inquietação de manter fidelidade à sua missão intrínseca, viver a mística e a profecia. A VRC, desde seu nascimento até os tempos atuais, trilhou seu caminho no “paradigma de saída”. Entende-se que o religioso é aquele que está a caminho, pois o religioso parado cessa de ser religioso. Ao longo dos séculos, a VRC foi compreendida a partir de diversos paradigmas, por exemplo, “VRC como paradigma da autorrealização”, “VRC como paradigma profético” “VRC como paradigma comunitário” e “VRC como paradigma da vocação – convocação e missão”.<sup>3</sup> A VRC contemporânea apresenta uma mudança radical em seus paradigmas, no sentido de desenvolver as atividades missionárias. Algumas congregações visam “periferia como paradigma”, outras “educação como paradigma”, outras ainda consideram “marginalidade como paradigma”<sup>4</sup> da VRC. Dentro desse contexto, nesse pequeno artigo, pretendemos abordar a intercongregacionalidade como um paradigma da VRC contemporânea, devido aos contextos e encruzilhadas que ela vem enfrentando nos últimos anos.

## 2. Mapeamento

A ideia da intercongregacionalidade surgiu a partir de uma ação conjunta praticada nos encontros de formação intercongregacionais organizados pela CRB, como postulínteres, novínteres, junínteres e formação permanente, como o Cerne, o Profolider, etc.; mas a ideia agora evoluiu e se estendeu, inclusive, para as atividades missionárias intercongregacionais. Ou, dizendo em outras palavras, a intercongregacionalidade é o trabalho realizado em uma forma conjunta entre os membros de diversas congregações, nos lugares mais necessitados, mostrando a face solidária e comunitária de

---

3 Conferir, José A. García S.J. Desde el Vaticano II hasta hoy, cuatro paradigmas de Vida Religiosa. Disponível em: [http://www.confer.es/68/activos/texto/wcnfr\\_pdf\\_1898-BLIfoWZ3TYd5NJB9.pdf](http://www.confer.es/68/activos/texto/wcnfr_pdf_1898-BLIfoWZ3TYd5NJB9.pdf). Acesso em: 9 de abril de 2017.

4 Para as maiores informações conferir o artigo intitulado “A marginalidade como paradigma da vida do cristão” foi publicado na revista *Ricerca*. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Deus, convivendo sob o mesmo teto, partilhando carismas diferentes. Seria uma espécie de diálogo profético, ou ecumênico, entre os carismas das congregações, visando dar o melhor testemunho do ser e do fazer religioso.

A Intercongregacionalidade, concretamente, é uma aliança que vem acontecendo entre congregações já há alguns anos para atender a algumas situações específicas da missão. É um desafio que nos convida a superar a segregação congregacional e partir para um novo jeito de vivermos a VRC. Os carismas partilhados são sementes lançadas em outros campos para que germinem e floresçam propostas novas para que vivamos como VRC em estado permanente de profecia. A missão é o motivo primeiro de nossa união; por isso, somos convidados(as) a nos deixar conduzir pelo Espírito Santo. Dessa forma, obedientes ao Espírito de Deus, somos conduzidos(as) além-fronteiras de nossas Congregações para lugares onde a vida é ameaçada e a criação continua a gemer em dores de parto.

É muito interessante notar as observações de Irmã Terezinha Tontini que, em seu artigo, referindo-se ao ano da Vida Consagrada (2015), aponta algumas características ou tendências. Ela afirma que “o relato sobre a experiência ‘Vivendo a Intercongregacionalidade’ nos aponta algumas características como: a comunhão dos diferentes carismas, caminhos de convivência, mantém alerta para a diversidade cultural, religiosa, geracional, de gênero, a prioridade da vida sobre as estruturas, a hospitalidade e acolhimento a quantos queiram partilhar sua vida (...). Comunhão fundada no respeito, admiração, cuidado, em cumplicidade com os sonhos e as lutas dos pobres. Há uma riqueza de vivência intercongregacional”.<sup>5</sup>

### 3. Contextos missionários

O tempo de “vacas gordas” das vocações para a VRC parece estar no fim. Foi uma época quando cada congregação teve seu modo específico de realizar a missão. Talvez nunca se pensou que iriam chegar tempos de “vacas magras”, com poucas vocações, e que levariam as congregações a se sentarem juntas para dialogar em termos de partilha dos carismas, de projetos comuns. Os contextos atuais e a própria realidade congregacional de escassez das vocações pedem que haja diálogo entre os carismas e espiritualidades para atender às necessidades missionárias. Além disso, as fronteiras missionárias estão se multiplicando cada vez mais onde um único carisma não poderia responder às exigências do mundo contemporâneo. A experiência intercongregacional da missão já foi iniciada no contexto

5 TONTINI, Terezinha. *Intercongregacionalidade e novas formas de vida consagrada*, 15 de março de 2015.

brasileiro há mais de duas décadas. A iniciativa foi, em primeiro lugar, da CNBB, principalmente nas dioceses do sul do Brasil, que enviavam padres para as dioceses da região amazônica, com o objetivo de acompanhar o projeto “Igrejas-Irmãs”, desenvolvendo atividades pastorais. Ao mesmo tempo, algumas Congregações também assumiram concretamente este projeto, tentando um novo jeito de viver a missão, inspiradas no projeto de vida de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”! (Jo 10,10).

A partir do Terceiro Milênio, a CRB do Brasil, além de atender às necessidades locais e regionais brasileiras, assumiu os apelos de países como Timor Leste, Moçambique e Haiti, onde algumas congregações femininas participam tecendo a vida e partilhando os carismas. Mais uma vez a inspiração vem do próprio Jesus, que nos convida a sair: “Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim” (Mc 1,38).

Irmã Vera Lucia Palermo, em seu artigo sobre o Ano da Vida Consagrada, apresenta os *insights* do Papa Francisco. Ele convida a VRC a “deixar-se surpreender”, a “abrir-se ao inesperado”, a “despertar o mundo”, a “ser peritos em comunhão”, pois a missão nos chama, hoje, a percorrer outros e novos caminhos. Fazendo referência à intercongregacionalidade, o Papa Francisco ressalta o que espera da VC:

(...) espero que cresça a comunhão entre os membros dos diferentes Institutos. Não poderia este Ano ser ocasião de sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para se elaborar em conjunto, em nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações é um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua e nos preserva da doença da auto-referencialidade.” “(...) espero que saibais, sem vos perder em vãs ‘utopias’, criar ‘outros lugares’ onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco (...)” Qual o medo que temos e vivemos quando falamos em intercongregacionalizar na nossa vida e missão?<sup>6</sup>

#### 4. Vivência do “paradigma intercongregacional”

O paradigma intercongregacional parte do princípio de uma interação harmônica, mas sustentada pelos membros oriundos de diferentes origens, múltiplos ambientes culturais e diversos carismas em prol da missão que

6 PALERMO, Vera Lucia. *Ano da Vida Consagrada e a Intercongregacionalidade*, 2015.

lhes foi confiada. A sustentada interação chama os membros a uma inserção na situação real das pessoas, onde o trabalho é desenvolvido. Com mente aberta e profundo respeito pelas tradições religiosas e cultura dos povos, buscar o diálogo com todos e apresentar a Boa-Nova do amor de Deus para com eles. Nesse processo, encontra-se o jogo do “outro” entre os membros da mesma comunidade intercongregacional. A princípio convidamos o “outro” para se encaixar, para mudar, para se adaptar ao que estamos fazendo – ou é um convite para se juntar a fim de que todos se transformem em algo novo? Um sujeito se torna o “outro” para os outros membros, como eles se tornam o “outro” para ele.

Esse “outro” pode ser visto em três níveis. O primeiro “outro” aplica-se ao(à) religioso(a) proveniente de uma determinada região geográfica, calçando seu sapato cultural específico, diferente dos demais; o segundo “outro” é aquele que veste o “carisma” específico de sua própria congregação, diferente dos demais carismas; e finalmente o terceiro “outro” é aquele que possui uma experiência fundante de Deus, que desenvolve a missão em uma perspectiva que não necessariamente esteja em sintonia com as perspectivas dos outros. Para que todos os membros estejam verdadeiramente comprometidos na mutualidade, na interação e no propósito comum de viver e trabalhar com aqueles que são os “outros”, devem estar conscientes de que nenhum deles pode assumir uma posição de controle sobre os outros.

O paradigma intercongregacional exige que cada membro deve estar pronto para mudar e não simplesmente esperar que os “outros” se adaptem às suas estruturas e formas culturais. Deve acontecer uma conversão constante, não só de etnocentrismo, no sentido de uma mentalidade intercultural, mas também da posição do poder ou controle, no sentido de permitir a tomada de decisões em conjunto com o “outro”. O carisma particular de um membro recebe o suporte do carisma do outro e, assim, transforma-se em carisma coletivo em prol da missão. A perspectiva pessoal transcende para uma perspectiva universal onde a missão é vista através dos olhos de Deus.

A formação da comunidade intecongregacional encontra seu sentido quando os membros assumem uma dedicação total à missão *ad extra*; ao mesmo tempo, a convivência comunitária *ad intra* pede um tempo de discernir as capacidades de cada um, de crescer nas atitudes, conhecimento, espiritualidade e habilidades necessárias. Em última análise, elaborar a missão a partir do paradigma intercongregacional requer uma conversão do coração, no qual abraçamos a nossa competência e verdadeira dignidade como irmãos e irmãs.

## 5. Sombras

Uma das dificuldades do paradigma intercongregacional é a convivência com os outros membros, a qual exige múltiplos ajustes. Em primeiro lugar, sendo que os membros são diferentes uns dos outros (cultura, carisma, perspectiva), cada um precisa fazer a passagem do etnocentrismo ao etnorelativismo. Esse processo é realizado a partir dos seis estágios, como apresenta Milton Bennet no “modelo do desenvolvimento da sensibilidade intercultural” onde um membro passa do estágio de negação – defesa – minimização – aceitação – adaptação e integração.<sup>7</sup> Esse processo, de fato, é demorado e nem todos os membros conseguem fazer de uma forma adequada e simultânea. Justamente nesta etapa geram-se os conflitos reais na comunidade intercongregacional. Os membros vão gastar mais tempo e energias nos ajustes do que propriamente na missão. A caminhada do etnocentrismo ao etnorelativismo é um processo de adquirir nova identidade – uma identidade universal. Na nova identidade, o “outro” cessa de ser “outro”, mas se torna um companheiro, amigo e irmão. A identidade universal traz uma dimensão mais familiar no ambiente *ad intra*, assim como o respeito e a humildade no ambiente *ad extra*.

A segunda sombra que podemos detectar nas comunidades intercongregacionais está relacionada ao fato de carregarem dentro de si múltiplos carismas, conforme os membros de diversas congregações. A diversidade dos carismas pode desviar o foco real da missão intercongregacional. Se um membro de uma congregação não souber como socializar seu carisma para com os outros carismas, nunca vai conseguir chegar à proposta intercongregacional. Cada membro vai permanecer focado no seu carisma congregacional, mas levando uma vida em uma comunidade intercongregacional. Se a maior parte dos membros for assim, a proposta da missão intercongregacional sofre os efeitos colaterais. Neste contexto, cada membro é convidado a tirar “o sapato do carisma congregacional e calçar o sapato do carisma intercongregacional”. É nisso que se encontra o verdadeiro lugar da missão intercongregacional.

Em terceiro lugar, os membros de comunidade intercongregacional possuem suas experiências particulares de Deus. A construção da interioridade não pode ser universalizada com tanta facilidade, apesar de que a pessoa que tem a verdadeira experiência de Deus sempre apresenta abertura em relação aos outros. Porém, a particularidade da experiência pode limitar

---

7 Mais informações sobre esse assunto se encontra no artigo: Andrade J. *Interculturalidade nas comunidades religiosas: novas formas de viver*. In: Susin, C. Luiz (org) *Vida Religiosa Consagrada em Processo de Transformação: Vejam que estou fazendo uma coisa nova*. Paulinas, São Paulo, 2015.

a pessoa a permanecer no seu mundo e achar que, conforme a sua perspectiva, tudo aquilo que ela desenvolve está correto. Desta forma a comunidade intercongregacional pode se transformar em um pensionato onde os indivíduos vivem conforme o seu gosto pessoal, deixando a missão se virar sozinha. A sombra da individualidade só desaparece quando todos os membros conseguem partilhar suas experiências particulares de Deus e universalizá-las no ambiente comunitário. Assim, a experiência individual pode ser transformada em carisma coletivo.

## 6. Luzes

Uma das luzes da comunidade intercongregacional surge a partir das diferenças culturais, variedade dos carismas e perspectivas específicas dos membros que providenciam as pistas para desenvolver excelentes trabalhos missionários. Por exemplo, se a comunidade é constituída de membros cultural, étnica e socialmente semelhantes, tem certeza de que esses membros são efetivos no desenvolvimento dos trabalhos, pois eles facilmente compreendem o outro, sabem lidar com os desentendimentos alheios, assim como conseguem resolver os conflitos que surgem. É mais fácil lidar com as pessoas que são semelhantes a nós. Mas, conforme DiStefano e Maznevski, os grupos que são culturalmente diferentes podem se tornar altamente efetivos, mais do que os grupos semelhantes. O alto grau de eficiência dos grupos culturalmente diferentes é devido ao resultado da capacidade de compreender e atender as diferenças culturais, sociais e outros desafios presentes no grupo. Os membros que são diferentes uns dos outros entram na comunidade com diversas noções do trabalho e assim podem enriquecer com ideias em prol da missão.<sup>8</sup> Neste sentido as comunidades intercongregacionais com elevada diversidade exibem maior capacidade e agilidade para a atividade missionária.

Em segundo lugar, as luzes também podem surgir a partir da realidade onde a missão se encontra. Inseridos em uma missão, somos afetados pelo que observamos, interpretamos, decidimos e pela maneira pela qual executamos as nossas ideias. As diferenças na comunidade intercongregacional, além de terem a possibilidade de dar pistas para o alcance de resultados positivos, podem se transformar em bênçãos. Tudo isto pelo enorme potencial que estas equipes multiculturais possuem. Salienta-se a capacidade de criar uma aproximação inovadora aos complexos desafios que a missão

8 Mais informações sobre esse assunto se encontra em "Stories of Our Intercultural Living and Mission" SVD publications, Rome 2017.

apresenta e, assim, a possibilidade de desenvolver novos caminhos e de implementar soluções. Nesse sentido, a intercongregacionalidade se torna divina, pois o nosso Deus é uno e trino, podemos dizer que Ele é uno nas diferenças. Ele é relacional.

## 7. Inspiração bíblica e teológica

É evidente que a intercongregacionalidade é uma nova forma de viver, um sinal profético de VRC, à luz da comunhão trinitária. O ponto de partida para a missão se encontra no seu apelo missionário: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9,37). Portanto, Ele mesmo enviou dois a dois para atingir esse objetivo.

Seguindo os passos de Jesus, a Igreja primitiva, em sua missão de comunicar a Boa-Nova cristã ao mundo cultural helênico, utilizou elementos de outras culturas, principalmente da filosofia grega, a serviço da tematização da fé cristã, correndo o risco de certa infiltração dualista para a propagação da Boa-Nova. No entanto, a reflexão teológica e o magistério eclesial, tanto nos primórdios, como posteriormente, têm enfrentado a influência grega dualista e se posicionado na defesa da unidade da pessoa humana, mantendo fidelidade à visão unitária da Sagrada Escritura.

Aprendemos a olhar a realidade com o olhar de Jesus e, como Ele, optar de modo preferencial pelas pessoas mais necessitadas, porque a salvação atinge a pessoa na sua globalidade. É óbvio que, se em um momento histórico, é necessário acentuar mais uma dimensão, não significa fechamento às outras dimensões. Neste sentido é pertinente a perspectiva do Papa Francisco, que nos ajuda a ampliar este horizonte, levando-nos à responsabilidade cristã no envolvimento com o cuidado da Casa Comum: “o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto<sup>9</sup> e exigem uma ecologia integral.”<sup>10</sup>

Da prática de Jesus à fidelidade evangélica eclesial, no testemunho de cristãos, de comunidades religiosas proféticas, de mártires, encontramos, ao longo da história, a concretização de que “toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas”.<sup>11</sup> Portanto, em uma comunidade intercongregacional, ao considerar a observância dos carismas das respectivas famílias

9 FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS). Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015, n. 48.

10 Ibidem, n. 137 ss.

11 DAp, n. 176; cf. EG, n. 88.

religiosas e manter fidelidade no seguimento do Mestre, é preciso, além da elaboração de projeto comum, o exercício diário de assumir e viver a antropologia bíblico-cristã, que considera o ser humano na sua totalidade de dimensões ou aspectos. Porque, para a fé cristã, tudo o que afeta o ser humano não pode ser ignorado pelos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo.

## Conclusão

O trabalho intercongregacional, que vem se realizando em diversas regiões do mundo, é hoje um clamor e uma urgência para afrontar, em espírito de comunhão, os clamores da missão. Para isso, é preciso que haja disposição e boa vontade em trilhar o caminho da missão. Quem muito caminha, aprende a depurar não somente a bagagem, mas também a alma. O ato de caminhar ajuda a discernir o que é indispensável e o que é negociável. A caminhada missionária intercongregacional é um aprendizado para conviver em paz com o outro. No caminho, perde-se a ansiedade de encontrar respostas para tudo. Ao sair do “nosso” lugar, mudamos a forma ou maneira de olhar o mundo e a perspectiva de vida.<sup>12</sup> Além disso, o apelo do nosso pastor Papa Francisco também nos motiva: “Não deixemos que nos roubem: o nosso entusiasmo missionário, a alegria da evangelização, a esperança, a comunidade, o Evangelho, o ideal do amor fraterno-sororal, a força missionária!”.<sup>13</sup> Portanto, o apelo de Jesus, o contexto atual do mundo contemporâneo e a escassez das vocações para a VRC vêm nos impulsionando a assumir o “paradigma da intercongregacionalidade” como saída, porque quando somos fracos, então é que somos fortes (2Cor 12,10).

## QUESTÕES

1. Em que contexto a intercongregacionalidade é necessária hoje?
2. Em que se fundamenta a intercongregacionalidade?
3. Quais benefícios traz a intercongregacionalidade para as Instituições envolvidas, para a VRC e para a Igreja?

12 SUESS, 2012:12.

13 EG, n. 80-109.

# Anunciar o Evangelho e doar a própria vida

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS<sup>1</sup>

A partir do cotidiano atual da Vida Religiosa Consagrada (VRC) – com seus desafios e esperanças, suas contradições e potencialidades – deixemo-nos interpelar e iluminar pelas palavras do Apóstolo Paulo: “Queríamos tanto bem a vocês, que estávamos prontos a dar-lhes não somente o Evangelho de Deus, mas a nossa própria vida” (1Ts 2,8). Quatro observações se impõem.

A primeira é que a mudança do nome de Saulo para Paulo, narrada no capítulo 9 dos Atos dos Apóstolos, representa sua conversão ao cristianismo que ele perseguia. Logo em seguida, representará também sua posterior missão entre os gentios, onde toda sua vida constitui o retrato vivo da frase acima citada. Segunda observação: esse versículo da Primeira Carta aos Tessalonicenses tem um surpreendente efeito retroativo sobre a pessoa e a mensagem de Jesus, iluminando sua Boa-Nova e sua atitude de “passar pela vida fazendo o bem” (At 10,38). Terceira observação: a mesma frase serve para animar os debates em torno do mês da Bíblia de 2017, o qual terá como tema “Para que n’Ele nossos povos tenham vida” e como lema “Anunciar o Evangelho e doar a própria vida”. Enfim, a quarta observação tenta trazer

---

1 Sacerdote religioso da Congregação dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos). Nasceu no ano de 1953, na Ilha da Madeira, Portugal, de onde migrou para São Paulo, Brasil, em 1969. Como sacerdote religioso, trabalhou junto aos migrantes de favelas, cortiços, periferias, fronteira de Brasil, Paraguai e Argentina e zona rural. Ocupou sucessivamente os cargos de Diretor do Centro de Estudos Migratórios de S. Paulo (CEM), Assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Superior Provincial da Província São Paulo. Hoje, em Roma, exerce a função de Vigário Geral da Congregação. Endereço postal: Via Ulisse Seni 2, 00153 – Roma – Itália.

algumas luzes para o que, há tempo e por toda parte, vem sendo indetificada como uma prolongada crise da VRC.

As observações do parágrafo anterior, desde o ponto de vista do seguimento de Jesus, giram em torno de um único foco com dupla dimensão: o Evangelho da Boa-Nova, por uma parte, e a vida de nossos povos, por outra. Essa espécie de binômio inclui e chama outros, extraídos do conjunto dos relatos evangélicos, e que nos conduzem ao núcleo fundamental da mensagem de Jesus. São como que “lentes de aumento”, “janelas” ou “pontos de referência” para uma leitura mais autêntica de todo o Novo Testamento – leitura bíblico-teológica e, ao mesmo tempo, espiritual e e sócio-pastoral. Podem servir, ainda, como lanternas para iluminar os corredores, não raro espaçosos, lugubres e escuros, de nossas casas religiosas.

Tais binômios, por outro lado, longe de constituírem gavetas encerradas em si mesmas, se revelam extremamente permeáveis entre si. Possuem inúmeros vasos comunicantes, onde diferentes enfoques da Palavra de Deus se cruzam, se ligam e se entrelaçam. Essa divisão, que certamente sofre de um certo simplismo, talvez ajude a compreender melhor alguns elementos vitais da mensagem evangélica e de sua luminosidade cristalina, não só para a VRC, mas para todo percurso cristão. O papa Francisco, aliás, desde o primeiro dia de sua eleição à cátedra de Pedro, vem seguindo esse caminho: regressar às fontes evangélicas onde a água é mais límpida e transparente. Os binômios a seguir convergem sobre a figura de Jesus de Nazaré e do Reino por Ele anunciado.

## 1. Reino de Deus e Boa-Nova

O primeiro desses binômios refere-se ao Reino de Deus como Boa-Nova que irrompe na história da salvação. Interpela a trajetória humana para, nela e através dela, abrir novas veredas. “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa-Nova” (Mc 1,15), diz Jesus, ao iniciar sua atividade pública. Dois conceitos complementares: o Reino de Deus “já” se manifesta desde o mistério da encarnação do Filho, mas “ainda não” brilha em toda sua plenitude, devendo esperar a segunda vinda gloriosa do Senhor no fim dos tempos (escatologia). A VRC, desde os seus primórdios, será um lugar privilegiado para manter viva e produtiva a chama dessa tensão permanente entre o “já” e o “ainda não” da Boa-Nova. E o será tanto mais agora que muitos de nossos povos estão sendo desprovidos de seus direitos fundamentais, de sua dignidade humana, às vezes até mesmo perseguidos e dizimados.

Ao longo da história hebraico-cristã, isso é motivo de intensa alegria, de esperança e de festa, simbolizada no banquete e na fartura do pão e do vinho.

Possibilidade de recomeço para quem se transviou pelo caminho; para quem se encontra órfão, só e perdido; para quem se sente excluído e marginalizado, à beira da estrada e da vida. Eis a novidade: o noivo está presente entre nós! “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e proclamar um ano aceito da parte Senhor” (Lc 4,18-19).

Nessa perspectiva, duas centralidades convergentes e indissociáveis marcam as palavras, os gestos, as atividades e toda a prática de Jesus. Por um lado, o Reino encontra-se no centro de sua mensagem. Em lugar de anunciar a si mesmo, cada palavra, cada ação e cada obra milagrosa apontam na direção do reinado do Pai. Outro exemplo relevante é o número de parábolas utilizadas para fazer entender em que consiste o Reino. Por outro lado, o pobre e o pecador arrependidos encontram-se no centro do Reino. Embora suas portas estejam abertas a todos, esses últimos têm a absoluta predileção do Mestre e “vos precederão na Casa de meu Pai” (Mt 28,32). Despojado da riqueza material e carente de um ambiente caloroso, o pobre mantém-se mais permeável aos raios da luz e de uma aurora nova que possa trazer novos horizontes.

Os religiosos e religiosas, através da *Sequela Christi*, são chamados a fazer a ponte entre a Boa-Nova, que vem revestida de luz e esplendor, e os que por ela anseiam, “ponte entre a Igreja e o mundo”. Convém lembrar que a notícia do Reino não é igual para todos: por paradoxal que pareça, ela é parcial. Faz uma opção preferencial pelos pobres. Seria uma injustiça tratar de forma igual situações tão desiguais. Como se lê no Evangelho de Lucas, será “bem-aventurança” para uns e um “ai” de ameaça para outros (Lc 6,20-26). De fato, quem nasce em berço de ouro e navega na opulência, tentando a todo custo manter o *status quo*, tende a fechar-se a qualquer mudança. Ao contrário, quem passou pela fronteira e vive nos porões e periferias da sociedade, tende a estar mais aberto à novidade do Reino. Em tempos de crise, talvez seja a opção corajosa pelos “pequenos, indefesos e os últimos”, como diria o papa Francisco, que nos salvará de uma VRC vazia e insípida, para não dizer amarga e sem sentido.

## 2. Tesouro e pérola

Estamos diante de duas palavras que fazem brilhar os olhos de qualquer comerciante e mesmo de qualquer pessoa de bom senso. *Tesouro* representa, normalmente, o que possuímos de mais precioso. Aquilo que, por isso mesmo, longe de expor à curiosidade e à cobiça alheias, mantemos oculto. “Onde está teu tesouro aí está teu coração”, diz uma frase evangélica (Mt 6,21). O tesouro faz vibrar o pulso, acelera o ritmo do sangue no corpo, preenche

o vazio da alma. Existe maior tesouro que o chamado à vida cristá e, em particular, à VRC? Toda vocação representa um tesouro sem igual. Daí a necessidade de cultivá-la como uma planta frágil, sem dúvida, mas pela graça de Deus plena de vigor e de potencialidades.

Jesus faz dessa preciosidade material uma metáfora para falar do que existe de mais precioso para a vida mística, relacional e espiritual. Para o caminho que leva ao Pai e ao próximo. Algo que, quando encontrado, nutre e põe em movimento todo o mecanismo vital do ser humano. Fé, esperança e caridade – as três virtudes teologais – revelam aqui toda a sua energia oculta. Daí a necessidade de comprar imediatamente o terreno que esconde o tesouro. O tesouro vale o terreno e muito mais. Desde um ponto de vista econômico, é a melhor coisa que poderia ocorrer a um comerciante; até um ponto de vista espiritual, é a melhor coisa que poderia ocorrer a quem busca o rosto de Deus. Do ponto de vista da VRC, vale sublinhar, é encontrar o horizonte da própria vocação. Ali estão um brilho intenso, um preço impagável e a paz eterna.

A pérola faz parte do tesouro, destaca-se como um de seus ingredientes. Quando a descobre, o comprador não quer saber de mais nada. Encontrou finalmente a maior jóia de sua vida. Não precisa correr atrás de outras bijuterias que o mercado oferece à exaustão. Transpondo isso para a vida humana e, em particular, para a VRC, a pessoa encontra na pérola e no tesouro o sentido último de sua existência. Pode dirigir seus projetos, seus caminhos e seus passos para a meta. “Por causa de Cristo, tudo o que eu considerava como lucro, agora considero como perda” (Fl 3,7).

De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Três perguntas existenciais, que nos acompanham do berço ao túmulo, do nascimento à morte. O tesouro e a pérola dão a essas perguntas um foco preciso e essencial. Basta de perder tempo atrás do que é secundário, supérfluo e descartável. Mais do que dispor de um copo de água, o ser humano conhece agora o caminho da própria fonte. A busca da água viva dessa fonte reveste-se então de um encontro repousante com o que existe de mais luminoso. Uma pergunta inquietante: até que ponto continuamos focados no carisma de nosso respectivo Instituto Religioso? Até que ponto estamos dispostos a retornar ao poço da fundação, no sentido de resgatar sua vitalidade inicial, com o objetivo de avançar para as periferias, onde precariamente habitam nossos povos?

### 3. Misericórdia e perdão

A misericórdia tem profundas raízes na História da Salvação. O Deus da aliança, em Israel é aquele que tem compaixão do povo escravo e oprimido no Egito. Vê sua aflição, ouve seu clamor, conhece seu sofrimento e desce para libertá-lo. Através do Mar Vermelho e do deserto, arranca-o das garras da tirania do Faraó, para conduzi-lo à terra prometida “onde corre leite e mel” (Dt 26,9). Revela-se o Deus do êxodo, do exílio e do desterro – o Deus do caminho.

Sob a nova opressão da monarquia e da diáspora, envia seus profetas para denunciar a exploração que pesa sobre o povo e anunciar a Nova Jerusalém Celeste (Is 65,17-25). Não o abandona nas terras do exílio, mas o reconduz ao solo pátrio, onde tem a possibilidade de recomeçar. Um Deus que, em lugar do templo e do palácio, do poder e dos sacrifícios, prefere seguir com seu povo pelos árduos caminhos da história. “Assim fala o Senhor: não serás tu que me construirás uma casa para eu morar, pois eu nunca morei numa casa desde o dia que fiz sair Israel até hoje. Passei de tenda em tenda, de morada em morada” (1Cr 17,4-5). Diante de tais palavras, que destino dar às nossas casas religiosas, tantas vezes grandes demais para as necessidades de uma existência sóbria, frugal e responsável?

Sendo misericordioso, é um Deus que perdoa. Jesus, imagem visível do Deus invisível, “jamais se cansa de perdoar”, adverte o Papa Francisco. “Somos nós que esquecemos de pedir perdão”. Talvez o perdão seja a maior contribuição do cristianismo à história da humanidade ou, mais corretamente, à trajetória do ocidente. São inúmeras as vezes que Jesus perdoa. Normalmente, em seu peregrinar pela Galileia, o perdão e a cura andam de mãos dadas. Significa oferecer ao pecador uma oportunidade sem igual de começar uma nova vida: hoje, aqui, agora! Poderá haver um presente mais precioso do que esse! Entretanto, quantas vezes a VRC parece nutrir-se de olhares oblíquos, palavras que destilam veneno e um mutismo que nos isola e nos fecha a toda e qualquer comunicação ou relação interpessoal. Se isso ocorre *ad intra*, o que pensar de nossas atividades *ad extra*? Podemos ser verdadeiros missionários se recusamos, antes disso, aprender o que significa ser discípulos do Mestre?

### 4. *Abbá* – o rosto do Pai

Em relação à tradição do Antigo Testamento, Jesus inaugura uma nova forma de rezar. Uma nova maneira de estar a sós com Deus. Passa noites inteiras em oração, dizem os evangelistas. Chama a Deus de “*Abbá*”, estabelecendo uma relação íntima, calorosa, familiar – algo como dirigir-se ao

papai, ao paizinho, dentro do próprio lar. Diminui a distância mantida por seus antepassados e por seus conterrâneos, devido ao “temor do Senhor”. Com o Pai, abre o coração, a mente e a alma. Põe a nu pensamentos, projetos, preocupações; mas também experiências, sentimentos, emoções. “O Pai e eu somos um”, dirá de forma lapidar depois da última ceia (Jo 10,30).

Busca no rosto do Pai a luz que possa iluminar seu caminhar, mas também a força, o conforto e a paz de que necessita para seguir adiante; o repouso e a serenidade de quem precisa tomar decisões sobre si mesmo e sobre os outros; o discernimento para os momentos de crise e escuridão, como no Getsemâni. Mas também leva até Ele os rostos desfigurados dos que clamam por justiça. “Cristo é o único sacerdote verdadeiro”, como diz a teologia da Carta aos Ebreus, o intercessor por excelência, que faz a ponte entre o amor do Pai e o sofrimento dos pobres. Pelo batismo e pela profissão religiosa, somos chamados a construir pequenas pontes entre o céu e a terra. As comunidades, paróquias e missões onde vivemos e atuamos conseguem ver em nosso semblante o brilho alegre desse papel de intercessores entre as chagas terrenas dos povos marginalizados e o bálsamo celeste?

Junto à luminosidade da face divina, Jesus intercede pelos discípulos, pelos doze e pelos que virão depois, como na oração sacerdotal, após o gesto do lava-pés, no capítulo 17 do Evangelho de João. Reveste-se de coragem para enfrentar a cruz, ao mesmo tempo que lembra ao Pai aqueles que, no decorrer dos tempos, serão perseguidos e crucificados – e que, por isso mesmo, necessitam de igual coragem. Com infinita confiança, põe nas mãos do Pai toda a humanidade que busca, luta, sofre e espera. “Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que vão crer em mim pela palavra deles (...) Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,20-21). Grande palavra de conforto: Jesus intercede pelos missionários e missionárias, religiosos e religiosas, evangelizadores e evangelizadoras de todos os tempos. Como traduzir isso em palavras e gestos concretos nos dias atuais e de acordo com os nossos carismas, distintos mas convergentes? Como transformar semelhante intercessão em presença viva e ativa junto aos povos cuja vida se encontra mais ameaçada?

A oração do Pai-Nosso (Lc 11,1-4) nasce de um desses momentos de profundo silêncio entre o Filho e o Pai. O rosto de Jesus certamente reflete o brilho do rosto do Pai, a tal ponto que os discípulos encantados solicitam que lhes ensine a rezar. O que os evangelistas transcrevem é muito mais do que uma simples fórmula a ser repetida aqui e ali. Trata-se antes de uma atitude de vida: na primeira parte, um olhar voltado para o Pai, na esperança de seu Reino; na segunda, um olhar direcionado às relações

humanas sadias e saudáveis. “Amarás o senhor, teu Deus (...) e ‘amarás teu próximo com a ti mesmo’. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos”, dirá Jesus em outra ocasião (Mt 22,37-40). O desafio aqui é conciliar oração, vida comunitária e missão. Não são gavetas estaques e separadas, mas dimensões indissociáveis do próprio seguimento de Jesus. De tal maneira que o tempo dedicado a uma dessas dimensões, longe de ser tempo subtraído às demais, constitui energia que as fortalece e qualifica.

## 5. Pobres e bem-aventuranças

Tomemos nas mãos a parábola do bom Samaritano (Lc 10,25-37), o resumo das atividades de Jesus (Mt 9,35-38) e o episódio do Juízo Final (Mt 25,31-46). Veremos que nos três casos, Jesus põe em cena, no centro do palco, respectivamente, o “caído” à beira da estrada, as “multidões cansadas e abatidas” e os famintos, sedentos, estrangeiros, desnudos, doentes e prisioneiros. Eles figuram como uma espécie de barômetro de nossa identidade de cristãos e mais ainda de religiosos consagrados. Eles serão nossos juizes, pois o que lhes fazemos ou deixamos de fazer representa o critério da própria salvação. “Vindes, benditos de meu Pai” (Mt 25,34)! Ou então: “Afastai-vos de mim, malditos” (Mt 25,41). E ainda: “Vai e faze tu a mesma coisa” (Lc 10,37).

Mas é sobretudo quando vem associado a uma determinada bem-aventurança que o marginalizado ou empobrecido ganha um protagonismo inteiramente novo e real, surpreendente e de todo inesperado. Tal correspondência binária entre sofrimento atual e esperança futura transparece no início do sermão da montanha (ou da planície): aos pobres, está reservado o Reino do Céu; os aflitos recebem a promessa de ser consolados; os mansos haverão de receber a terra em possessão; os que têm fome e sede de justiça serão saciados; aos misericordiosos se pagará com a mesma moeda da misericórdia; os puros de coração verão a face de Deus; os que promovem a paz chamar-se-ão filhos de Deus; aos que são perseguidos por causa da justiça receberão em herança o Reino do Céu (Mt 5,1-10).

A compaixão de Jesus diante desse desfile de desventurados contrasta com sua atitude diante dos saduceus, fariseus e escribas. De uma parte, “as entranhas se lhe estremecem de comoção” diante do sofrimento ou de quem pede socorro; de outra, prevalece o intransigente “mas ai de vós, os ricos”, que em Lucas segue o relato das bem-aventuranças (Lc 6,24-26). Neste sentido, os pobres bem poderiam fazer par com o Reino de Deus. De resto, as fronteiras aqui estabelecidas como binômios não passam de uma forma pedagógica de apresentar o núcleo da mensagem de Jesus. A

verdade é que, no fundo, todos os elementos escolhidos fazem par com os demais. Sem falar de outros aspectos igualmente nucleares.

Qual o nosso comportamento real e concreto diante dos poderosos e influentes, por um lado, e diante dos que nada têm a oferecer em troca, por outro? Ou, ainda, frente às situações tão injustas e assimétricas, como se comportaram nossos fundadores e fundadoras? Essas questões levantam com força o desafio da “fidelidade criativa”. No 50º aniversário da Carta Encíclica *Populorum Progressio*, publicada em 1967 pelo então Papa Paulo VI, convém retomar a temática das disparidades entre uma minoria rica e uma imensa maioria pobre. Por que o crescimento econômico associado ao progresso técnico, em lugar de promover o *desenvolvimento integral*, vem conduzindo a uma disparidade crescente? O “desenvolvimento é o novo nome da paz”, diz o documento, apontando para a necessidade de uma melhor distribuição de renda. Onde e como entram em cena os religiosos e religiosas no combate vigoroso a tamanhos desequilíbrios socioeconômicos?

Não se trata de imitar os passos daqueles que nos precederam, pois o contexto histórico está em constante mudança. Imitar e seguir são coisas bem distintas. Enquanto *imitar*, pura e simplesmente, pode ser uma forma de inércia e até mesmo de traição diante das exigências do carisma, *seguir*, ao invés, é uma atitude que requer uma recriação laboriosa e atualizada do espírito genuíno de suas intuições evangelicamente fecundas. É o que lembra o novo documento da Potifícia Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Apostólica – *Per vino nuovo otri nuovi (Para vinho novo, odres novos)* – que se coloca na linha “de um exercício de discernimento evangélico, no qual busca-se reconhecer, à luz do espírito, aquele ‘apelo’ que Deus faz ressoar na própria situação histórica: mesmo nela e através dela, Deus chama”.<sup>2</sup> E mais adiante: “A situação de mudança acelerada corre o risco de distorcer a VRC, constringindo-a a viver de emergências e não de horizontes (...), o que resulta numa “contínua gestão de emergências”.<sup>3</sup>

## 6. Profecia e Itinerância

Jesus nasce longe da terra de seus familiares e morre fora dos muros da cidade. Desde o berço, junto com a família, conhece os caminhos da migração e do exílio. Em Belém, escreve o evangelista, “Ela deu à luz ao seu filho

2 CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Para vinho novo, odres novos. A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto. Documento da Igreja 35. Brasília, Edições CNBB. 2017, Introdução.*

3 *Ibidem*, n. 8.

primogênito, envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2,7). Em Jerusalém, como diz o apóstolo Paulo, “Cristo nos resgatou da maldição da Lei, tornando-se ele próprio um maldito em nosso favor, pois est: ‘Maldito todo aquele que for suspenso no madeiro’” (Gl 3,13). Todo o condenado à crucifixão vinha, portanto, arrastado para fora da cidade, onde deveria cumprir sua pena.

Mas a sua prática pastoral também é marcada pela itinerância. Como judeu, evidentemente, frequentava o templo e a sinagoga. Mas seu agir cotidiano o leva às estradas da Galileia, da Samaria e da Judeia, até chegar a Jerusalém. O evangelista Mateus, como vimos, diz que “Jesús encontrava “as multidões cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor”, e delas se compadece. Tais “multidões cansadas e abatidas”, aqui e agora, não são justamente os nossos povos que, em desespero, buscam um sopro de vida? Como traduzir na prática a “compaixão e a misericórdia” de Jesus, colocando a serviço deles os recursos humanos e financeiros de que dispõem nossos institutos e congregações?

Em lugar de esperar pelos necessitados, o homem de Nazaré vai ao encontro deles. E sua caravana jamais atropela quem sofre: sempre se detém diante daqueles que pedem socorro, como os dois cegos de nascença, a mulher que padecia de fluxo de sangue ou a mãe que perdera seu único filho. Podemos afirmar, sem medo de exagero, que sua pedagogia evangelizadora consistia justamente em provocar encontros nas encruzilhadas dos caminhos. O exemplos são inúmeros, mas basta citar o caso do diálogo entre Jesus e a mulher samaritana, à beira do poço, no Quarto Evangelho (Jo 4,7-42). Eis sua missão: oferecer água viva aos que possuem a alma ressecada. Daí o entusiasmo da estrangeira e a pronta conversão de seus conterrâneos. Com razão dirá o Nazareno, em outra frase lapidar do mesmo Evangelho, desta vez em forma de trinômio: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6). Deslocar-se com coragem do centro para a periferia para, num segundo momento, evangelizar a partir do ponto de vista dos pobres e excluídos. Que significa isso na VRC de nossos dias?

O profeta itinerante se atém aos dois aspectos fundamentais do profetismo do Antigo Testamento. Por um lado, aponta o dedo em riste sobre os poderosos que marginalizam e abandonam os indefesos e mais vulneráveis, *denunciando* com vigor o sistema socioeconômico, político e cultural-religioso que, quase automaticamente, identifica “o pobre, o doente e o pecador”. Por outro lado, *anuncia-lhes* a chegada do Reino de Deus, no qual o Pai abre as portas àqueles cuja vida se encontra em perigo. Novamente, aqui, veemência profética e misericórdia se cruzam e recruzam nas

andanças do Mestre. Vale perguntar se, enquanto religiosos e religiosas, temos respectivamente a mesma firmeza e a mesma caridade. Onde foram parar, por outro lado, o chamado trabalho de base, de “formiguinha” ou as visitas às famílias – coisas que, no decorrer da história, tanto distinguiu a presença cotidiana de inúmeros coirmãos e coirmãs?

## 7. *Kenosis e koinonia*

No meio sociocultural em que vivemos, a tentação do prestígio é vista como sinônimo de sucesso. Vitória sobre o concorrente e derrota dos adversários. Daí o gosto pelo espetáculo e pelos shows pirotécnicos, tudo diante das câmaras, dos holofotes e dos microfones. Disso resulta o desfile das celebridades que ilumina e fascina o olhar televisivo e virtual. A competição sem freios leva-nos facilmente ao *homo homini lupus* (o homem é o lobo do homem), frase que, tendo origem na antiguidade, foi desenvolvida e popularizada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes. O sucesso de alguns representa a desgraça de outros. Além disso, raramente nos damos conta que buscar o sentido da vida cristã do sucesso é como caminhar sobre o fio de uma navalha: ao sucesso, de fato, segue-se com frequência o fracasso. “Quanto mais alto se sobe, maior será a queda”, diz com razão a sabedoria popular.

Contra essa aposta no sucesso pelo sucesso, contrapõe-se o conceito evangélico de *kenosis*. “Sendo de condição divina, Jesus não se apegou a essa igualdade com Deus, mas humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz” – diz o apóstolo Paulo no hino da Carta aos Filipenses (Fl 2,5-11). Em lugar de aferrar-se a seus títulos e à sua glória, desnudou-se de todo prestígio, esvaziou-se a si mesmo e se colocou a serviço dos marginalizados, dos indefesos e dos necessitados, isto é, dos povos ameaçados. Até ao fim e ao extremo, em todas as circunstâncias, o seu objetivo central será obedecer ao projeto do Pai, o qual, por isso mesmo, “o exalta e lhe dá um nome que está acima de qualquer outro de todo nome”. Quantas vezes substituímos o “ser religioso(a)” pelo “ter, fazer, produzir, parecer”, buscando sucesso e celebridade através de títulos, carreirismo e projetos personalizados?

Irmã gêmea do prestígio é a tentação do domínio, que inclui a ambição do dinheiro, a posse sobre a riqueza e o poder de influência sobre os demais. Cresce, assim, o autoritarismo, que nada mais é do que a negação da autoridade: possuir, explorar, acumular, esquecendo as exigências da justiça, da ética e da solidariedade. De um ponto de vista bíblico-teológico, a verdadeira autoridade nasce da conexão entre o projeto de Deus e o serviço aos pobres. Autoridade, neste caso, reflete-se no serviço ao bem-estar de todos. O contrário disso é justamente a obsessão pela posse das coisas e dos outros,

o domínio sobre tudo e todos. Obsessão que, quando elevada à última potência, degenera em trágico totalitarismo, regime predatório e funesto que tanto marcou a década de 1930. Olhando para o interior da VRC, constata-se que o autoritarismo e o servilismo – dois lados da mesma moeda – não estão exorcizados no dia a dia da vida consagrada e comunitária.

Corre-se o risco de passar de um extremo ao outro: ou uma férrea autoridade correspondente à obediência cega, de um lado, ou, de outro, um “pseudodiálogo” permissivo e irresponsável que, não querendo maiores problemas, deixa cada um seguir seu projeto por conta própria. Ou, ainda, o monólogo entre surdos. Entre um pólo e outro, encontra-se o caminho longo e trabalhoso do verdadeiro diálogo. Sem sombra de dúvida, o exercício do poder no interior da VRC consiste em um dos desafios mais empenhativos. Como evitar os extremos, favorecendo a participação de todos na avaliação e discernimento da vontade de Deus? Não há varinha mágica. O que realmente necessitamos é respeito pelo outro(a), empatia, escuta e caridade. Deus nos livre dos projetos que levam o nome de pessoas ainda vivas: costumam desaparecer juntamente com a morte de seus detentores. Todo projeto deve ser elaborado, executado e avaliado de forma conjunta. Ainda uma vez, oração, vivência comunitária e missão devem andar de braços dados, cada uma das dimensões complementado, interpelando e enriquecendo as outras.

## 8. Cruz e ressurreição

De um ponto de vista humano, a paixão, crucifixão e morte de Jesus representam o ato final da tragédia. Um fracasso total, uma verdadeira derrota. A luz se extingue e a terra permanece nas trevas. Escuridão e silêncio caem como chumbo naquela sexta-feira e sábado sombrios. Por todo o universo impera o terror. Enquanto uns voltam para casa depois de cumprir a sentença da execução, outros fogem espavoridos pelo medo. E outros, ainda, choram a perda do Homem de Nazaré e seu projeto. Todos e cada um sentem-se mais ou menos sós, órfãos e perdidos. O que fazer?

Felizmente não é essa a cena final descrita pelos evangelistas. A morte não tem a última palavra. Ao submeter-se a ela de forma tão cruenta, Jesus vence-a em seu próprio campo. O Pai intervém para libertá-lo do poder do inferno e conduzi-lo ao Reino da paz. Devolve ao Filho a vida e a liberdade. Jesus está vivo, ressuscitou dos mortos! Encontra-se com Maria Madalena, caminha com os discípulos de Emaús, aparece aos doze e a tantos outros. A passagem através do sofrimento, morte e ressurreição revela de forma definitiva a vitória da luz sobre as trevas, o poder do Supremo bem sobre todas as forças do mal e do maligno.

Mas o mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus, além de revelar a glória divina, revela também todas as potencialidades inerentes ao ser humano. Durante a vida e no ato de sua entrega total na cruz, Jesus esgota todas as possibilidades humanas de amar. Põe em prática um amor gratuito, sem reservas e sem limites. “Ninguém tem amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). E ainda: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim!” (Jo 13,1) Revela-se, dessa forma, simultaneamente humano-divino ou divino-humano.

A isso somos chamados pela vocação à Vida Religiosa Consagrada, como também à vida cristã em geral. “Quem quiser salvar sua vida, a perderá; mas quem perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará” (Mc 8,35). Para salvar a própria vida, Jesus nos propõe um *desvio*, na expressão do filósofo e teólogo K. Berger.<sup>4</sup> Em uma palavra, para encontrar-se, na mais profunda potencialidade da existência humana, é preciso sair de si mesmo, ir ao encontro de Deus e do próximo, doar a própria vida para retornar a si mesmo e reconhecer-se no projeto divino da salvação. Isso pode levar à cruz, sem dúvida, mas aponta o sol luminoso e eterno da ressurreição.

## Conclusão

Resta concluir que “anunciar o Evangelho” não se reduz em defender um programa socioeconômico e político determinado, por uma parte, nem a cumprir rigorosamente uma série de rituais e de formalismos externos com uma idumentária exótica e vistosa, por outra. Esses dois extremos perseguem hoje não poucas “vocações” religiosas, tanto masculinas como femininas. O Reino de Deus, de fato, ultrapassa toda e qualquer formação, seja histórica, seja religiosa, permanecendo como um horizonte a ser alcançado para além de nossa peregrinação terrena, na comunhão eterna com o Ressuscitado.

O binômios descritos nos parágrafos acima, extraídos dos relatos evangélicos, podem servir como pontos de referência, como já vimos, para nos orientar em dupla dimensão: no anúncio explícito da Boa-Nova de Jesus Cristo e no testemunho vivo e fraterno de uma doação consagrada. Oração, missão e vida comunitária andam de mãos dadas. Está em jogo a sequela Christi, vivenciada como serviço em defesa da vida e da dignidade humana de nossos povos.

---

4 BERGER, Klaus. *Gesù*, Editrice Queriniana, Brescia, 2006, p. 209-215.